DESAFIANDO O RIO-MAR

Descendo o Branco V

HIRAM REIS E SILVA

A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), no dia 19 de março, de manter a demarcação da reserva Raposa e Serra do Sol, em Roraima, fronteira do Brasil com a Guiana e a Venezuela, tem apenas um triste e melancólico significado – colocar a soberania brasileira em cheque.

O território pertence agora a cinco "*nações indígenas*" e nela não poderão viver ou sequer transitar os chamados "*não índios*", porque os facínoras do Conselho Indigenista de Roraima (CIR) não os reconhecem como irmãos brasileiros

A equivocada decisão de nossos "*doutos*" magistrados foi amparada em leis e portarias, mas não na Constituição Brasileira.

(Hiram Reis e Silva)

Sumário

Índice de Imagens

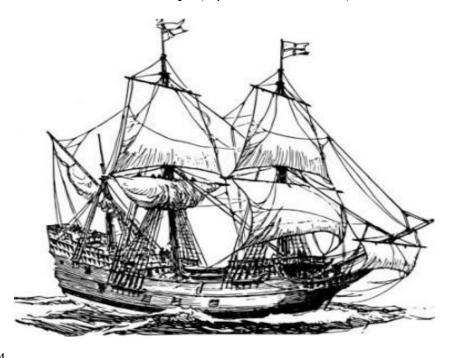
Índice de Poesias

Naufrágio do Coração
(Mucio Teixeira)

Viste, Poeta! a nau das minhas alegrias
Ir bordejando além, por esse Mar a fora?
Foi cheia de ilusões, de crenças, de utopias.
E o que há de ser de mim, sem ter mais nada, agora?

Como é triste lembrar que se foi tudo embora,
Nessa nau, tão pequena e frágil, que ontem vias
Ancorada na praia, alegre como a aurora,
Tremendo ao perpassar das rijas ventanias!

Agora, no alto mar, os vagalhões do oceano
A lutar e a rugir, num desespero insano,
Lançam-na à solidão da eterna profundez!

Que naufrágio! E ao Mar as naus se precipitam...
O Mar – é esta existência, onde as paixões se agitam:
E a nau – é o coração, que enchi de mais, talvez!

Fariseus da Comissão da Mentira

Ainda que eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei de onde vim, e para onde vou; mas vós não sabeis de onde venho, nem para onde vou. (Bíblia Sagrada, João 8:14)

Nós somos sábios, e a lei do Senhor está conosco? Mas eis que a falsa pena dos escribas a converteu em mentira. (Bíblia Sagrada Jeremias 8:8)

É o que ele faz em todas as suas cartas, nas quais fala nesses assuntos. Nelas há algumas passagens difíceis de entender, cujo sentido os espíritos ignorantes ou pouco fortalecidos deturpam, para a sua própria ruína, como o fazem também com as demais Escrituras. (II Pedro 3:16).

Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, de modo algum entrareis no reino dos céus. (Mateus 5:20)

Mais uma vez os hipócritas da "*Comissão da 'In'Verdade*", que queriam impor na "*Terra Brasilis*" o "*democrático*" regime comunista, tentam denegrir a imagem do Exército Brasileiro acusando-o agora de extermínio de índios Waimiri Atroari. Baseados em testemunho de personagens sem nenhuma credibilidade e fazendo afirmações sem apresentar qualquer tipo de provas fundamentadas.

Participei, em 1982/3 da manutenção da BR-174, e seria no mínimo estranho, para não dizer surreal, que aqueles que hoje nos acusam nos tratassem, na época, com tanto carinho, respeito e irrefutável confiança. Vejamos a notícia estampada em um falacioso "*pasquim*" nacional.

Folha de S. Paulo – São Paulo, SP
Quarta-feira, 23.08.2017

Procuradoria quer Indenização e Desculpas a Índios por Violações na Ditadura

[Rubens Valente de Brasília]

O Ministério Público Federal ajuizou uma ação civil pública na Justiça Federal do Amazonas contra a União e a Funai [Fundação Nacional do Índio] pela qual requer uma indenização de R$ 50 milhões e pedido oficial de desculpas aos índios Waimiri-Atroari por danos sofridos pela etnia durante a ditadura militar [1964-1985]. [...] Em anexo ao relatório final divulgado em 2014, a CNV [Comissão Nacional da Verdade] calculou que 2.650 índios ([1]) Waimiri-Atroari tenham morrido em consequência das obras de abertura da rodovia BR-174, que liga Manaus [AM] a Boa Vista [RR]. A obra foi realizada pelo Exército de 1968 a 1977. [...]

Em novembro de 1974, o responsável pelas obras, o general Gentil Nogueira Paes, então comandante do 2° GEC [Grupamento de Engenharia e Construção], subordinado ([2]) ao 6° BEC [6° Batalhão de Engenharia e Construção], distribuiu um memorando autorizando as tropas a "*realizar pequenas demonstrações de força, para mostrar os efeitos de uma rajada de metralhadora, de granadas defensivas e da destruição pelo uso da dinamite*".

---

[1] O mais interessante é que nunca foi, em tempo algum, realizado qualquer tipo de recenseamento oficial da mencionada população indígena. Visitei, quando comandava a 1ª Cia de E Cnst, as seis aldeias dos WA, quando lá estava, e a população de cada uma delas era inferior a 60 indivíduos.

[2] Subordinado: * CORRIGINDO * – ao qual estava subordinado.

DEPOIMENTOS

> Os procuradores da República colheram depoimentos de operários e indígenas que confirmaram essas demonstrações de força. O operário Raimundo Pereira Silva disse ao Comitê da Verdade do Amazonas que os índios "*eram levados em uma caçamba para o acampamento do BEC, faziam eles descerem e davam 600 tiros. Os índios ficavam tremendo*".
>
> Em depoimento aos procuradores da República, Manoel Paulino, índio da etnia Karapanã contratada pela Funai para atuar na obra, disse ter visto indígenas mortos. "*Eu vi corpos dos índios trazidos em uma caçamba e serem jogados no buraco da terraplanagem. Vi cinco caçambas com índios*". [...] (FOLHA DE SÃO PAULO, 23.08.2017)

Tive nas minhas mão o tal documento que menciona o emprego de forças de dissuasão ([3]). Após o "*Massacre dos Maranhenses*", no dia 18.11.1974, era necessário tomar providências que garantissem a integridade física dos trabalhadores.

Foi então que o General Gentil determinou que houvesse uma tropa garantindo a segurança das equipes destacadas. Em nenhuma oportunidade, porém, foi necessário disparar tiros para o alto ou empregar qualquer outro meio de dissuasão.

O histórico de ataques dos WA nos mostra que eles só atacavam quando o "*inimigo*" estava em menor número e/ou desarmado, o que não acontecia agora com as equipes de terraplenagem.

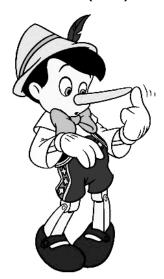
---

[3] Esclarece-nos o Dicionário Michaelis:
Dissuadir: fazer [alguém ou a si mesmo] mudar de ideia, abandonar uma decisão; despersuadir[-se]: "*A senhora podia […] dissuadi-lo de tais ideias, dizendo-lhe simplesmente a verdade e dando-lhe conselhos […]*". Dissuadiu-se de viajar quando soube da grande festa.

Os indígenas, que se acercavam de nossas equipes de construção eram contemplados com produtos de nosso rancho que comiam com sofreguidão descomedida, portanto, as únicas baixas que tivemos após o histórico "*Massacre dos Maranhenses*" foram nossos escassos gêneros alimentícios.

É interessante que, naqueles tempos, os visitava, com minha família, esposa e filhas, uma de 3 meses e outra de um ano e meio, sem qualquer temor.

Pena que hoje eles tenham assimilado da "*civilização*" suas piores qualidades tentando à todo custo auferir lucro mesmo que tenham de vender suas almas ao próprio belzebu.

É justa a interrupção, a partir das 18h00, de uma Estrada Federal? É correto deixar o Estado de Roraima, refém da energia produzida pela convulsionada Venezuela quando poderíamos construir um linhão atravessando a reserva WA levando energia de Tucuruí e ao Sistema Integrado Nacional (SIN)?

Raimundo Pereira da Silva

Um Farsante

As contradições em torno das declarações do ex-funcionário Raimundo Pereira da Silva, do 6° Batalhão de Engenharia de Construção, são enormes e só a tal da "*Comissão da 'In'Verdade*" é capaz de qualificá-lo como testemunha idônea. Raimundo foi admitido no dia 03.05.1974 e pediu demissão em 30.05.1974.

ANEXO 2

Relatório da Comissão Nacional da Verdade

Raimundo Pereira da Silva, ex-mateiro da FUNAI que trabalhou na abertura da BR-174, testemunhou a atuação do Batalhão de Infantaria na Selva [BIS] e informa como o desaparecimento de muitos índios se relacionava diretamente com a atuação do batalhão:

> Eu fiquei impressionado porque, antes do Exército entrar, a gente viu muito índio, muito índio. E eles saíam no barraco da gente, muito, muito, muito [...]. Depois que o BIS entrou, nós não vimos mais índios [...]. Antes cansou de chegar 300, 400 índios no barraco da gente. ([4])

---

[4] SCHWADE, Egydio; SCHWADE, Tiago Maiká Müller (Orgs.). *Entrevista* com Raimundo Pereira da Silva sobre a construção da BR-174. 11.10.2012.

ANEXO 3

Relatório do Comitê Estadual da Verdade do Amazonas

Estatística da FUNAI de 1972 refere que *"na periferia do posto de atração do Alalau, à margem direita do Rio Alalau, moravam 300 indígenas. Além das aldeias dos capitães Nenen, Juani, Elza e Comprido".*

Informação confirmada por Raimundo Pereira da Silva, que trabalhou como mateiro na abertura da picada da rodovia, no grupo que seguia no sentido de Roraima, entre 1972 e 1977 ([5]):

> **Raimundo Pereira da Silva** – Agora eu fiquei impressionado porque antes do Exército entrar, a gente via muito índio, muito índio.
>
> **Tiago Maiká Müller Schwade** – é mesmo?
>
> **Raimundo Pereira da Silva** – É, eles saiam no barraco da gente, muito, muito, muito. Eu tinha um bocado de coroa de ouro, eu. Eles eram doidos pra

---

[5] Funcionário Raimundo Pereira da Silva que serviu no 6° BEC, na época da abertura da estrada:
CPF 027 876 012-00;
Identidade: 11298/RR;
Filiação: Florência Pereira da Silva;
Nascimento: 25.05.1951, Vitória, Maranhão;
Foi admitido em: 03.05.1974;
Demissão a pedido: 30.05.1974.
Trabalhou 27 dias apenas e não era mais funcionário do 6° BEC em 1975.

me levar pra lá, eles falavam: "*maroca, maroca, maroca, vamo embora, maroca, maroca*". Eu dizia "*não, Manaus, Manaus, Manaus*". Eles: "*não, maroca, maroca*", pra me levar pra lá. Todos os dias esses vinham com aquela conversa.

Egydio Schwade – E quase todos os dias eles te encontravam?

Raimundo Pereira da Silva – Todo dia. [...]

Raimundo Pereira da Silva – Depois que o BIS [Batalhão de Infantaria na Selva] entrou, nós não vimos mais índios.

Egydio Schwade – Mas antes disso?

Raimundo Pereira da Silva – Antes cansou de chegar 300 – 400 índios no barraco da gente. É... Levavam tudo que a gente tinha. A gente tinha medo, sabe e esses índios aí não pediam, não tomava. Era troca, troca, troca. Davam uma flecha, qualquer coisa deles.

Na mesma entrevista, o trabalhador ainda revela que, em 1976 ([56]), quando já haviam realizado a travessia do rio Alalaú, o Exército encontrou um grupo de indígenas:

Raimundo Pereira da Silva – Eles acharam um grupo de índios, duns... uns 30 índios, o BIS. Aí trouxe pra cá, chegou, eles deram 600 tiros aberando os índios.

Egydio Schwade – Perto deles?

Raimundo Pereira da Silva – É, perto deles. Índio ficava com medo, medo. E eles empurravam eles na boca do pau, pra subir na caçamba. "Sobe na caçamba!", empurravam na boca do pau. Rapaz índio ficavam assim ó, se tremendo.

Imagem 01 – Raimundo Pereira da Silva

Egydio Schwade – Depois dos tiros?

Raimundo Pereira da Silva – Depois dos tiros. Aí botavam na caçamba e iam deixar lá na estrada. Agora lá nós não íamos, os civis não iam. Só o Exército. Nós não sabe se eles matavam eles lá ou soltavam. Civil nenhum sabe.

ANEXO 13

Relatório do Comitê Estadual da Verdade do Amazonas

INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO N° 1.13.000.001356/2012-07

Objeto: "*Apurar a responsabilidade do Estado brasileiro pelas violações dos direitos do povo indígena Waimiri Atroari durante a construção da Rodovia BR-174*"

TERMO DE DEPOIMENTO
RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA

No dia 02.06.2014, às 10h00, na Casa de Cultura Urubuí, [...] compareceu RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA, [...] que prestou as seguintes declarações: [...]

Havia muitos índios. Apareciam mais de cem. Fui até o final da picada, passei pela área indígena inteira. Sempre encontrei com muitos índios. A maior parte dos índios estavam da área que vai do Abonari até 20 quilômetros depois do Alalau. Acho que havia uns 10 mil índios (**???**), em 28 malocas, pelo que o BEC falou.

Vi apenas duas malocas. Uma no km 25, depois do Alalau, e a outra no km 28. O barracão ficava perto, uns cinquenta metros. Creio que havia de quinhentos a seiscentos índios em uma maloca (**???**). O André me disse uma vez que tinha seiscentos índios (**???**). Eles me convidavam para entrar na maloca. Comia anta, com o próprio couro. Eu me reunia com eles. [...]

Lembro bem da morte do Gilberto Figueiredo. Foi em 29.12.1975 ([6]). Estávamos no acampamento do 6° BEC no Abonari. Estávamos nos aprontando para entrar na região do Alalau. A estrada na região do Alalau ainda não estava pronta.

No dia anterior, vi o Gilberto. Estava com os índios. O Capitão Bonilla mandou deixá-los no Abonari. Nós acompanhamos o Gilberto até a canoa, ele estava com os índios, daí ele foi para o posto. Os índios dormiram no posto da FUNAI, que ficava a 6 km dali. No dia seguinte, o Capitão Bonilla pegou o avião pra Manaus e viu, do alto, o Gilberto morto, daí voltou. [...]

---

[6] Demissão a pedido: 30.05.1974.

> Depois desse fato, voltamos ao acampamento no km 30. Ficamos lá uns 10, 15 dias. Um dia vi passando 43 carros do BIS, cheios de soldados [jipes, carros fechados, camuflados]. Eu lembro que eram 43, porque contei. Passaram dois aviões do BIS. Antes não havia avião do Exército. O avião passou por lá seis dias. O Exército dizia que o BIS ia fazer uma manobra para conhecer a região, poder entrar para trabalhar. Os carros voltaram depois de seis dias. [...]
>
> Depois da morte do Gilberto, os únicos índios que vi eram uns 20 que foram empurrados por soldados do BIS para o caminhão. Eles iam ser levados para o acampamento. Os índios tremiam. Ao chegarem no acampamento, deram 600 tiros para assustar os índios. Os índios saíram correndo. Nunca mais vi índios. [...]
>
> Não vi carro ou caminhão levando índios mortos em grande quantidade. Só sei dos casos em que íamos resgatar, e nesses casos levávamos até o avião.

As contradições numéricas quanto a estimativa populacional do Waimiri-Atroari são evidentes. Embora a FUNAI defenda que eram 3.000 segundo um alegado sobrevoo do Padre Calleri sobre a reserva, em 1968. Nenhum recenseador sério consideraria esses números corretos. Realizei dois sobrevoos na região, em 1982, acompanhado do Padre Giuseppe Craveiro, na época, Coordenador do Núcleo de Apoio. Waimiri-Atroari, que me apontou algumas aldeias abandonadas e que lá de cima poderia se imaginar habitadas.

Com a escassez de caça os WA migravam para outra Aldeia e às vezes retornavam aquela de origem. Não raras vezes a Aldeia tinha ser queimada em virtude da invasão de roedores e insetos ou mesmo em decorrência de surtos de sarampo ou gripe.

Numa de minhas visitas às aldeias WA encontrei um senhor idoso conhecido como Capitão Tomáz. Comentei a respeito das doenças que minavam a saúde de seu povo e de nossa intenção de vaciná-los já que o atendimento da Funai se resumia em evacuá-los para Manaus.

Tomáz emocionado, me confidenciou que o costume do WA de adotar crianças capturadas durante os ataques e o contato furtivo com brancos que os assediavam, sem autorização da FUNAI, para presenteá-los com diversos artefatos, e roupas usadas, tinha trazido uma terrível maldição para os WA.

Muitos idosos e crianças morreram depois de sua chegada. Sem saber os WA trouxeram para suas Aldeias uma bomba bacteriológica implacável.

INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO
N° 1.13.000.001356/2012-07

TERMO DE DEPOIMENTO JOSÉ PORFÍRIO FONTENELE DE CARVALHO

> No dia 20.03.2014, às 10h30min, na sede da Procuradoria da República no Amazonas, compareceu JOSÉ PORFIRIO FONTENELE DE CARVALHO, [...], que prestou as seguintes declarações: [...] Nesta época, tomávamos contato com os índios navegando pelos rios Camanau e Uatumã. Não nos era permitido entrar nas aldeias.
>
> Em 1969, fizemos um voo pela área, eu e Gilberto, quando identificamos 15 malocas diferentes na região. Concluímos em 1971 um trabalho, oportunidade em que fizemos uma estimativa de que cada maloca possuía 100 indígenas, o que daria mais ou menos 1.500 indígenas. Neste ano de 1971 foi criada a reserva. [...]

DIÁRIO DO PARÁ

Índios foram ver para crer

Imagem 02 – Diário do Pará, n° 1.390, 08.05.1987

Sobre o relatório de Gilberto, que, em 1973, estimava a existência de 600 a 1.000 indígenas, tenho a impressão de que isso se deve ao que ele conhecia. Ele não levou em consideração os Atroari, o que se depreende das informações acerca dos rios que ele menciona. [...] Sobre o episódio em que houve o sobrevoo da maloca do Comprido, cuja foto está no livro, tenho certeza de que os índios mesmos queimaram a maloca. Não foi o Exército que a queimou. O próprio Mário Parwe confirma isso. Fizeram isso para se proteger. [...] Em 1977, houve uma epidemia de sarampo, que segundo a conta da FUNAI, teria atingido 21 indígenas. Deve ter morrido mais, pois houve fuga para dentro da mata.

INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO N° 1.13.000.001356/2012-07

TERMO DE DEPOIMENTO SEBASTIÃO AMÂNCIO DA COSTA

No dia 25.11.2014, às 09:00, na sede da Procuradoria da República no Amazonas, compareceu SEBASTIÃO AMÂNCIO DA COSTA, que prestou as seguintes declarações: [...]

Foi feita uma maquete da hidrelétrica, mas achamos que os índios não saberiam o alcance disso, então alguns índios foram a Tucuruí. Os líderes principais eram o Mário e o Viana. Explicamos o que seria Balbina e o que seria a estrada. [...] Cheguei a conhecer o Comprido, Maruaga era o líder principal. Eles também estavam. Era de praxe fazer reuniões com os líderes para evitar que se repetissem ataques. Foi o que ocorreu após o ataque a Gilberto. Conversei com os líderes Mário e Viana e passei as informações, eles retransmitiam aos demais, uma conversa tranquila, os índios manifestavam preocupação com a existência de doenças. [...]

Viana tinha poucos anos nesta época e já despontava, assim como Mário, como líder natural. Conheciam toda a história da terra indígena. Sobre as mortes, estive meses no Rio Purus num momento posterior com Mário e Viana, tínhamos uma intimidade muito grande, eles nunca comentaram qualquer morte por parte da frente e do Exército. Sobre a morte de Comprido, nunca ouvi falar de qualquer suspeita de que Mário e Viana seriam responsáveis. A área Waimiri Atroari sempre foi um tabu para pessoas interessadas em obter recursos financeiros lá dentro. Sobre a alegação de que havia 6.000 índios lá, não era possível fazer censo, devido às dificuldades de contato, então não era possível estimar isso. [...] Não havia entrega de presentes, nosso contato era de reciprocidade. Confiávamos na relação de amizade. Havia um convívio diário, com visitas às aldeias, em que buscávamos ser aceitos. Eu ia com alguns funcionários, como João Dionísio, Paulo e outros da equipe de João Dionísio. José Porfirio de Carvalho não trabalhava lá nesta época. Na época do Gilberto, ele ficava na retaguarda de apoio, era administrador regional, oferecia meios para que os trabalhos ocorressem: alimentação, combustível, viatura, armas [apenas para caça e pesca]. [...]

A falta de notícias sobre a presença dos indígenas após 75 deve-se ao fruto de nosso trabalho. As áreas são muito extensas, eles fazem visitas uns aos outros, possuem a caça e a pesca. Com relação à falta de documentos da época, o serviço de comunicação da FUNAI possui informações diárias sobre a atuação. Eu não fazia relatórios periódicos, apenas quando havia algum fato a ser informado à FUNAI de Brasília. [...]

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Of. N° 19/74 – 1ª DR
Do: Subcoordenador Manaus, 02.07.1974
Ao: Sr. Comandante do 6° BEC
Boa Vista – Roraima

Senhor Comandante,

Agradecemos a honrosa visita que nos foi feita pelo Subcomandante desse Batalhão de Construção, Major Kuhner, quando nos trouxe os cumprimentos desse Comando nos comunicando a reabertura dos trabalhos na Estrada BR-174, Manaus – Boa Vista, a cargo desse comando, apresentamos na oportunidade os nossos cumprimentos, enviando votos de êxitos na missão confiada a V. Sª e seus comandados.

Como e do conhecimento de V. Sª a estrada BR–174 – cruza a reserva Indígena dos índios Waimiris-Atroari, sob jurisdição desta Sub-Coordenação e, pelo fato merece que levemos ao conhecimento desse comando, o seguinte.

Os índios Waimiri-Atroari, do grupo Karib, com população estimada na área compreendida entre os rios Santo Antônio do Abonari, Jauaperi e seus afluentes da margem esquerda [Rio Alalau e Branquinho] e Rio Uatumã, de 1.200 indivíduos encontram-se ainda em estado primitivo e arredios com contatos isolados, exigindo assim de nossa sociedade, cuidados especiais para que não sejam ultrajados os seus costumes e ritos, assim como não lhes sejam impostos novas necessidades e males.

Os principais males que as sociedades, ditas civilizadas, tem levado aos povos primitivos, são as doenças que atingem em cheio, seu físico totalmente desprovido das resistências contra as nossas doenças:

Baseados em experiências em outras áreas onde foram realizados trabalhos semelhantes, estrada Transamazônica, e outras, ainda nos termos do Estatuto do Índio e visando ainda salvaguardar a integridade física e social dos silvícolas habitantes na citada área, tomamos a liberdade de solicitar a V. Sª a observação das seguintes recomendações, para serem observadas pois as pessoas que irão trabalhar e circular dentro da área habitada pelos índios:

> a) Evitar, até segunda recomendação, a presença de pessoas do sexo feminino no trecho de reserva Waimiri-Atroari. [...]

RAIMUNDO PEREIRA, EGYDIO SCHWADE E A COMISSÃO DA VERDADE MENTEM!!!

Martín Fierro II
(José Hernández)

I

[…] Yo soy toro en mi rodeo
Y torero en rodeo ajeno;
Siempre me tuve por güeno
Y si me quieren probar
Salgan otros a cantar
Y veremos quién es menos.

No me hago al lao de la güeya
Aunque vengan degollando;
Con los blandos yo soy blando
Y soy duro con los duros,
Y ninguno en un apuro
Me ha visto andar tutubiando.

En el peligro ¡qué Cristos!
El corazón se me enancha,
Pues toda la tierra es cancha,
Y de esto naides se asombre;
El que se tiene por hombre
Donde quiera hace pata ancha.

Soy gaucho, y entiéndanlo
Como mi lengua lo esplica:
Para mí la tierra es chica
Y pudiera ser mayor;
Ni la víbora me pica
Ni quema mi frente el sol.

Nací como nace el peje
En el fondo de la mar;
Naides me puede quitar
Aquello que Dios me dio:
Lo que al mundo truje yo
Del mundo lo he de llevar. […]

Manchete

Waimiri-Atroaris

Os civilizados da Idade da Pedra

Imagem 03 – Revista Manchete, n° 1.657, 21.01.1984

AS MULHERES WAIMIRI-ATROARIS SE ENVERGONHAM DAS TANGAS TRADICIONAIS

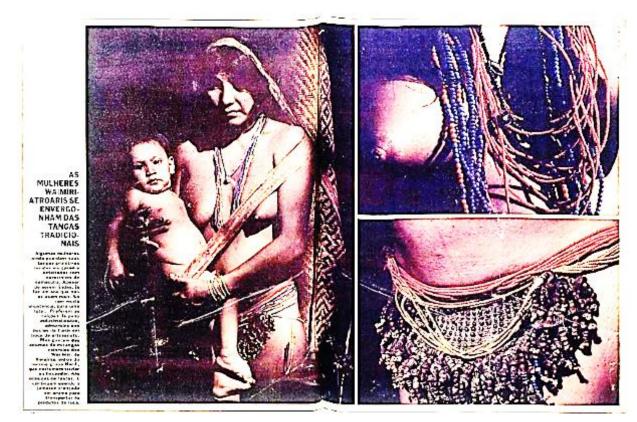



Imagem 04 – Revista Manchete, n° 1.657, 21.01.1984

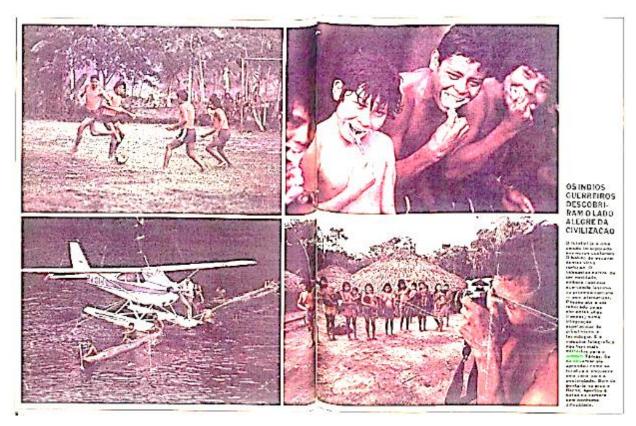



Imagem 05 – Revista Manchete, n° 1.657, 21.01.1984

CRIANÇA BRANCA DE OLHOS AMENDOADOS E UM MISTÉRIO WAIMIRI-ATROARI

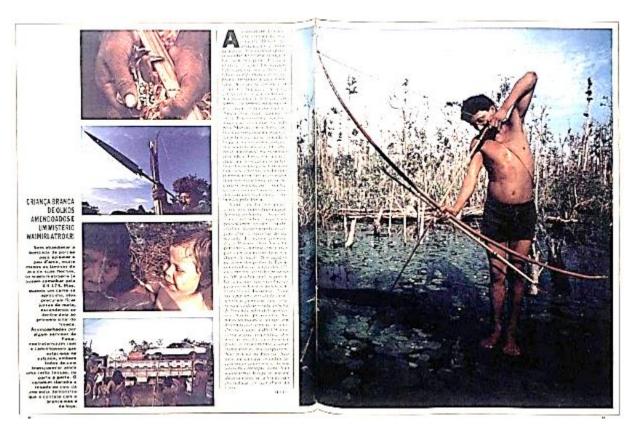



Imagem 06 – Revista Manchete, n° 1.657, 21.01.1984

Comportamento “*Incivilizado*”

RELATÓRIO DE VIAGEM DO SR. GILBERTO PINTO FIGUEIREDO COSTA À REGIÃO WAIMIRI-ATROARI, ABRANGENDO OS POSTOS INDÍGENAS CAMANAU, ALALAU, SANTO ANTÔNIO DO ABONARÍ E PARA A INSTALAÇÃO DO SUBPOSTO DO ALALAU, JUNTO A PASSAGEM DA ESTRADA NO RIO ALALAU, ASSIM COMO, PARA ATENDER O PESSOAL DO SERVIÇO DE TOPOGRAFIA DO 6° BEC.

[...] Dia 12.10.1972, as 05h40 saímos e as 07h30 chegamos ao Posto Indígena Alalau; durante o dia acertamos com o Sr. João Santos os serviços que teriam de ser feitos, enquanto eu vinha à Manaus ficando para ajudar na execução dessas tarefas os funcionários Srs. José Abraão, Adão Vasconcelos e Odedis Mendes.

Uma das ordens que dei ao Sr. João Santos, foi a proibição da entrada do Sr. Celso Maia, empregado do Sr. André, pelo péssimo procedimento junto aos índios Atroari-Waimiri.

O referido Sr. Celso Maia, em julho deste ano, quando subia o Rio Alalau, encontrou os índios acampados em um porto da maloca e ficou junto destes índios; tendo sido bem recebido, abusou da hospitalidade, tendo ficado nu, prendendo o pênis como os índios o fazem e dançado com as índias ao mesmo tempo que pegava nas tangas delas, tudo feito com muita malícia; no dia seguinte prosseguiu viagem até o local do desmatamento e, dias depois tiveram mais índios em contato com ele, no desmatamento, e ele mostrara nesta ocasião, uma revista com fotografias de mulheres de maiô e com o dedo fazia insinuação de que estava querendo copular; e depois, para cúmulo, pedia para os índios trazerem “*Marias*” para ele.

Os índios ficaram desconfiados, estranhando esta atitude tão diferente dos outros "*cariuá*" que estão em contato com eles há bastante tempo.

Este Sr. Celso Maia, com tão infantis atitudes, e obscenos gestos, pode fazer com que todo o trabalho de contato e atração vá por água abaixo.

Ele foi bem recebido no meio dos índios graças ao trabalho dos funcionários da FUNAI, pois neste mesmo acampamento, em abril deste ano, deixamos vários presentes tais como latas vazias, fósforos, anzóis, linha de pesca, bicos para flecha, etc.

Os índios desta região estiveram também em junho, em nossa casa na foz do Rio Alalau, pois havíamos deixado alguns brindes dentro da casa com uma janela aberta, prevendo já sua visita.

Eles lá estiveram, levando todos estes brindes e deixando no lugar dos mesmos, arcos, flechas e balaios, assim como, 3 couros de caititu, 1 de maracajá, 1 de cotia e um de onça que se tinha a parte do lombo, tudo muito bem preparado.

Apanhei este material, em 16 de junho, quando fiz o primeiro voo no avião da Igreja Batista Unida do Brasil, pilotado pelo Mister Daniel Walter que testemunhou o fato de encontrarmos os couros e artefatos, assim como, fecharam a janela da frente que deixáramos aberta e abriram uma outra dos fundos, e ainda por cima não mexeram em um pé de milho, apesar destes apresentarem boas espigas para serem assadas.

Manaus, 30 de outubro de 1972.

Sr. Gilberto Pinto Figueiredo Costa

Jornal do Brasil, n° 287 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 03.02.1973

Funai Culpa Viajante Pelo Massacre de 3 Funcionários

Brasília [Sucursal] – O caixeiro-viajante Celso Maia, de quase 60 anos de idade, foi apontado ontem pela FUNAI como responsável indireto pelo massacre de três de seus funcionários no Posto Indígena do Alalau em Roraima, porque não respeitava as índias das tribos Atroari e Waimiri. O Presidente da FUNAI, General Bandeira de Melo, rodou para a imprensa a gravação do depoimento do único sobrevivente do massacre, Luís Duarte – um rapaz de 19 anos, filho de índios que conseguiu se esquivar de quase 30 flechas disparadas em sua direção. Depois de andar um dia e uma noite pela mata, conseguiu chegar a outro posto da FUNAI, em Santo Antônio do Abonari, e foi levado a Manaus, onde relatou o episódio.

GRUPO ISOLADO

Segundo seu relato, os índios que atacaram o posto não eram Waimiri, conforme se pensava inicialmente, mas Atroari, seus parentes da grande família Caribe. Alguns dos índios já eram conhecidos dos sertanistas da FUNAI, mas constituem um grupo isolado que habita as margens do Rio Pretinho e não obedece ao Tuxaua Capitão Maruaga, que é o Cacique de todas as demais tribos Waimiri e Atroari.

Eles chegaram ao posto do Alalau no dia 16. Apesar de estarem desacompanhados de mulheres, demonstraram intenções pacíficas e confraternizaram-se com os quatro funcionários da FUNAI encontrados no local.

Perguntaram primeiro pelo "*papai Gilberto*" o sertanista que comanda, desde 1970, a expedição de pacificação. Depois abraçaram alegremente os homens da FUNAI, e os convidaram a pegar patauá [uma fruta da região com a qual se faz uma bebida licorosa]. Foram todos e voltaram à tarde. Fizeram a bebida e tomaram juntos, "*alegres e satisfeitos*". Também comeram o churrasco de um mutum e um jaboti caçados durante a colheita.

Eram 20 índios e entre eles estavam quatro menores, com idade aparente de 14 anos. Todos levavam arcos e muitas flechas, tantas que, no dia seguinte, 17, pela manhã, fizeram troca de presentes com os quatro funcionários da FUNAI, entregando-lhes 141 flechas. Arco nenhum foi trocado. Após terem indagado sobre o sertanista Gilberto Pinto, eles começaram a perguntar mais tarde pelo mercador Celso Maia, que se encontrava em Manaus.

Os índios, quando falavam de Celso Mala, batiam com a mão violentamente nas nádegas – "*um sinal de Indignação*", segundo os indianistas – e, depois de cuspir no chão, diziam: "*Marupá*-*Maia*" que, significa na língua dos caribes a cujo tronco pertencem, que "*Maia não presta*".

IMORALIDADE

Celso Maia vendia mercadorias para os trabalhadores que estão empregados pelo 6° BEC na abertura da Rodovia Manaus–Caracaraí–Boa Vista. A atração e pacificação dos índios Atroari-Waimiri é consequência dessa estrada, que corta a terra dos selvícolas e, portanto, foi necessário um trabalho paciente de convencimento dos índios a respeito da missão pacífica do projeto. Nesse trabalho que se iniciou há cerca de seis anos, já houve outras mortes quando, em 1968, uma expedição com 12 pessoas, sob o comando do Padre Calleri, foi trucidada, e, como agora, apenas um conseguiu fugir para contar a história.

Há cerca de seis meses, o sertanista Gilberto Pinto advertiu seriamente o vendedor Celso Maia quanto às regras de respeito à cultura indígena. Apesar de ter quase 60 anos de idade, ele procurou conquistar as índias.

Ciumentos de suas mulheres, os Waimiri e Atroari só voltaram a aparecer sem elas depois do episódio com Celso Maia. Ainda assim, o caixeiro-viajante mostrou-lhes revista com mulheres seminuas e disse-lhes para que trouxessem suas "*Marias*" – palavra que os índios entendem por mulheres.

Depois disso os silvícolas não mais apareceram. Gilberto Pinto também tomou providências proibindo o ingresso do caixeiro-viajante em qualquer um dos postos de atração da FUNAI. Há três na região: um em Santo Antônio do Abonari, outro em Kamanaru e um terceiro em Alalau, onde houve o massacre.

O ATAQUE

No dia 17, depois da troca de presentes, os índios voltaram novamente a apanhar patuá e, até então, tudo corria normalmente no posto indígena, mas, ao retornarem da colheita, começaram a demonstrar hostilidade. Alguns índios se esconderam atrás de árvores de onde mostravam arcos retesados.

Sobressaltados com a hostilidade aparentemente sem razão, dos índios, os funcionários da FUNAI procuraram suas armas – segundo o relato de Luís Duarte – mas os silvícolas tinham-nas levado para fora da casa.

O que se sucedeu depois é confuso no relato de Luís Duarte. Depois de seus companheiros tentarem apanhar as armas fora da casa, foram mortos pelas flechadas dos Atroari. Um terceiro, Rafael Fonseca Padilha, tentou escapar correndo para o Rio que fica a poucos metros da casa: morreu nadando.

Luis Duarte ficou trancado na casa e conseguiu localizar uma caixa de foguetes espoucantes. Disparou dois para o alto a fim de afugentar os índios. Esses então ficaram quietos. Em seguida começaram a bater os pés no chão. Depois jogaram pedras e paus sobre o teto da casa. Como Luís Duarte não saia, atearam fogo ao teto de palha do posto Indígena.

Enquanto a casa ardia em chamas, o vento espalhou urna nuvem de fumaça em toda a área, permitindo a Duarte empreender a fuga e se jogar no rio.

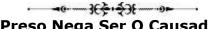
Quando Luís Duarte veio à tona pela primeira vez para tomar ar, os índios não viram, mas quando colocou a cabeça fora d'água pela segunda vez, os silvícolas fizeram uma gritaria e começaram a atirar flechas da margem do rio.

Calcula que tenha recebido cerca de 30 flechas enquanto atravessava o Rio a nado. Nenhuma, no entanto, acertou-o, embora quase todas tenham passado rente a ele.

Os Atroari entraram então numa canoa mas, como eram muitos e todos remavam com muita força, o barco encheu-se de água – o que permitiu a Luís Duarte chegar do outro lado e, a salvo, se embrenhar em fuga mata adentro. Estava apenas com um calção e um relógio. Correu pela mata até anoitecer, quando então, esgotado, encontrou um refúgio e dormiu.

O medo, segundo ele, só ocorreu no dia seguinte, quando acordou. Voltou então a correr, só parando quando atingiu o posto indígena de Santo Antônio do Abonari.

Dali ele foi levado para Manaus – nova caminhada de seis dias na mata – onde fez o relato para o sertanista Gilberto Pinto e o chefe da Delegacia Regional da Funai, Gen Antônio Esteves Coutinho. (JB, N° 287)

Diário da Noite, n° 14.480 – São Paulo, SP
Terça-feira, 06.02.1973

Preso Nega Ser O Causador Da Fúria Dos Índios "Waimiri"

O indivíduo Celso Maia, acusado de ter sido o causador da fúria dos índios "*Waimiri*" contra brancos na área da rodovia Manaus-Caracaraí, foi preso pela Polícia Federal em Manaus, atendendo à solicitação da FUNAI.

Celso negou as acusações, dizendo-se amigo dos silvícolas, e atribuindo as causas do ataque "*Waimiri*" às atividades das próprias vítimas.

Celso, que é transportador de Mercadorias de uma das empreiteiras do desmatamento daquela área, foi posto em liberdade e responderá ao inquérito instaurado.

Enquanto isso, o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, que retornou sábado último ao posto de Santo Antônio do Abonari, sobrevoou o posto incendiado de Alalau, mas não pode aterrissar, em face das condições atmosféricas adversas. Não viu nenhum índio, nem sinal inquietante. [...] (DDN, N° 14.480)

Jornal do Comércio, n° 21.340
Rio de Janeiro, RJ – Domingo, 29.07.1973

Atroari que Mataram Calleri, Agora Expulsam Médicos de sua Aldeia

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Quarta-feira, 31 de janeiro de 1973 | Ano LXXXII — N.º 284

Gripe inglesa mata mais 383 na Califórnia

Sacramento, Califórnia (UPI - JB) A gripe inglesa – ou fog – matou este mês na Califórnia, 383 pessoas, das quais 118 na semana passada, informou a Secretaria de Saúde do Estado. Com este número, eleva-se a quase mil, as vitimas da epidemia, apenas em 122 cidades dos Estados Unidos.

O vírus, segundo os cientistas, é o *influenza* A, que surgiu na Inglaterra, passou pela Europa Ocidental, Oriental, Ásia, Austrália e chegou recentemente aos Estadas Unidos e à Venezuela. Seus sintomas são a enxaqueca, dores musculares, tosse e febre alta.

Imagem 07 – Jornal do Brasil, n° 284, 31.01.1973

BRASÍLIA [Meridional] – Por achar que a vacina antigripal aplicada pela equipe de saúde da FUNAI fora a responsável pela morte de quatorze índios, o cacique Maruaga, dos índios Waimiri-Atroari, expulsou os médicos da aldeia, na última semana, quando eles pretendiam aplicar uma nova dose de medicamento.

O fato que ainda não está bem esclarecido é considerado um revés para o sertanista Gilberto Figueredo, que havia reconquistado, com grande dificuldade, a amizade dos Atroari, após o massacre da missão do Padre Calleri, ocorrido há alguns anos e ainda hoje reagem ao contato com civilizados desconhecidos.

A presença inicial da equipe de saúde da FUNAI dentro da aldeia, – fato raro entre os Atroari, foi permitida pelo cacique, por ter se deixado convencer de que a vacina poderia ajudar a curar os índios da gripe.

Entretanto, o medicamento aplicado era contra um resfriado comum e não a gripe Fog ([7]), como ficou constatado depois nos exames de laboratório. Os médicos voltaram à aldeia, mas foram violentamente expulsos pelo cacique Maruaga. Nesse intervalo de tempo 14 índios haviam morrido. As autoridades da FUNAI, em Brasília, admitiram o erro. (JC, N° 21.340)

Jornal do Brasil, n° 148 – Rio de Janeiro, RJ
Segunda-feira, 03.09.1973

Gripe Mata Chefe Waimiri-Atroari ([8]) **que era Contra Brancos e mais 14 Companheiros seus**

Brasília [Sucursal] – O cacique Maruaga, chefe-geral dos índios Waimiri-Atroari, considerado o maior obstáculo para o contato com os civilizados, morreu de gripe em julho último, quando um surto dessa doença atacou sua aldeia, matando 14 índios e outro chefe de grupo, o Capitão Cândido. Estas Informações foram dadas pelo sertanista Aristides de Oliveira, da FUNAI, que atualmente está à disposição do projeto RADAM para dar assistência e servir de elemento de ligação com os grupos indígenas que são encontrados durante as operações de campo e checagem do Batiam. [...]

"SORTE"

[...] Aristides diz ainda que acha que deve haver brancos interessados em manter a animosidade dos Waimiri-Atroari, pois os trabalhos de pacificação desses índios já vão para mais de 10 anos e eles continuam resistindo à presença do civilizado.

[7] Gripe "*Fog*": também conhecida como Gripe Inglesa.
[8] Nos dias de hoje diríamos que foi uma "*Fake News*".

A desconfiança de Aristides se baseia no número de aldeamentos, cerca de 16, mas só foram visitados dois, localizados perto dos Rios Alalau e Camanau, em Roraima. Os índios, diz ele, desaconselham a visita aos outros aldeamentos. "*Uma forma de mostrar a esses índios que os civilizados são amigos*" – acentua o sertanista – seria levar em uma expedição de pelo menos 50 índios de grupos diferentes, já contatados e aculturados. Isso ia mostrar aos Waimiri-Atroari que nós somos amigos de todos os índios, inclusive deles, que nos tem dado um pouco de trabalho e causado algumas mortes.

Sobre o massacre da missão do Padre Calleri, ocorrido em 1967, praticado pelos Waimiri-Atroari. Aristides diz que houve imprudência do Padre, que tentou visitar uma aldeia sem ter ainda conquistado a confiança total dos índios. O sertanista afirma ainda que esses índios estão mal acostumados, quando chegam em acampamento civilizado querem levar tudo, e se não deixam ficam furiosos e atacam. Seu chefe atual, segundo Aristides, deve ser um tal de Comprido, do qual desconhece as intenções em relação aos civilizados. [...] (JC, N° 148)

Opinião, n° 114 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-feira, 10.01.1974

Segundo a FUNAI, o Sertanista Gilberto Pinto era Amado pelos Waimiri-Atroari. Na Semana Passada eles o Mataram. Por quê?

[...] Apesar do bom entendimento do sertanista Gilberto com o cacique Maruaga, os ataques, principalmente aos postos avançados da Funai, se repetiram com inquietante frequência nos últimos dois anos.

O ataque ao posto da Funai em janeiro de 1973, quando morreram três funcionários, teve um motivo especial. Antes, um transportador de mercadorias de uma das empreiteiras encarregadas do desmatamento havia tentado seviciar uma índia e, segundo o único sobrevivente, os índios estavam atrás desse indivíduo, que, inclusive, chegou a responder a inquérito na polícia mas acabou solto sem nenhuma punição. De janeiro de 1973 até agora pelo menos 15 pessoas foram mortas pelos Waimiri-Atroari e esta última investida ao posto da FUNAI foi a terceira em apenas três meses, sendo em que uma delas, em novembro, com três mortes, foi ao acampamento de uma empreiteira.

Semanas antes desse último ataque dos Waimiri-Atroari, o sertanista Gilberto Pinto, através do oficio n° 20/09, encaminhado ao subcoordenador da FUNAI de Manaus, apontou alguns problemas que estavam complicando ainda mais a situação: o ex-Deputado Federal Abraão Sabbá está loteando a área dos WA, enquanto outro empresário de Manaus montou uma serraria a 10 km das malocas dos Atroari.

Parece que a FUNAI também não se importou muito para o prenúncio, observado por alguns mateiros, de uma provável expansão da confederação dos Waimiri-Atroari com a inclusão dos Wai-Wai, cujos guerreiros, embora menos hostis e já acostumados com os fazendeiros, ultimamente não estavam querendo ser vistos pelos Atroari em companhia de homens brancos.

A viagem a Manaus do guerreiro Comprido, braço direito de Maruaga, talvez tenha contribuído para reanimar as convicções dos Waimiri-Atroari. Depois de um pequeno período de relativa paz e entendimento com o pessoal da FUNAI, em meados do ano passado. Comprido pediu para visitar Manaus e foi atendido.

Voltou de avião e, à medida que o aparelho sobrevoava a região, via as áreas de desmatamento da rodovia e os diversos acampamentos e casebres fincados ao longo da estrada e então, segundo um funcionário da FUNAI à "*Opinião*", "*ele teve a real compreensão do significado da estrada*".

A morte de Gilberto Pinto, o paizinho, não somente privou a FUNAI de seu mais importante sertanista, como, mais ainda, praticamente encerrou toda uma política pacífica de aproximação que vinha sendo tentada desde 1968, além de ter desacreditado ainda mais o órgão. [...] (OPINIÃO, N° 114)

Jornal do Brasil, n° 282 – Rio de Janeiro, RJ

Quinta-feira, 17.01.1974

Máquinas Chegam ao Território dos Waimiri-Atroari

Brasília [Sucursal] – Um comunicado do posto de Alalau, em Roraima, divulgado ontem pela FUNAI, informa que as máquinas de terraplenagem do 6° BEC atravessaram o Igarapé de Santo Antônio do Abonari, situado no trecho final da Rodovia Manaus–Caracaraí, ingressando sem qualquer incidente em território dos Waimiri-Atroari.

Estes índios, que já realizaram vários massacres contra os brancos, fizeram recentemente ameaças contra os construtores da estrada, quando eles se preparavam para construir uma ponte sobre o rio Alalau. Os Waimiri-Atroari acreditavam que a ponte espantaria todos os peixes do rio, privando-os assim de sua principal fonte de alimentação.

Entendimento

Aparentemente a questão da ponte ficou em ponto-morto, depois de um entendimento do sertanista Fiorello Parisi com alguns índios do grupo, garantindo-lhes que a obra não iria prejudicá-los.

Houve depois o regresso de Parisi a Manaus e o silêncio caiu sobre a questão, com a FUNAI recusando novas informações a respeito. Agora, com a invasão ostensiva de suas terras, pela introdução das máquinas de terraplenagem, a situação poderá levar a um desfecho violento.

Massacres

Nas vizinhanças da reserva indígena dos Waimiri, numa extensão de muitas léguas, não se vê uma casa e nem um mateiro se arrisca aí penetrar. Os Waimiri-Atroari têm uma tradição de luta conhecida e impressionam pelo número: cerca de 2 mil.

Em janeiro de 72, eles arrasaram um posto avançado da FUNAI, na região, matando os seus três funcionários. Antes, em 68, eles liquidaram a expedição do Padre Calleri.

A partir de 1840 esses índios dizimaram 14 expedições, massacrando todos os seus componentes. No começo do século eles arrasaram a cidade de Moura, em Roraima, só escapando alguns que fugiram a tempo.

Traição

O que o branco mais teme no Waimiri-Atroari não são exatamente a coragem e a disposição de luta, mas a forma como combatem. Ao contrário dos demais, esses índios não lutam de peito aberto: utilizam de todos os recursos, inclusive a traição, que aprenderam com os brancos.

Isto começou nos anos de 40, quando três brancos, Pedro Alfredo e Antônio, funcionários do extinto SPI [Serviço de Proteção ao Índio], destacados para a região, depois de um trabalho penoso e demorado conseguiram a reaproximação com esses índios. Mas o clima de confiança e harmonia foi logo quebrado, segundo os sertanistas, por causa de outros brancos, que cometiam toda sorte de afronta aos índios.

Os funcionários Antônio, Pedro e Alfredo, indignados com o procedimento dos demais, apenas interessados em terras e lucros, abandonaram o posto e passaram a viver com os índios. Morreram combatendo por eles, num ataque dos brancos, mas deixaram-lhes um legado: a luta suja, com todos os truques utilizados pelos civilizados, mas que eles até então se recusavam ou não sabiam aprender.

Pedro ficou conhecido como Pedro Guerreiro e quase todo Atroari tem hoje Pedro, Alfredo ou Antônio no nome. Um exemplo do que os índios aprenderam está no próprio massacre do posto da FUNAI. Por dois dias eles compareceram às festas promovidas pelos funcionários, expediente que faz parte da estratégia de aproximação. Nessas festas, os Waimiri-Atroari comeram e beberam à farta, não esquecendo de levar os brindes e presentes que os brancos amistosamente lhes ofertaram. Partiram entre abraços e juras e, à noite, voltaram e flecharam os funcionários, matando a todos. (JB, N° 282)

Jornal do Brasil, n° 266 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-feira, 31.12.1974

***"Tem Branco no Meio"*, diz Sertanista Sobre o Ataque dos Waimiri**

Manaus – Eduardo Celestino Santana – o "*pai Santana*", como era conhecido pelos índios, disse ontem que na sua opinião "*tem branco no meio da tribo, pois chegamos a encontrar picadas tão bem orientadas que temos a certeza de não terem sido feitas pelos índios*".

O sertanista falava sobre seus três colegas que morreram na área da Rodovia Perimetral-Norte, num ataque atribuído aos Waimiri-Atroari. Gilberto Pinto, João Bosco Aguiar e João Alves Monteiro foram sepultados ontem nesta cidade. O funcionário Oswaldo de Sousa Leal continua desaparecido.

SUSPEITAS

- Lembro-me ter visto um casal carregando seus filhos nos braços, como se fosse civilizado.

O índio jamais faz isso e na época comentei minha estranheza a Gilberto, que me deu razão.

Estou admirado com esse massacre. Gilberto era um profundo conhecedor, querido e respeitado pelos índios e não seria nunca apanhado de surpresa – disse Celestino.

No dia 24 último, às vésperas do Natal, dois mateiros de uma empreiteira que trabalham na construção da Rodovia Manaus –Caracaraí disseram em Manaus que havia sinais frequentes de guerra [flechas cruzadas] nas picadas abertas, anunciando um iminente ataque.

No mesmo dia, porém a FUNAI desmentia a informação, afirmando que os mateiros pretendiam levar o pânico aos trabalhadores, para forçar uma licença e passar o Natal em Manaus. E informava a FUNAI que Gilberto Pinto chegara ao local e que tudo "*estava normal*". (JB, N° 266)

Conclusão

Podemos verificar, pelo noticiário, que a insatisfação dos WA com as invasões da área indígena por posseiros e madeireiros, o comportamento promíscuo de alguns funcionários de empreiteiras, a ação de estrangeiros que fomentavam a discórdia, a morte por doenças infectocontagiosas (varíola, gripe, sarampo e tuberculose), e a incompetência do serviço de saúde da FUNAI comprometeram o esforço hercúleo dos sertanistas e funcionários da FUNAI que não mediam esforços para estabelecer um contato amigável e confiável com os WA.

Nossa humilde homenagem aos heróis que tombaram no cumprimento do seu sacrossanto dever.

Cruzada Negra
(Da Costa e Silva)

MORS ([9]) – em letras de luz gravo no meu escudo.

A divisa imortal de cavaleiro traço
Em campo negro. E, após, visto a armadura de aço.
Preme a cota, a luzir, o meu peito desnudo.

O elmo à cabeça, a espada à cinta, a lança ao braço,
Desço ao pátio e cavalgo o meu corcel sanhudo,
E ele, a resfolegar, indiferente a tudo,
Rasga, como um fuzil, a escuridão do espaço.

Levo a lira no arção. Impassível e forte,
No solar do Não Ser, ante o perfil da Morte,
Cantarei a balada augusta e soberana

De cavaleiro errante menestrel transeunte…
E aonde vou? Aonde vou? Ainda há alguém que o pergunte?
– Busco a Jerusalém remota do Nirvana…

---

[9] MORS: Morte.

Ordens do General Gentil

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
COMANDO MILITAR DA AMAZÔNIA
2° GRUPAMENTO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO

Manaus, AM, em 21.11.1974

Ofício n° 42-E2-Conf

Do Comandante do 2° GECnst
Ao Comandante do 6° BECnst
Assunto: Trabalhos na BR-174
[Determina]

1. Em consequência da reunião realizada no KM 220 da BR-174, entre este e esse Comando, juntamente com os Sr. Francisco Mont'Alverne Pires, Delegado Regional da FUNAI no Estado do Amazonas e Saul Carvalho Lopes, Diretor da Divisão Amazônia da FUNAI, e, considerando:

   - Os últimos acontecimentos havidos na região do Rio Alalau;

   - Que os trabalhos de implantação da BR-174 não podem ser interrompidos;

   - Que estes trabalhos devem ser realizados obedecendo todas as medidas de segurança;

2. Determino que:

- O trabalho da Turma de Desmatamento Manual, a partir do Rio Alalau, seja realizado em conjunto com a Turma de Limpeza e Destocamento e que ambas as Turmas possuam um só acampamento;

- A Turma de desmatamento Manual realize seus trabalhos grupada e que esses grupos possuam, no mínimo, 15 homens;

- A Turma de desmatamento Manual seja sempre acompanhada por elementos especializados da FUNAI;

- Dentro das possibilidades da FUNAI, sejam as demais turmas acompanhadas por esses elementos especializados;

- Sejam dadas instruções intensivas para que todas as turmas ou grupos que recebam visitas amigáveis dos índios, as considerem como um aviso de futuro ataque e que tomem as necessárias medidas para retrair ou receber reforços;

- Sejam distribuídos às turmas e grupos – foguetes e bombas do tipo "*junino*" – para afugentar os índios, devendo esses artifícios pirotécnicos serem utilizados com parcimônia, para que produzam resultados;

- Seja estabelecido no Destacamento Sul desse Batalhão um Grupo de segurança, comandado por um oficial, com efetivo a critério desse Cmdo e que tenha entre outras, as seguintes missões:

  - ✓ Planejar e dar segurança às turmas de trabalho, com prioridade para as turmas mais destacadas à frente;

  - ✓ Planejar e dar segurança nos deslocamentos motorizados que os oficiais e sargentos Chefes de turma são obrigados a fazer, por força de suas atribuições;

- Esse grupo de segurança seja devidamente instruído para, no caso de indícios de agressão, utilizar todos os meios de persuasão possíveis, só se valendo do uso da força nos casos de legítima defesa própria ou de outrem;

- Esse Cmdo coloque, de início, homens à disposição da FUNAI para auxiliar o trabalho dos sertanistas e que, no futuro, forneça uma complementação de salário ao pessoal contratado da FUNAI;

- Esse Cmdo forneça todo o apoio solicitado pelos elementos especializados da FUNAI, apoio esse em brindes, gêneros alimentícios, material para a construção dos Postos, alojamentos e deslocamentos necessários;

- Esse Cmdo, caso haja visitas dos índios, realize pequenas demonstrações de força, mostrando aos mesmos os efeitos de uma rajada de metralhadora, de granadas defensivas e da destruição pelo uso de dinamite;

- Sejam os acampamentos protegidos com cercas de 8 fios de arame farpado, e que, entre a cerca e a mata haja uma área de terreno limpo [desmatado], com no mínimo 6 metros de largura, envolvendo todo o acampamento.

3. Informo, outrossim, que, fica estabelecido que o relacionamento com vista à pacificação dos índios é a cargo da FUNAI, a quem estamos solicitando medidas que precedam e acompanhem os trabalhos de implantação da rodovia.

Gen Bda Gentil Nogueira Paes
Cmt do 2° Gpt E Cnst

[Carta do General Gentil Nogueira Paes, entregue ao General Torres de Mello]

PRESERVACIONISTAS ACUSAM GOVERNO DE DIZIMAR ÍNDIOS

Sob o título acima, o jornal "*A CRITICA*" de Manaus, de 05.01.1983, publica matéria sobre uma reunião de cerca de vinte entidades para a discussão da situação dos indígenas Waimiri-Atroari, em face da construção da hidrelétrica de Balbina.

Nessa matéria são publicadas informações que, para quem não conhecer muito bem os fatos, dão uma noção completamente distorcida dos mesmos e dão margem a um julgamento injusto dos órgãos e pessoas que, com patriotismo, honestidade e espírito humanitário estiveram envolvidos no trato com esses indígenas, durante a construção da BR-174 e, principalmente, de homens que deram suas vidas nesse trabalho, cuja memória merece ser respeitada.

No comando do 2° Gpt E Cnst, no período de 1974 a 1978, tive de enfrentar imensos problemas cujo desafio, em resolve-los, constituiu estímulo que me emociona até hoje. Dentre esses problemas, o trato com os índios foi, sem dúvida, um dos mais delicados, pois sabia que estava pondo em jogo a vida de muitos homens, brancos e índios, numa luta sem inimigos, onde, aos meus, era absolutamente vedado ferir ou molestar de qualquer maneira esses nossos irmãos.

Felizmente conseguimos manter um clima de respeito mútuo, Índio – Exército, que jamais entraram em choque e isso, em boa parte, devemos à abnegação dos homens da FUNAI, nossa intermediária e encarregada de todos os contatos com os índios, que, nesse trabalho perdeu cerca de 13 homens e que,

embora tenha suas deficiências, como toda organização humana, não merece as injustiças que tantas vezes lhe fazem.

A matéria publicada pelo jornal em tela, que naturalmente foi mal informado, pois tenho muito respeito pela sua conduta imparcial, apresenta o problema do trato com os índios Waimiri-Atroari de maneira totalmente deformada, mal informando e querendo, nitidamente, indispor o Exército com a população, apresentando-o como exterminador de índios.

Afirma-se que "*centenas de silvícolas tombaram no silêncio da mata e foram sutilmente enterrados e esquecidos no tempo e no espaço*" e, ao mesmo tempo, se insinua a responsabilidade do Exército numa suposta redução de uma população indígena de 3.000 em 1968 para apenas 1.000 em 1975. Nunca a FUNAI ou quem quer que seja soube o número de pessoas existentes nas duas tribos. Quando assumi o Comando do 2° GEC, em 1974, aquela Fundação estimava aquela população entre 1.000 e 1.500 pessoas.

A matéria publicada se refere a um encontro de "*preservacionistas*" e relaciona cerca de 20 organizações já bem conhecidas nesses movimentos de defesa dos índios, mas nitidamente mal informados quando não mal intencionadas. Os fatos e os procedimentos da época da construção da BR-174 são do conhecimento do 2° GEC e do Comando Militar da Amazônia, nosso escalão superior, sob cuja supervisão, apoio e permanente contato agimos.

Valendo-me da memória, vou tentar alinhar algumas informações sobre os ataques dos índios nos últimos meses de 1974 e seus antecedentes e os procedimentos do 2° GEC em comum acordo com a FUNAI e apoiado pelo CMA.

De fato nunca chegamos a determinar com precisão a causa da hostilidade das tribos WA aos brancos, podendo-se apenas formular hipóteses. Já que inicialmente eles viviam muito próximos da região de Manaus, é muito provável que tenham ocorrido choques com os brancos que deram origem ao ódio conservado por sua cultura, totalmente fechada, enquanto que a mobilidade e a diversificação da população dita branca esquecia os antecedentes, pois, até hoje, cada choque é considerado como um fato novo.

Tive em mãos, e deve estar nos arquivos da FUNAI e do 2° GEC, um Relatório, de meados do século passado, de um reconhecimento feito com o objetivo de abrir uma via terrestre, entre Manaus e os campos de criação de gado do Rio Branco, onde já se faziam referências expressas a ataques anteriores dessas tribos aos brancos.

Foi sempre muito difícil o contato com esses índios, acredito que não só pela sua conhecida hostilidade ao branco, muito possivelmente justificada, como pela barreira da língua, pois eles falam uma língua que nada tem a ver com a "*geral*" dos demais índios brasileiros. Acreditava o pessoal da FUNAI dever-se isto à sua origem caribenha.

Quando o Governo decidiu construir a BR-174, ligando Manaus ao Território de Roraima e à fronteira da Venezuela, foi encarregado dos primeiros contatos com esses índios, não sei por iniciativa ou decisão de quem, uma expedição chefiada pelo Padre Calleri cujo trágico desfecho é bem conhecido.

Em sua memória, quando concluímos a ponte sobre o rio Santo Antônio do Abonari, a ela demos o nome de Ponte Padre Calleri, uma homenagem a esse mártir humanitário, cuja intenção era exatamente batalhar para que a obra fosse realizada sem sacrifício de vidas.

Do seu grupo, salvo engano, de 11 pessoas, escapou um homem, conhecido por Mineiro, e que ainda trabalhou para a FUNAI [...]

Desde que a missão de construção da estrada foi entregue ao Exército, o Ministério, representado pela Diretoria de Obras de Cooperação, pediu a colaboração da FUNAI e ficou assentado que haveria permanentemente pessoal daquela Fundação presente nas frentes de serviço e que, todo e qualquer contato com os índios seria encargo seu. Por isso normas foram baixadas determinando, entre outras coisas, a proibição, aos elementos do Exército ou quem para ele trabalhassem, de qualquer contato com os selvícolas, da penetração na mata para caçar, pescar ou o que fosse, ficando suas atividades confinadas à faixa de 70 metros, de domínio da estrada.

Ao assumir o comando do 2° Grupamento de Engenharia de Construção, em 22.06.1974, estavam os elementos do 6° BECnst iniciando a penetração na área da reserva dos índios, com a transposição do rio Santo Antônio do Abonari, em cujas proximidades fora construído o acampamento de uma companhia daquela unidade e um acampamento, distante alguns quilômetros, para o pessoal da FUNAI, que nos assistia, e onde poderiam receber os índios fora do ambiente de um acampamento militar.

Logo em fins de outubro deu-se o primeiro ataque ao pessoal da FUNAI. Um grupo de índios Atroari, cujo cacique era conhecido por Capitão Comprido, visitou o acampamento daquela Fundação com todas as características dos costumeiros encontros amistosos.

Combinaram para o dia seguinte dois programas: parte do grupo ficaria no acampamento, com alguns elementos da FUNAI, trabalhando nas plantações, enquanto outra parte, com outros homens da Fundação sairiam para uma caçada.

Quando, no dia seguinte, estes últimos saíram do acampamento, a pouca distância foram atacados e mortos pelos índios enquanto os que haviam ficado no acampamento, ao ouvirem seus gritos, atacaram e mataram os que aí ficaram. Escapou apenas um homem da FUNAI, que se embrenhou na mata, para contar a estória.

Segundo as informações da FUNAI, não houve qualquer índio morto.

Em face desse fato fizemos a Primeira reunião de elementos do comando do Grupamento e do 6° BEC com os da FUNAI, cujo Delegado em Manaus era o Sr. Gilberto Pinto.

Dentre outras medidas e, além da confirmação das normas vigentes, ficou determinado expressamente que os elementos do Exército jamais poderiam trabalhar em pequenos grupos isolados, ficando estabelecido um mínimo de 15 homens. Isso porque vimos, pelas características do ataque, que eles sempre atuavam com superioridade local de homens, tendo tido antes, o cuidado de dividir o grupo da FUNAI.

Trabalhava para o 6° BEC um empreiteiro de desmatamento de nome André, que, desobedecendo essa determinação, distribuiu seus homens em pequenos grupos por mais de 20 km, como era de seu costume, anteriormente. Em consequência, na segunda quinzena de novembro, um grupo mais avançado, de 4 homens, foi atacado de surpresa pelos Atroari.

Três foram mortos e o quarto escapou com uma flecha atravessada no peito e assim caminhou 22 Km, até nossa frente de serviço, onde foi socorrido.

Fizemos então nova reunião com o pessoal da FUNAI, quando o Gilberto confirmava sua teoria de que a

agressividade se centrava na tribo Atroari, enquanto que os Waimiri eram mais cordatos e seu Chefe, o cacique Maruaga, era seu amigo, com quem já havia convivido tanto em suas malocas, onde passava dias, como em Manaus, onde o havia levado para se tratar. Achava Gilberto que através dos Waimiri e particularmente de seu amigo Maruaga, seria possível se chegar aos Atroari e sua consequente pacificação.

Mais uma vez ficou confirmado o encargo exclusivo da FUNAI no contato com os silvícolas e que tudo seria feito com o objetivo de mostrar aos índios que nós estávamos ali com a missão de construir a estrada, mas como seus irmãos e que jamais alguma coisa seria feita para molestá-los, mais do que os inevitáveis transtornos da própria construção, mostrar que fora da estrada, seu território era inviolável e por nós guardado, que ninguém podia caçar ou pescar em seus domínios, etc. e também se procurava arranjar uma maneira de lhes mostrar que éramos seus amigos e que não queríamos lhes fazer qualquer mal, embora tivéssemos meios e poder para isso.

Daí a ideia discutida e combinada das demonstrações que seriam feitas, e nunca o foram, por absoluta falta de oportunidade.

Isso, se aparecessem no acampamento os Waimiri, que seriam convidados a assistir uma sessão de instrução da tropa, onde essas demonstrações seriam feitas contra os tradicionais e regulamentares alvos de instrução.

Maliciosamente quem forneceu a nota para o jornal daquilo que chamava de portaria do dia 21.22.74, trocou "*destruição de árvores com uso de dinamite*" por "*destruição de aldeias*". Veja-se a maldade, a má-fé no sentido de enganar os leitores, denegrir o Exército e incitar o ódio.

Como seria possível “*destruir aldeias*”, numa demonstração de instrução dentro do acampamento da tropa, distante algumas dezenas de quilômetros das aldeias dos índios, que conhecíamos apenas quando as sobrevoávamos de avião?

Ficou combinado também que, caso ocorresse essa desejada visita dos Waimiri, o Gilberto seria trazido de Manaus para coordená-la [...]

Finalmente, no dia 28 de dezembro, deu-se a tão almejada visita e o Gilberto foi chamado pelo rádio e veio imediatamente de avião. Os índios manifestaram o desejo de receber panelas grandes de alumínio e outros utensílios de que necessitavam. No mesmo avião em que viera o Gilberto foi mandado um oficial do 6° BEC para providenciar esse material em Manaus.

Depois de convencer os comerciantes a abrirem seus estabelecimentos à noite, ao clarear do dia seguinte, regressou ao acampamento e, antes de pousar, resolveu sobrevoar o acampamento da FUNAI para anunciar sua chegada e o que viu foi o acampamento juncado de cadáveres. Mais uma vez salvou-se apenas um homem para contar a estória.

Ao amanhecer, quando o pessoal da FUNAI fazia sua higiene matinal nas águas do Abonari, foram atacados de surpresa com flechas e bordunas, salvando-se esse homem que se atirou no rio e, embora perseguido pelas flechas atiradas da margem, conseguiu escapar.

Quando os homens do 6° BEC foram, de helicóptero, resgatar os cadáveres encontraram o Gilberto com uma flecha cravada nas costas e que apontava no peito.

Não foi encontrado nenhum índio morto e não se tem notícia de que eles tenham recolhido qualquer ferido. Não houve combate!

Depois desse terceiro ataque, já havendo, salvo engano, a perda de 13 homens da FUNAI e 3 do empreiteiro André, e desfeita a ilusão da amizade dos Waimiri, redobramos o sistema de segurança nos acampamentos, nos canteiros de trabalho e nos deslocamentos dentro da reserva, com a ideia dominante de, ostensivamente, mostrar nossa força com o fim exclusivo de desencorajá-los a novos ataques e nos mantermos sempre abertos aos contatos amistosos.

Tenho a impressão, e os fatos o confirmam, de que essa estratégia foi bem sucedida. Inicialmente eles desapareceram na mata por um longo período. Certo dia chegaram trazendo um menino gravemente queimado e que foi tratado pelo nosso pessoal de saúde. Depois apareceram índios isolados, mais ousados, que vinham filar a comida em nossos ranchos ou, quem sabe, sondar nosso ânimo. Determinado dia vieram pedir socorro para um chefe Atroari, que fora picado por cobra venenosa.

Nosso médico nos consultou se devia atender. Deixei isto seu critério, dizendo-lhe que se fosse uma cilada ele poderia ser morto, e, mesmo que fosse verdade, ele podia ser mal sucedido no tratamento e responsabilizado pela morte de um chefe índio. No entanto se conseguisse curá-lo teria sua ação um valor extraordinário na conquista de sua confiança. Felizmente, graças à bravura e espírito humanitário do médico, a missão foi bem sucedida. Daí em diante, foram se amiudando os contatos, principalmente no encontro da estrada com uma trilha dos índios que ligava as duas tribos.

Nesse local, eu tive oportunidade de, já materializada a ligação Manaus-Boa Vista, na companhia de uma comitiva da Diretoria de Obras de Cooperação do Exército, encontrar um grupo de cerca de 100 índios

que visitavam o pessoal da FUNAI, trazendo, inclusive suas "*Marias*", o sinal máximo de confiança. Tenho um filme feito nessa ocasião que, apesar de sua péssima qualidade, serve para documentar o fato.

Foi uma luta dura, de homens cujo silencioso heroísmo não merecia ser agora injuriado. Os nomes desses bravos, que deram suas vidas na tentativa de pacificação dos Waimiri-Atroari, ficaram gravados no bronze, em monumento que mandei erigir nas proximidades da ponte Padre Calleri e merecem todo o meu respeito e admiração e acho que também merecem ser respeitados por todo o <u>brasileiro</u> <u>honesto</u>.

Realmente a estrada foi construída sem a morte violenta de um só índio e eu tenho imenso orgulho disso. O que se disser em contrário é pura invencionice, má informação ou intenção deliberada de distorcer os fatos para denegrir o Exército ou a FUNAI, ou os dois e, com toda certeza, no intuito contestatório de ferir o governo.

É Possível que meu relato contenha algumas falhas de menor importância, já que o fiz de memória, mas, na essência, é a verdade absoluta. (General Gentil Nogueira Paes)

Ministério Público Federal | Procuradoria da República no Amazonas

INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO
N° 1.13.000.001356/2012-07

TERMO DE DEPOIMENTO
SEBASTIÃO AMÂNCIO DA COSTA

No dia 25.11.2014, às 09:00, na sede da Procuradoria da República no Amazonas, compareceu SEBASTIÃO AMÂNCIO DA COSTA, que prestou as seguintes declarações: [...]

A ideia era que houvesse um local em que o Exército pudesse explodir dinamites e dar rajadas de metralhadora.

Mas isso não ocorreu. Questionado a respeito de depoimentos que confirmam que isso ocorreu, afirma que é mentira. Nossos postos registravam tudo, recebiam e repassavam tudo, não poderia ter acontecido sem ser registrado.

Todo o trabalho do Exército em relação ao trabalho de construção foi acompanhado pela FUNAI. Não há nada que se possa dizer do Exército. A FUNAI estava na linha de frente dos trabalho.

A FUNAI ficava numa picada à frente, a máquina vinha na nossa retaguarda. Qualquer acontecimento estávamos à frente. A equipe de topografia abria a picada, vinha a empresa abrindo a estrada onde posteriormente viriam as máquinas. Estávamos nas picadas, tentando chegar antes, quando houvesse aldeias próximas, para proteger os índios. [...]

Canção Fibra de Herói
(Barros Filho e Guerra Peixe)

Se a Pátria querida for envolvida
Pelo inimigo, na paz ou na guerra
Defende a terra
Contra o perigo

Com ânimo forte se for preciso
Enfrenta a morte
Afronta, se lava com fibra de herói
De gente brava

Bandeira do Brasil
Ninguém te manchará
Teu povo varonil
Isso não consentirá

Bandeira idolatrada
Altiva a tremular
Onde a liberdade
É mais uma estrela
A brilhar

Contestação da AGU

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO
NO ESTADO DO AMAZONAS

[...]

1. DA SÍNTESE PROCESSUAL

Trata-se de Ação Civil Pública ajuizada pelo Ministério Público Federal, em face da União e da FUNAI, cujo objetivo é a concessão de provimento jurisdicional que declare a violação de direitos fundamentais do povo Waimiri-Atroari [Kinja] em razão da construção da rodovia BR-174 [Manaus-Boa Vista] durante o período do governo militar e condene o Estado Brasileiro [União] e a FUNAI a adotar medidas de reparação. [...]

Ora, a construção de uma estrada ligando dois Estados do Norte do país, região que àquela época não era praticamente servida de estradas de acesso, não pode ser confundida com uma ação de violação de direitos humanos, nem muito menos com um ato de perseguição política. Ao revés, <u>a obra pública tão debatida caracterizou nítido atendimento do interesse público que permeia a atuação da Administração Pública</u>.

Neste ponto, vale destacar as considerações do Exército Brasileiro na Informação n° 23:

> Mesmo que, em tese, os supostos danos tivessem ocorrido, durante o Regime Militar, não se relacionariam com o referido período, não possuindo condão político, uma vez que o próprio "*parquet*" ([10]) enfatiza que foram medidas concernentes à construção da estrada, nada tendo a ver com o regime em si.

Não há nos autos comprovação clara e convincente quanto aos alegados prejuízos experimentados pelos Kinja, tampouco restou demonstrado que as incursões estatais para construção da rodovia BR-174 se deram por razões de perseguição política ligadas ao regime de exceção.

Frise-se, que a imprescritibilidade é uma exceção ao princípio constitucional da segurança jurídica, razão pela qual deve ser sempre interpretada e aplicada de forma restritiva. Na verdade, salta aos olhos a consumação da prescrição no caso em tela.

Com efeito, consoante informações da própria parte autora na presente ação civil pública, a BR-174 foi construída há 40 [quarenta] anos!

Sendo assim, o prazo prescricional de cinco anos previsto no Decreto n° 20.910/32 há muito já se esgotou. Confira-se:

> Art. 1° As dívidas passivas da União, dos Estados e dos Municípios, bem assim todo e qualquer direito ou ação contra a Fazenda federal, estadual ou municipal, seja qual for a sua natureza, prescrevem em cinco anos contados da data do ato ou fato do qual se originarem. [...]

---

[10] Parquet: termo jurídico muito empregado em petições como sinônimo de Ministério Público.

Portanto, ante a inexistência de causas que autorizem a imprescritibilidade, só resta o reconhecimento da prescrição da demanda, com a consequente determinação da sua extinção com o julgamento do mérito, conforme previsto no inciso II, do art. 487, do NCPC ([11]).

4. DO MÉRITO

Inicialmente, antes de se enfrentar especificamente as questões de direito material que envolvem esta demanda, é fundamental traçar um corte distintivo na pretensão formulada pelo Ministério Público Federal, a fim de delimitar o objeto da ação. O MPF, agarrando-se ao argumento da violação dos direitos humanos durante o período do Regime Militar, tenta fazer crer que todos os pedidos formulados na presente ACP No entanto, é salutar ressaltar que nem todos os acontecimentos sociais ocorridos no país durante o período de exceção dizem respeito ou tem vinculação com o viés político do Regime Militar, a exemplo da construção da rodovia BR-174. [...]

4.1. DO PRINCÍPIO DA SEPARAÇÃO DOS PODERES: IMPOSSIBILIDADE DE DEFINIÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PELO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, PELO PODER JUDICIÁRIO E PELAS POPULAÇÕES INDÍGENAS

A presente demanda tem por objeto a declaração da violação de direitos fundamentais do povo Waimiri-Atroari [Kinja] em razão da construção da rodovia BR-174 durante o Regime Militar, bem como a condenação do Estado Brasileiro na adoção de medidas de reparação. Perseguindo tal fim, o MPF formulou os mais diversos pedidos visando impor à União, impropriamente, registre-se, a elaboração e implantação de políticas públicas, ofendendo

[11] NCPC: Novo Código de Processo Civil.

diretamente o princípio constitucional da separação dos poderes. [...] Seguindo essa linha de raciocínio é que se chega à conclusão de que não compete aos povos indígenas, igualmente, definir as políticas públicas a eles aplicáveis, de acordo com seus interesses e desconsiderando o interesse público, da forma como pretendida no item e.7 dos pedidos formulados na inicial.

Não é dado ao Poder Judiciário proceder a escolha na alocação de recursos públicos, sendo indevido determinar à Administração Pública a realização de políticas públicas, incorrendo na mesma impossibilidade o Ministério Público Federal. [...]

4.2. DA SOBERANIA NACIONAL E DO PRINCÍPIO DA LEGALIDADE COMO POSTULADOS DA ATUAÇÃO ADMINISTRATIVA. DA IMPOSSIBILIDADE DE CONDICIONAMENTO DA ATIVIDADE ADMINISTRATIVA AO CONSENTIMENTO VINCULANTE DA POPULAÇÃO INDÍGENA. DO CARÁTER CONSULTIVO DO ART. 6° DA CONVENÇÃO N° 169/ OIT. [...]

No caso dos autos, de modo perigoso e irresponsável, o MPF pretende ver reconhecido em juízo a obrigação de que o Estado Brasileiro se submeta ao consentimento vinculante da tribo Waimiri-Atroari para adoção de qualquer medida legislativa ou administrativa que tenha impacto sobre o território indígena ou para a realização de empreendimentos na área. [...]

Percebe-se, pois, que o MPF objetiva com a presente ação criar uma soberania do povo Kinja, colocando-os acima da soberania nacional e do ordenamento jurídico, sob o argumento de proteger os interesses dessa comunidade. Permitir tal disparate é colocar em xeque a própria existência do Estado Brasileiro, ao interferir sobremaneira na sua capacidade de

autogestão e auto-organização, na sua própria soberania.

Destarte, por ofensa direta aos postulados da soberania nacional e da legalidade, mostra-se completamente descabido e desarrazoado exigir que a Administração Pública condicione a adoção de medida legislativa ou administrativa que tenha impacto sobre o seu território ou para a realização de empreendimentos na área sua ao consentimento vinculado das populações indígenas.

[...] Revela-se igualmente desprovido de fundamento jurídico o pedido de proibição de incursões militares na área sem o prévio consentimento do povo Waimiri-Atroari, a ser obtido nos termos do art. 6° da Convenção n° 169/ OIT e a vedação da condução de assuntos referentes a direitos indígenas do povo Waimiri-Atroari por agentes e órgãos militares.

É necessário se ter em mente que as Forças Armadas, instituições permanentes reconhecidas constitucionalmente [art. 142], são destinadas à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais, da lei e da ordem. Atuam, portanto, contribuindo para a garantia da soberania nacional, salvaguardando os interesses nacionais e cooperando com o desenvolvimento nacional e o bem-estar social.

Permitir tal condicionamento seria o mesmo que autorizar a esdrúxula situação de as Forças Armadas precisarem pedir autorização aos Kinja para defender o território nacional em uma situação, por exemplo, de guerra declarada ou ataque estrangeiro ao Brasil.

Deve-se ter em mente que as terras indígenas estão localizadas na Amazônia, umas das maiores riquezas naturais do país, a qual não pode ter sua defesa pelas Forças Armadas impedida ou obstada pela vontade de uma pequena parcela de índios.

Nessa esteira, a tentativa de afastar toda e qualquer atividade militar no território indígena Waimiri-Atroari representa impedir as Forças Armadas de desempenharem seu papel constitucional de defesa do país, pretensão que também não pode prosperar, eis que é nitidamente desarrazoada.

4.3. DA INEXISTÊNCIA DE LIMITAÇÃO AO USUFRUTO CONSTITUCIONAL DAS TERRAS INDÍGENAS. PREVALÊNCIA DO INTERESSE PÚBLICO. IMPOSSIBILIDADE DE INDENIZAÇÃO OU COMPENSAÇÃO.

Busca-se com a presente ação também a retificação, no prazo de 60 dias, da área objeto de homologação do Decreto n° 97.837/1989, de modo a afastar a exclusão, prevista no art. 2°, parágrafo único, do trecho referente à BR-174 do território Waimiri-Atroari.

Fundamentando tal pedido, o MPF alega que "*a construção da estrada representa uma limitação permanente ao usufruto constitucional*" [página 108 da inicial], razão pela qual pretende a inclusão da faixa da estrada nas terras dos Waimiri-Atroari, reparando-os pelos supostos prejuízos.

A Constituição da República Federativa do Brasil assim disciplina as terras indígenas e o usufruto pelos índios:

> Art. 20. São bens da União:
>
> XI - as terras tradicionalmente ocupadas pelos índios. [...]
>
> Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. [...]

> § 2° As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes. [Grifo nosso].

O Texto Constitucional é claro ao prever que a propriedade das terras indígenas pertence à União, cabendo aos índios unicamente o usufruto das riquezas oriundas do solo, dos rios e lagos. Isso significa dizer que os índios não gozam, em relação às terras, de todos os direitos inerentes ao proprietário, sendo o seu direito sobre elas limitado. [...]

A existência da rodovia na terra indígena revela obra e serviço de mobilidade de inegável interesse público, inclusive alinhado ao objetivo fundamental da República Federativa do Brasil consistente em garantir o desenvolvimento nacional [art. 3°, II]. [...]

O tema não é novo e também já foi apreciado pela Justiça Federal-PE e o TRF-5ª Região, os quais analisaram demanda análoga, em ACP igualmente ajuizada pelo MPF, com pedido de retirada das torres de transmissão de energia elétrica "*Paulo Afonso-Milagres*", instaladas na reserva indígena "*Pankararu*" e pagamento de indenização [Proc. 0013310-87.2004.4.05. 8300 – 5ª Vara Federal-PE].

Nessa oportunidade, o Judiciário houve por bem julgar improcedente a pretensão, assinalando a legalidade da instalação das torres de transmissão de energia na área indígena, tendo em vista o interesse público subjacente, afastando, portanto, a pretensão indenizatória forte na efetiva propriedade das terras por parte da União.

Vale transcrever os principais trechos da sentença do MM. Juízo da 5ª Vara Federal-PE [sem grifos no original]: [...]

> De mais a mais, observa-se que a solução ora adotada é a mais condizente com a necessidade de ponderar os interesses postos em choque no presente caso, a saber, o interesse público na prestação do serviço e o interesse das comunidades indígenas.
>
> A instalação das torres de transmissão, necessárias à prestação do serviço público de fornecimento de energia elétrica, não suprime, aos silvícolas da tribo "*Pankararu*", a fruição e o gozo das riquezas existentes em sua reserva indígena, não lhes retirando a capacidade de desenvolver-se segundo seus valores e crenças. [...]

Neste ponto, não se poderia deixar de evocar o posicionamento firmado pelo Supremo Tribunal Federal no emblemático julgamento da Terra Indígena Raposa Serra do Sol [Pet. 3.388/RR].

Confira-se:

> [...] 14. A CONCILIAÇÃO ENTRE TERRAS INDÍGENAS E A VISITA DE NÃO-ÍNDIOS, TANTO QUANTO COM A ABERTURA DE VIAS DE COMUNICAÇÃO E A MONTAGEM DE BASES FÍSICAS PARA A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS OU DE RELEVÂNCIA PÚBLICA.
>
> A exclusividade de usufruto das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nas terras indígenas é conciliável com a eventual presença de não-índios, bem assim com a instalação de equipamentos públicos, a abertura de estradas e outras vias de comunicação, a montagem ou construção de bases físicas para a prestação de serviços públicos ou de relevância pública, desde que tudo se processe sob a liderança institucional da União, controle do Ministério Público e atuação coadjuvante de entidades tanto da Administração Federal quanto representativas dos próprios indígenas.
>
> O que já impede os próprios índios e suas comunidades, por exemplo, de interditar ou bloquear estradas, cobrar pedágio pelo uso delas e inibir o regular funcionamento das repartições públicas. [...].

[Pet 3388, Relator[a]: Min. CARLOS BRITTO, Tribunal Pleno, julgado em 19.03.2009, DJe-181 DIVULG 24.09.2009 PUBLIC 25.09.2009 REPUBLICAÇÃO: DJe-120 DIVULG 30.06.2010 PUBLIC 01.07.2010 EMENT VOL-02408-02 PP-00229 RTJ VOL-00212- PP-00049. [grifos nossos].

Como já abordado, nos termos do art. 20, inciso XI, da Carta Magna, as terras indígenas constituem bens da União.

Dessa forma, parece não fazer sentido que a União precise realizar qualquer compensação, seja material ou financeira, pelo uso dessas terras. [...]

4.4. DA LEI N° 12.528/2011: A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE

Pretende-se também com a presente demanda a reunião e sistematização, no Arquivo Nacional, de toda a documentação pertinente à apuração das graves violações de direitos humanos cometidas contra o povo Kinja, além da realização de cerimônia pública de pedido de desculpas e entrega à comunidade de todos os documentos governamentais, civis ou militares, mantidos sob qualquer meio, produzidos no período de exceção, referentes à etnia e ao empreendimento de construção da BR-174. [...]

4.5. DA INEXISTÊNCIA DE CRIME CONTRA A HUMANIDADE E DE GENOCÍDIO

A presente demanda, sob a alegação de ocorrência de uma política de extermínio contra os indígenas Waimiri-Atroari, pretende, ainda, a responsabilização do Estado Brasileiro pela prática de crime contra a humanidade e de genocídio, atribuindo a morte de centenas de indígenas aos militares do Exército Brasileiro.

Cumpre aclarar que, para que haja a responsabilização por um crime, é necessário individualizar seus elementos objetivos, subjetivos e materiais, expondo o fato criminoso, com todas as suas circunstâncias e indicando o[s] infrator[es]. A atribuição de tais ilícitos à União exige que o MPF comprove cabalmente a ocorrência dos fatos, indicando os agentes públicos por eles responsáveis e o nexo de causalidade com os danos alegados, bem como a intenção dos agentes de provocar o dolo específico do crime.

Todavia, por não possuir provas contundentes da materialidade e indícios de autoria dos referidos crimes, a parte autora se limitou a alegar tais acusações, juntando relatos dispersos de pessoas que, supostamente, teriam vivenciado a construção da BR-174.

Como se percebe, o conjunto probatório sequer conseguiu individualizar a conduta de um militar ou outro agente público, nem caracterizar os crimes com todos os seus elementos. Desse modo, é impossível juridicamente atribuir tal responsabilidade ao Estado.

Exatamente por não possuir elementos capazes de demonstrar a prática dos aludidos crimes e, consequentemente, a responsabilidade penal do Estado brasileiro, o MPF visa com essa ação, responsabilizar civilmente a União pelos supostos delitos [atos ilícitos].

O ato ilícito, nos termos do art. 186 do Código Civil de 2002, pressupõe a existência de ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, que viole direito e cause dano a outrem. Verifica-se, portanto os seguintes elementos: ação ou omissão, violação de direito e configuração de dano.

No presente caso, consoante já robustamente demonstrado nos tópicos precedentes, não houve qualquer violação de direito por parte da União.

Ao contrário, as condutas administrativas que redundaram na construção da rodovia BR-174 e depois na demarcação da terra indígena Waimiri-Atroari [Decreto n° 97.837/1989] foram absolutamente pautadas na legalidade, seguindo as normas vigentes à época de cada acontecimento ([12]).

---

[12] INFORMAÇÃO n° 023/2017 – CMA: "[...], os militares do Exército Brasileiro, em especial, do 6° Batalhão de Engenharia de Construção, utilizando apenas veículos comuns, equipamentos e instrumentos voltados à construção e pavimentação da rodovia, [...] deu continuidade à construção da BR-174, cumprindo o Plano de Integração Nacional, fruto do Decreto-Lei n° 1.106, 16 de junho de 1970, do Presidente da República, permitindo a integração nacional e o desenvolvimento econômico e social da região, além de garantir o direito de ir e vir que todo brasileiro dever ter, assegurando a todos a dignidade da pessoa humana.

O trato com os indígenas era o mais amigável possível, em clima de respeito da mesma forma que nos dias atuais e sempre com a intermediação de funcionários da FUNAI. Esse era, é e sempre será o padrão previsto e exigido de comportamento dos militares independente de qualquer atitude hostil por parte dos indígenas, apesar de terem ocorrido alguns ataques aos trabalhadores civis, inclusive com a morte de 13 [treze] funcionários da FUNAI e 3 [três] trabalhadores do empreiteiro André.

As informações acerca das referidas mortes aparecem em diversos momentos da inicial, como por exemplo na página 32, bem como na carta do General Gentil Nogueira Paes, na página 48, que inclusive é peça integrante da presente ACP, e, ainda, no Anexo 7, páginas 310 e 313. Há que se destacar nunca houve represálias.

Pelo contrário, buscou-se a pacificação e medidas defensivas, reforçando a segurança, ofertando presentes, proibindo a entrada de militares e civis na mata, assim como a caça e pesca e limitando o acesso dos trabalhadores [militares e civis] nas áreas de estacionamentos, canteiro de obras e eixo da estrada. Tudo visava a preservar a integridade física dos índios e dos agentes públicos e pessoal empregado na obra objetivando sempre manter um clima harmonioso com os silvícolas, brasileiros que são.

Assim sendo, durante a atuação do Exército na construção da BR-174, não existiram políticas, ações, medidas para ataques, extermínio remoção ou qualquer ameaça ao povo Waimiri-Atroari. O foco dos militares era o cumprimento da missão, de acordo com o previsto na legislação de forma harmoniosa [...]".

Deste modo, sem violação de direito, não há que se falar em ato ilícito. Tal conclusão, inclusive, é corroborada pelo próprio MPF, que em sua petição inaugural requer a "*declaração judicial da existência dos atos ilícitos apontados nesta inicial e de suas respectivas circunstâncias*". [fl. 85 da exordial]. Ora, aqui, mais uma vez, a parte autora não foi capaz de provar o quanto alegado e tenta transferir ao Judiciário o seu ônus probatório, previsto no art. 373, do Código de Processo Civil, abaixo transcrito:

> Art. 373. O ônus da prova incumbe:
> I - ao autor, quanto ao fato constitutivo de seu direito:

Portanto, pela ausência de comprovação da existência de ato ilícito praticado pela União, não merece prosperar o pleito reparatório.

4.6. DO NÃO CABIMENTO DE DANOS MORAIS COLETIVOS

O MPF, ao requerer a condenação da União em danos morais coletivos, assevera que a União promoveu a remoção forçada daquela população indígena, bem como foi omissiva ao adotar medidas para reparar os danos causados. [...]

Ocorre que, como já se demonstrou, a construção da estrada se deu de modo lícito, agindo a União dentro dos parâmetros legais que direcionam a atividade estatal. Portanto, não há que se falar em conduta lesiva da União, haja vista se revestir da mais plena juridicidade. Ademais, o MPF alega que os Kinja sofreram danos por terem sido deslocados de sua terra sem qualquer reparação. No entanto, o alegado deslocamento não restou comprovado, tampouco eventuais prejuízos advindos da construção da estrada. [...]

Por conseguinte, não se verifica presente o nexo de causalidade.

Não resta outra conclusão, portanto, senão a de que não há qualquer dano moral sofrido pelos Kinja, razão pela qual todos os pedidos formulados pelo MPF devem ser julgados totalmente improcedentes.

Em verdade, a União agiu em exercício regular de um direito e no estrito cumprimento do dever estatal, ao agir para alcançar um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, qual seja, o de garantir o desenvolvimento nacional [art. 3°, II, da CR/1988].

Embora ausente qualquer responsabilidade civil derivada de ato da União, caso o Ente federal venha a ser condenado, o que se admite por mero apego ao princípio da eventualidade, requer-se que o quantum pleiteado pelo Parquet seja substancialmente reduzido, ante a ausência de proporcionalidade e razoabilidade.

4.7. DA RAZOABILIDADE DA ATUAÇÃO ADMINISTRATIVA E DA AUSÊNCIA DE RAZOABILIDADE DA PRETENSÃO DO MPF [...]

Importante destacar que uma rodovia beneficia diretamente a sociedade, gerando externalidades positivas que se materializam no acesso à saúde, educação, vacinação, progresso científico e melhores hábitos de condução que reduzem riscos de acidentes. [...]

A construção da rodovia possibilitou o desenvolvimento econômico e social dessa região, facilitando a circulação de pessoas e bens, retirando os dois Estados da situação de quase isolamento em que viviam em relação ao restante do Brasil. [...]

Cabe ainda acrescentar que a faixa da rodovia é ínfima se comparada a totalidade das terras indígenas, o que descaracteriza todo e qualquer prejuízo alegado na inicial, especialmente se comparados aos grandes benefícios gerados pela BR-174. [...]

O mapa também deixa claro que não havia outro traçado recomendável para a BR-174 que não fosse cortar o território Waimiri-Atroari, pois do lado esquerdo a terra indígena faz divisa com o Rio Negro e o Parque Nacional de Jaú e do lado direito com uma extensa região alagada e a Reserva Biológica de Uatumã.

Verifica-se, portanto, que para que a rodovia não passasse pela terra indígena seria necessário fazer um desvio imenso, contornando as regiões acima mencionadas, o que certamente tornaria o trajeto mais longo, difícil e oneroso para os cofres públicos e, talvez, fosse até mesmo inviabilizado do ponto de vista econômico-financeiro.

A proteção das terras indígenas não pode impedir o desenvolvimento social e econômico do país, sobretudo quando não se está diante de uma retirada dos índios de suas terras, mas de simples demarcação desse espaço.

Numa ponderação de interesses, entre o direito dos índios à proteção de suas terras e o interesse público [desenvolvimento social e econômico, direito de ir e vir], deve prevalecer este último, pois visa proteger toda a coletividade.

Por essas razões é que a construção da rodovia BR-174 não pode ser vista sob o ponto de vista míope e unilateral apresentado pelo MPF, sendo completamente desarrazoados os pleitos formulados na presenta ação! [...]

Pede deferimento.

Manaus, 18 de novembro de 2017.

ANNA LUIZA SILVA ARAÚJO

Advogada da União

Contestação do TRF

PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 1ª REGIÃO
Coordenadoria da Quinta Turma

DECISÃO [...]

Decido.

[...] Aduz que a presente ação visa a buscar o reconhecimento das violações ocorridas e a adoção de medidas para assegurar que o povo Kinja tenha suas memórias valorizadas e os seus direitos reconhecidos.

As obras de implantação da rodovia BR-174 AM/RR iniciaram-se em 1968, mediante convênio entre o extinto DNER [Departamento Nacional de Estradas de Rodagem] e o Ministério do Exército. A rodovia foi inaugurada em 1977. Já as obras de pavimentação iniciaram-se em 1994 e foram concluídas em 1998.

A Terra Indígena [TI] Waimiri-Atroari foi homologada por meio do Decreto n° 97.837, de 16 de junho de 1989. No parágrafo único do art. 2° do referido Decreto é informado que fica excluída da área da TI a faixa de domínio da BR-174, <u>observado que a rodovia foi implantada antes da homologação da Terra Indígena</u>, da promulgação da Convenção OIT n° 169, <u>como também anterior a nossa Carta Magna de 1988</u>.

Em 27 de junho de 1989, foi assinada, em Genebra, a Convenção n° 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. Em 19 de abril de 2004, por meio do decreto n° 5.051, a Convenção foi promulgada pelo Presidente da República do Brasil, porém a regulamentação dos procedimentos de consulta não foi efetivada. [...]

À época da implantação da rodovia não havia instrumento legal que determinasse o licenciamento ambiental do empreendimento, nem tão pouco previsão de consulta a povos possivelmente afetados, uma vez que a Convenção OIT n° 169 só foi assinada em 1989. Logo, a rodovia foi construída com base na legislação vigente à época.

Conforme destacado na própria ACP, no caso do julgamento pelo Supremo Tribunal Federal [STF] da demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, uma das salvaguardas é que o usufruto dos índios não impede a instalação, pela União Federal, de equipamentos públicos, redes de comunicação, estradas e vias de transporte, além das construções necessárias à prestação de serviços públicos pela União, especialmente os de saúde e educação.

Embora o Plenário do STF tenha decidido que a decisão só tenha aplicação naquele caso, a 2ª Turma já aplicou as salvaguardas em pelo menos dois mandados de segurança.

A construção de uma estrada ligando dois Estados do norte do país, região que àquela época não era praticamente servida de estradas de acesso, não pode ser confundida com uma ação de violação de direitos humanos, nem muito menos com um ato de perseguição política.

Ao contrário, a obra pública tão debatida caracterizou nítido atendimento do interesse público que permeia a atuação da Administração Pública.

Não compete aos povos indígenas, igualmente, definir as políticas públicas a eles aplicáveis, de acordo com seus interesses e desconsiderando o interesse público, da forma como pretendida no item e.7 dos pedidos formulados na inicial.

Da leitura do art. 6° da Convenção n° 169/OIT, não se verifica que a vontade das populações indígenas possui caráter vinculante na atuação administrativa e legislativa. Pelo contrário, o dispositivo visa a estimular a participação dos índios, por meio de consulta, repita-se, não vinculante, nos assuntos de seu interesse, ampliando o debate democrático.

O Texto Constitucional é claro ao prever que a propriedade das terras indígenas pertence à União, cabendo aos índios unicamente o usufruto das riquezas oriundas do solo, dos rios e lagos.

Isso significa dizer que os índios não gozam, em relação às terras, de todos os direitos inerentes ao proprietário, sendo o seu direito sobre elas limitado.

A existência da rodovia na terra indígena revela obra e serviço de mobilidade de interesse público, inclusive alinhado ao objetivo fundamental da República Federativa do Brasil consistente em garantir o desenvolvimento nacional (art. 3°, II).

Não há nos autos comprovação clara e convincente quanto aos alegados prejuízos experimentados pelos Kinja, tampouco restou demonstrado que as incursões estatais para construção da rodovia BR-174 se deram por razões de perseguição política ligadas ao regime de exceção.

A condenação ao pagamento de indenização por alegados danos materiais e lucros cessantes depende de comprovação, ônus do qual não se desincumbiu o autor, visto que deixou de carrear aos autos

documentos apontando o montante dos prejuízos suportados, não servindo, para tanto, pedido genérico de ressarcimento relativo a danos que sequer foram demonstrados. [...]

Cabe ressaltar que não há prova nos autos de que locais sagrados, cemitérios e espaços territoriais imprescindíveis de pertencimento ao povo tenham sido impactados pela rodovia; que a há no Brasil 66 Rodovias Federais que interceptam Terras Indígenas; que poderá a decisão agravada acarretar prejuízos ao sistema elétrico nacional, em especial, ao fornecimento de energia elétrica no Estado de Boa Vista/RR, dentre outros.

De igual maneira, descabe a concessão de antecipação de tutela de urgência, ou seja, de antecipação do próprio direito, pois inexiste probabilidade do direito e o perigo de dano ou o risco ao resultado útil do processo, conforme previsto no art. 300 do CPC.

À vista do exposto:

A) para defiro o pedido de antecipação da tutela da pretensão recursal suspender a decisão agravada até o julgamento do mérito do presente agravo;

B) comunique-se ao Juízo de origem, com cópia desta decisão;

C) Intimem-se os agravados para os fins do artigo 1019, inciso II, do Código de Processo Civil/2015.

Publique-se.

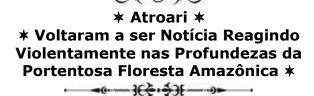
Brasília, 21 de janeiro de 2019.

Juiz Federal Leão Aparecido Alves

O Pium

Meu caro amigo de longa data, ST Luiz Mário Severo Ávila, agrimensor, advogado e escritor, que tive, no dia 09.02.2019, a satisfação de reencontrar, é gaúcho de Santa Rosa, RS, onde nasceu a 14.06.1950.Atualmente junto com seu filho Engenheiro Rodrigo Edson Castro Ávila, exerce trabalhos de Engenharia e Consultoria na Empresa R. E. Castro Ávila e Cia Ltda.

Graças a ele e ao Ten Cel Vandir Pereira Soares Júnior tive acesso à coletânea do Periódico "*O Pium*", criado em maio de 1974, pelo Sr. Ten Cel Eng QEMA João Tarcízio Cartaxo Arruda, Comandante do 6° BEC, que relata o dia-a-dia da valorosa família do "*Batalhão Simón Bolívar*".

✴ Atroari ✴
✴ Voltaram a ser Notícia Reagindo Violentamente nas Profundezas da Portentosa Floresta Amazônica ✴

Desta feita seus alvos foram os próprios funcionários da FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO [FUNAI] que, dedicada amigavelmente e tentam pacificá-los, mantendo-os entretanto afastados da civilização e do homem branco.

Agindo com tática e sangue frio, assaltaram o posto da FUNAI, localizado nas proximidades do Rio Alalau e a um quilômetro aproximadamente da rodovia BR-174, em construção, a golpes de terçado [facão] e fazendo uso de seu armamento convencional, arco e flecha. Dos ataques perpetrados já resultaram cinco mortos e três feridos que foram acolhidos por nossa turma de desmatamento. Reconhecimentos aéreos feitos no local demonstraram a aldeia indígena incendiada, sinal de que os Waimiri-Atroari abandonaram a área.

Atualmente o 6° BEC desenvolve seus trabalhos na construção da BR-174 entre os rios Santo Antônio do Abonari e o misterioso Alalau, em plena reserva indígena, trabalhamos desarmados, nossa meta é de unir os brasileiros e a nossa missão é de paz. Venceremos!

O PIUM

Informativo mensal do 6º BEC

ANO I – Nº 6 – BOA VISTA-RR, 20 NOV 74

✷ Atividades das Companhias ✷

✷ 1ª Companhia de Engenharia de Construção ✷

A linha do Equador será seccionada pela BR-174 exatamente no Km 380. Para cortá-la, aceleram-se as máquinas, estafam-se os braços, exige-se sempre mais que INTELIGÊNCIA e VONTADE sejam transformadas em AÇÃO.

Ação não faltou à militares e civis da 1ª Cia, que conseguiu atingir o Rio Alalau com o desmatamento manual, enquanto poderosos "*BULDOZERS*" atingiam com suas lâminas o KM 258 da BR-174, no difícil e perigoso trabalho do desmatamento mecanizado. Ainda, até 31 de outubro, a terraplenagem atingia as alturas do KM 253 faltando, portanto, apenas 19 para ser atingido o Território de Roraima.

O volume escavado naquele mês foi de 508.238 m^3 e há a salientar ainda a construção uma ponte de madeira com vão de 72 metros sobre o Rio MANILHA [Ten "*MA*"zzotti + Cap Bo"*NILHA*"] ou TAQUARI como é conhecido pelos Atroari.

✴ 2ª Companhia de Engenharia de Construção ✴

Enfrentando ainda pesados aguaceiros, a 2ª Cia teve durante o mês de outubro seu quinhão de vitórias. O Rio Anauá foi vencido e ultrapassado através de uma balsa metálica levada até àquela altura quando o Rio estava em seu nível máximo e apesar de as margens apresentarem-se pavorosamente desfavoráveis, barrentas e escorregadias, conseguiram os homens da 2ª lançar dois D-8 na margem Sul do Anauá.

Com estas máquinas, trabalhando dia e noite na limpeza e destocamento, a estrada avançou rumo ao Jauaperi onde ansiosos os tratoristas da linha de frente do Destacamento Norte esperam "*bater as lâminas*" com os do Destacamento Sul.

O inatingível e lendário Rio Anauá vai ficando para trás, com suas águas correntes cheias de ferozes piranhas e velozes pirandirás, a alertar os que a enfrentam que suas águas foram descobertas, mas não domadas, e que mistérios insondáveis existem nas suas correntezas.

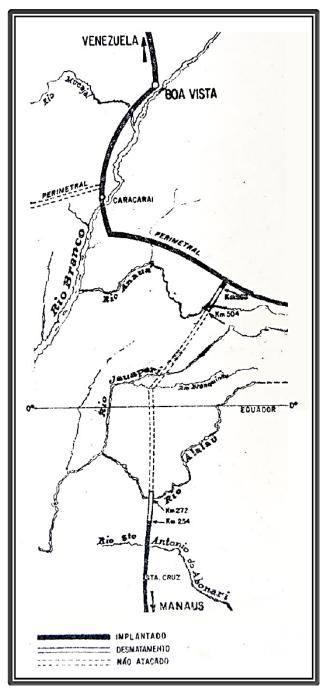



Imagem 08 – Atividades das Companhias

✷ Atroari ✷

No dia 07.11.1974, seis índios Atroari mantiveram contatos amistosos com o pessoal de desmatamento da 1ª Cia que está operando na margem Norte do Rio Alalau. O contato foi o mais cordial possível tendo aqueles índios inclusive penetrado na barraca do nosso pessoal e se retirado da área, após reconhecerem o Posto da FUNAI, em cujo local funcionários foram sacrificados em cumprimento do dever, no massacre ocorrido no dia 02.10.1974.

No dia 13 de novembro, por volta das 16h00, repetiram a visita 04 índios Atroari, desta vez no KM 271 [16 KM ao norte do Alalau]. Após receberem abastecimento de gêneros alimentícios por troca com seus arcos e flechas, retiraram-se bastante satisfeitos.

Todavia, às doze horas do dia 17 de novembro, eis que vinte deles atacaram quatro homens da turma de desmatamento, acampados no KM 25 ao norte do Alalau, levando os gêneros que puderam, flechando o restante do material existente. Três homens nossos estão desaparecidos, consoante informação prestada pelo quarto, que fugiu na hora do ataque. Em consequência, os trabalhos de desmatamento tiveram de ser paralisados até que uma "*Bandeira Branca*" seja levantada, e se fume o "*Cachimbo da Paz*". Quando será?

✷ A Estrada – o Índio ✷

Revestido dessa crença de perigo à simples alusão do nome Atroari, iniciou-se o desmatamento manual, atingindo os trabalhos, sem problemas, o Rio Abonari, e depois o Alalau. O primeiro contato entre os trabalhadores da estrada e os Atroari se deu às margens desse Rio. Àquela altura, era impraticável o suprimento aéreo para o efetivo de 100 homens; da necessidade de se utilizar o Rio como via de suprimento, nasceu a decisão de estabelecer o contato.

E ele ocorreu em ambiente festivo, com inúmeras trocas de presentes, que consistiam da parte dos trabalhadores, em pedaços de plásticos coloridos previamente preparados e alimentos em geral, e da parte dos índios em caças variadas [peixes, aves, jabotis, etc].

Sob esse clima de paz, vivendo quase em comum, trabalhadores brancos e os indígenas, durante seis meses o desmatamento manual prosseguiu até atingir o Rio Jauaperi.

Nesse ponto foi interrompido o serviço e a equipe regressou à Manaus, acompanhada pelos índios até o Km 60 da rodovia. Logo após esse regresso ocorreu, em 17.12.1972, o ataque ao acampamento das FUNAI, às margens do Alalau, próximo à área desmatada, com o massacre de três funcionários residentes e a fuga com vida de outro. Mais tarde, já no ano de 1973, na construção de ponte madeira sobre o Rio Abonari, foram restabelecidos aqueles contatos amistosos iniciais, sob o mesmo ambiente de paz, embora menos frequentes.

Os relatos dos elementos que viveram tais situações evidenciam uma verdade grotesca: "*O Atroari, Antes de Tudo é um Faminto*".

Numa escala crescente de idade e decrescente de vigor físico, as crianças apresentam-se saudáveis, expressivos olhos pretos, cabelos aparados curtos de um preto reluzente, contrastando com os mais velhos raquíticos, aspecto físico deprimente, a causar pena. Vivem inteiramente nus, as índias protegendo o sexo com sementes de açaí ligadas umas às outras lembrando grandes cachos de uvas.

No aspecto geral, seu biotipo não difere do branco e sua pele é bronzeada; não possuem hábitos regulares de higiene, à exceção do banho, não muito frequente, porém, entre as crianças.

✷ Os Últimos Acontecimentos – A Situação Atual ✷

Por imposição de projeto, atualmente, decorridos quase três anos daqueles contatos amistosos, a estrada avança numa diretriz paralela àquela desmatada, a partir do Rio Abonari. A equipe mais avançada, a de desmatamento manual [a cargo do mesmo empreiteiro do serviço anterior] já ultrapassou o Alalau e trabalha em território roraimense. Em princípios de outubro de 74, ocorreu o ataque ao posto da FUNAI do Rio Alalau, que apoiava essa equipe, conforme noticiamos no "*O Pium N° 5*".

No dia 17 de novembro ["*O Pium N° 6*"], quatro trabalhadores da turma de desmatamento manual foram atacados por cerca de vinte índios; era domingo e o restante da equipe encontrava-se gozando dispensa em Manaus. Dos três que, na ocasião, dávamos como desaparecidos, foram encontrados, mortos, em lastimável estado que pressupõe uma macabra sequência de torturas, os trabalhadores José Mendes e Cláudio Pires, o terceiro, João Moraes, continua desaparecido.

Duas flechas ligeiramente menores que as usuais, cravadas junto à estaca 1.250 [trecho Alalau Jauaperi] pressupunham a intenção de represália dos índios ao avanço dos serviços além daquele limite, o que obrigou o Batalhão a paralisar os trabalhos de desmatamento manual. "*O Pium*" lamenta, profundamente ferido, as duas, provavelmente três primeiras vítimas dos Atroari, diretamente ligadas ao Batalhão. No momento, a estrada avança [...]; o Destacamento Sul trabalha com uma preocupação maior: a da segurança.

Com pesar, registramos esses últimos acontecimentos; não pudemos formar uma ideia das causas que deram origem a comportamentos tão diversos daqueles contatos iniciais. Sugerir-se ser da própria natureza dos Atroari esse aspecto ambíguo de seu relacionamento social e outras considerações não passaram do campo das conjeturas. Por enquanto, as teses se confundem, não há uma conclusão definitiva...

✷ Atroari – Waimiri ✷

A aproximação amistosa, a partida amigável, o ataque fulminante ao alvorecer: o índio sutil "*inimigo*" não catalogado nos manuais de combate.

A incrível coincidência das circunstâncias e dos saldos: superioridade numérica temporária, sobrevivência de um e apenas um elemento, degola sistemática de um dos massacrados, destruição do equipamento de comunicações, danificação do armamento.

Assim ocorreu, como os anteriores, o massacre de 29 de dezembro. Assim transcorreu o expirar do ano de 1974 no Destacamento Sul do 6° BEC.

Divulgada plenamente nos órgãos de imprensa, eis a história do massacre detalhes:

> **27 Dez – 14h00 –** quatro índios Waimiri entraram em contato com os madeireiros Rafael Pereira da Silva e Bento Francisco da Conceição, que derrubavam uma árvore a 500 metros do acampamento do Destacamento Sul [Km 220]. Conduzidos ao acampamento e apresentados ao Oficial de permanência, Tenente Tiarajú, foram acolhidos e, como manifestassem fome, levados a almoçar. À mesma hora, mais três índios chegaram ao acampamento vindos pela estrada. Todos jovens, desarmados e demonstrando medo diante do funcionamento das máquinas. Atitudes amistosas, almoçaram no rancho das praças, comendo carne de gado pensando que era de anta, pediram e receberam camisas, calções, bolacha, banana.
>
> **14h40 –** os índios demonstraram desejo de retornar, apontando para o Sol. Embarcados em viatura, seguiram com o Sgt Goulart até a Ponte Padre Calleri, sobre o Rio Abonari, [Km 226], onde se juntaram a mais vinte índios que ali se encontravam. Repetição das atitudes, abraços com soldados, fotografias, promessa de retorno trazendo flechas para presentear a tropa.
>
> **15h30 –** chegaram de Manaus o Capitão Bonilha e o sertanista Gilberto Pinto trazendo presentes, alertados da presença de mais trinta índios no Posto da FUNAI, em Abonari.

16h00 – após entrarem em contato com o Comandante do 6° BEC, em Boa Vista, e, autorizados seguiram para o Posto Abonari II [20 minutos de barco à montante da ponte], estabelecendo contato com o Cacique Maroaga, chefe do Grupo indígena. Contato amigável, o cacique pediu para sobrevoar sua maloca, solicitou bolachas, martelo e panelas grandes.

28 Dez – 07h40 – o avião PT-CYB, do 6° BEC, decola de Boa Vista, cheio de presentes para os índios: chapéus, panelas, biscoitos, etc...

12h00 – encontro na ponte entre os elementos do Batalhão e os Caciques Maroaga e Mimi, sempre acompanhados de Gilberto Pinto e mais vinte índios Cordialidade troca de presentes, lanche com refrigerantes, passeio de caminhão. À tarde, no campo de pouso, repetiram-se as trocas de flechas, pedido de mais panelas grandes, atendido com as existentes no Rancho do Destacamento e nas casas dos oficiais, despedidas do Capitão Bonilha que seguiu para Manaus prometendo trazer mais panelas.

29 Dez – 08h00 – o avião retornando de Manaus, sobrevoou o posto, tendo o Cap Bonilha constatado que o mesmo estava deserto e um corpo estendido no chão. No acampamento, a informação do funcionário da FUNAI, Ivan Lima Ferreira: Massacre ao alvorecer.

12h00 – um grupo armado, a comando do Cap Bonilha, seguiu para reconhecer o Posto. Uma hora após o cenário macabro: mortos por flechas e a golpes de terçado o Sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa e os funcionários da FUNAI João A. Monteiro e João B. Aguiar, este último degolado. Buscas até as 1600 horas não conseguiram localizar o corpo do Osvaldo de Souza Leal Filho. Posto abandonado: os indígenas levaram o barco a motor da FUNAI, danificaram o transmissor de rádio e quebraram as espingardas, deixando a munição. Ivan, o único sobrevivente, além de umas poucas galinhas, 02 cachorros e um filhote de caititu, jogara-se no Rio e

fugira pelo mato, indo refugiar-se no acampamento de 1ª Cia E. Assim foi o final de ano no Destacamento Sul.

03 Jan – em operação autorizada pela FUNAI, o Destacamento empreendia uma verdadeira ação de marcha para o combate na selva, a comando do próprio Comandante do Batalhão, com a finalidade de resgatar o corpo do funcionário da FUNAI desaparecido, apresar os salvados do posto e reconhecer uma improvável presença indígena remanescente.

Ligação terra-ar por painéis, grupos de combate em deslocamentos por lances. Comunicações em terra através transmissores de mão, vozes de comando inserindo-se à sinfonia da selva, a realidade do combate presente a cada movimento. E os resultados: resgate do corpo de Osvaldo, morto quando em fuga, e o recolhimento de flechas, arcos, caixas de materiais diversos da FUNAI, panelas, armas quebradas, estações-rádio danificadas, barco indígena, munições.

✷ Eu vi minha Pátria Renascer – 31 de Março ✷

Eu vi minha Pátria Renascer esplêndida, majestosa, altaneira. Eu vi minha Pátria reviver em meio das brigas, das lutas, do vendaval pavoroso da multidão enlouquecida. Era um cenário rude, torpe, muito estranho. O respeito não mais distinguia os ambientes de trabalho; o calor humano não tinha valor algum perante os interesses materiais.

Só a baderna encontrava destaque nos setores onde, frequentemente se alicerçava a discórdia.

O quadro apresentado nada mais era do que um cenário de indisciplina e desrespeito.

Minha Pátria queria sobreviver, impor a ordem, dignificar o respeito à criatura humana.

Sentia o peso da responsabilidade que lhe cabia de manter incólume as glórias de sua tradição; de preservar a ação benemérita de seus antepassado, de defender o valioso patrimônio histórico de suas glórias, conquistadas atreves dos tempos, em longos anos de extremado sacrifício.

O panorama da época se mostrava entristecedor. Não se divisava entendimento. Eram feitos degradantes onde o ódio palmilhava à risca sua trilha nefanda. O princípio de autoridade sucumbia de maneira deprimente, cedendo lugar aos abusos da ação licenciosa. Era um verdadeiro tumulto.

Minha Pátria esteve à beira do abismo, seduzida sorrateiramente pelo engodo de falsos compatriotas, os famigerados do poder que, no intuito de conquista-lo, se lançaram no mísero ridículo da hipocrisia.

A dignidade levianamente ia decrescendo de valor, subestimada em detrimento da maldade, na preservação da imunda crueldade. Só se falava em guerra, greve, revolta, na luta dos direitos forjados como justificativa de toda desordem.

A ordem e a justiça eram ridicularizadas em plena via pública numa projeção clamorosa que atingia as raias da traição.

Era sem dúvida um quadro deprimente.

Minha Pátria dileta, cuja bandeira tremula altaneira em nossos mastros, nos quartéis, nos navios, nas escolas, nas Unidades de Fronteira, da mais próxima à mais distante, simboliza em nossos corações o amor arraigado pela Terra que nos viu nascer. E quando ameaçada em sua soberania, nos estimula ao processo de uma réplica austera, como sinal de resposta ao insulto provocado.

O grupo da veleidade se constituía de pequena facção e foi por isso que não teve condição de sobreviver, apesar da força aparente que manifestava ter. Em boa hora surgiu a Revolução de 31 de março de 1964, que teve como sustentáculo básico a mão redentora da Divina Providência, permitindo que as Forças Armadas, alicerçadas em homens de bem e de caráter elevado, assumissem as rédeas do poder e salvaguardassem e integridade de nossa Pátria, cuja soberania esteve seriamente comprometida.

São decorridos onze anos. Hoje, em todos os quadrantes do Brasil, comemora-se esta maravilhosa data que representa o repúdio e extermínio à essa grande chaga do totalitarismo que tentarem lançar no coração da nossa sacrossanta Nação, batizada que foi com o nome de Terra de Santa Cruz.

Brasileiros fieis que somos, ainda miramos espantados os perigos porque passamos e nos rejubilamos com o evento da grande data, que nos restituiu a paz, e confiança e a tranquilidade de vivermos numa terra ordeira, onde se cultiva o amor, atributo legado de nossos antepassados.

No momento preciso, saberemos sempre nos defender com denodo, espírito do brasilidade e alma verdadeiramente patriótica.

Ten Saraiva

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Sexta-feira, 20 de março de 1964 — Ano LXXIII — N.º 66

Passeata de 500 mil em São Paulo defende o regime

DEMOCRACIA NA PRAÇA

A Praça da Sé foi pequena para abrigar a multidão que compareceu ao comício em defesa da Constituição

Uma multidão calculada em 500 mil pessoas participou ontem, em São Paulo, da *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* em defesa da Constituição e das instituições democráticas brasileiras e de repúdio ao comunismo, constituindo-se na maior manifestação popular já realizada na Capital paulista.

A *Marcha* deixou a Praça da República ao som de clarinadas dos Dragões da Fôrça Pública e chegou à Praça da Sé, com os sinos de tôdas as igrejas repicando.

Falaram durante a concentração em frente à Igreja da Sé o Senador Auro de Moura Andrade, o Deputado Herbert Levi, o Senador Padre Calazans, a Deputada Conceição da Costa Neves e outros oradores. O Governador Carlos Lacerda, que assistiu a parte da concentração, disse que "São Paulo começou a salvar o Brasil".

O Governador Ademar de Barros, falando a um grupo de mulheres da *Campanha da Mulher pela Democracia*, que participaram da concentração, manifestou a sua convicção de que "a situação é muito grave e tudo se decidirá nos próximos dias":

— Agora, só Deus, só a Virgem podem salvar-nos. Agora está feito. O nosso dispositivo, porém, também está pronto.

(Página 3)

Fala de Dutra tem apoio generalizado

Bormann está no Brasil, diz o irmão

Govêrno em nova pressão ao Congresso

Greve na comunicação continua

UDN denuncia tendências totalitárias

Ameaça de "lockout" no leite

Imagem 09 – Jornal do Brasil n° 66, 20.03.1964

TEMPO — Instável, com chuvas. TEMPERATURA — em declínio. VENTOS — variáveis, frescos. MÁXIMA — 35.5. MÍNIMA — 21.8. (Mais detalhes na Agenda JB, pág. 26)

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 29, e 2.ª-feira, 30 de março de 1964

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com 96 páginas em 5 cadernos, Caderno Especial, Revista de Domingo e Caderno B.

Almirantes denunciam comunização do País

Em manifesto ontem lançado à Nação, Almirantes e oficiais da Marinha afirmaram que "continuam unidos e dispostos a resistir por todos os meios ao seu alcance às tentativas de comunização do País", depois de "alertarem o povo para o golpe aplicado contra a disciplina na Marinha ao admitir-se que minoria insignificante de subalternos imponha demissão de ministros e autoridades navais e se atreva a indicar substitutos".

"Em lugar de promover-se a devida punição disciplinar — diz o manifesto — licenciam-se marinheiros amotinados que não representam absolutamente os dignos suboficiais, sargentos, marinheiros, fuzileiros que, em compacta maioria, continuaram e continuam fiéis ao seu juramento de disciplina e de dedicação à Marinha."

"O que este golpe representa de ameaça a tôdas as instituições do País está patente na forma e na essência — conclui o documento — e só nos resta alertar a Nação para que se defenda, enquanto estão de pé as instituições e os cidadãos dignos da liberdade e da Pátria."

Até esta madrugada, o manifesto já estava assinado pelos seguintes Almirantes:

Carlos Pena Bôto, Luís Clóvis de Oliveira, Jorge Leite, Otacílio Cunha, Hélio Garnier Sampaio, Augusto Haman Radmacker Grunewald, Levi Pena Aarão Reis, José Saldanha da Gama, Zilmar Campos de Araripe Macedo, Sílvio Monteiro Moutinho, Fernando Carlos de Matos, Vitor Jaime de Sá, Augusto Amaral Peixoto, Mário Carneiro de Campos Esposel (Comandante), Wigaud Joppert (Comandante), Jurandir Pereira, Ernesto de Melo Batista, Mário Baluisei, Armando Zenha de Figueiredo, Antônio Borges da Silveira Lôbo, Jurandir Muller de Campos, Abel Campbell de Barros, Leônidas Teles Ribeiro, Waldeck Lisboa Vampré e Luís Gonzaga Doring.

O Ministro da Marinha, Almirante Paulo Mário da Cunha Rodrigues, declarou ontem, em entrevista coletiva à imprensa, que "o marinheiro não pode ser um eterno raspador de ferrugem e por isso tem o direito à politização" e que pessoalmente está politizado "no sentido de que o Brasil consiga a sua emancipação com os meios que forem eficazes".

Depois de dizer que os seus pontos-de-vista políticos são idênticos aos do Presidente João Goulart, o Ministro Paulo Mário Rodrigues afirmou que a sua permanência no Ministério da Marinha está condicionada ao sucesso da anistia concedida aos marinheiros que se rebelaram no Sindicato dos Metalúrgicos.

Em manifesto à Nação, o Clube Naval afirma que "o grave acontecimento que ora envolve a Marinha de Guerra, ferindo-a na sua estrutura, abalando a disciplina, não pode ser situado apenas no setor naval. E' um acontecimento de repercussão nas Fôrças Armadas e nêle o Exército e a Aeronáutica não podem ficar indiferentes. Caracteriza-se claramente a infiltração de agentes da subversão na estrutura das Fôrças Armadas. O perigo que isto representa para as instituições e para o Brasil não pode ser subestimado".

O Presidente João Goulart, em declarações ontem distribuídas à imprensa, ressaltou "a decidida colaboração do Exército e da Aeronáutica, a cuja unidade, disciplina e alto patriotismo deve o País a rápida superação da crise, que, se prolongada, poderia nos conduzir a caminhos mais perigosos".

O Ministro da Guerra, General Jair Dantas Ribeiro, enviou aviso aos Comandantes de tôdas as guarnições do Exército, dando por encerrada a crise surgida na Marinha e informando que os fatos que possam sobrevir, capazes de abalar a disciplina na Armada, serão solucionados pelo Ministro Paulo Mário da Cunha Rodrigues.

À noite de ontem era altamente satisfatório o estado de saúde do General Jair Dantas Ribeiro, segundo o boletim assinado pelos Drs. Jorge Edison Mendes, Bento Coelho, Raimundo Dias Carneiro e Emanuel Bruno. Diz o boletim: "Pressão arterial, 15 8; temperatura, 36.2; pulso, 80, condições clínicas em perfeita ordem. Levantou-se hoje, alimentando-se normalmente. Despachou normalmente com o General Bomtempo, Chefe de seu Gabinete."

Tanto na UDN como no PSD, cujos líderes estão consultando as suas bancadas de deputados, há uma forte inclinação para a rejeição do projeto de anistia aos sargentos rebeldes de Brasília, que está na pauta da sessão de hoje da Câmara Federal para votação. (*Coisas da Política*, pág. 6, e noticiário, págs. 3, 4, 5, 8, 12, 14, 15 e 16)

Na ilegalidade

As fotografias dos sediciosos em festa formam o retrato de corpo inteiro da ilegalidade. Das situações de ilegalidade que procedem revoluções como a de 1917 na Rússia.

O estado de direito submergiu no Brasil. Estamos vivendo uma situação de fato, onde não existem figuras constitucionais. Só restam como válidos aquêles que detêm o poder de agir para restabelecer o estado de direito. Ou permitirão que o País se estilhace numa guerra civil?

As Fôrças Armadas foram tôdas, — *tôdas*, repetimos — feridas no que de mais essencial existe nelas: os fundamentos da autoridade e da hierarquia, da disciplina e do respeito às leis militares. Sem êsses fundamentos, a hierarquia se dissolve e em lugar dela surgem as milícias político-militares, preconizadas pelos comunistas e fidelistas.

Nesse quadro de fatos a figura do Presidente se confunde e se turva. Quando estão em jôgo os fundamentos da ordem e do estado de direito, quando a indisciplina e a sedição não são punidas pelos detentores do poder legal, pouco importa saber se o Presidente ainda governa ou não. Se é ou não prisioneiro de uma minoria audaciosa que invadiu o poder legal para atirar a Nação à situação de fato que ora ela vive.

A Marinha de Guerra do Brasil é peça essencial do conjunto das Fôrças Armadas. Se sua estrutura e sua existência estão ameaçadas e fendidas, o Exército e a Aeronáutica não podem ficar indiferentes. Porque não podem ficar indiferentes a si mesmos e ao papel que desempenham na preservação de um mínimo de vida civilizada e democrática.

Esta não é a hora dos indiferentes. Principalmente no Exército, que tem poder preventivo capaz de impedir males muito maiores do que aquêles que já nos atingem sob a forma de insegurança pessoal e familiar. Numa situação de fato ninguém tem o direito de ficar indiferente. A audácia dos líderes comunistas, no soviete de operários e marinheiros instalado vitoriosamente na Rua Ana Néri, convenceu os mais cépticos de que chegou a hora de resistir, por todos os meios.

Sim; pregamos a resistência. O JORNAL DO BRASIL e o País querem que sejam restabelecidos a legalidade e o estado de direito.

Mas isso só será possível quando existirem Fôrças Armadas intactas. Quando o germe da divisão fôr eliminado das Fôrças Armadas, quando as ideologias não tiverem nelas ingresso para explorar certas reivindicações que podem ser justas, mas que jamais deverão ser defendidas pelo caminho da sedição e da indisciplina.

Sem o restabelecimento da hierarquia e da disciplina, sem a recomposição e a restauração da Marinha em sua integridade digna e respeitada, não existirá legalidade possível.

Não voltaremos à legalidade enquanto não forem preservadas a disciplina e a hierarquia das Fôrças Armadas. Primeiro, portanto, vamos recompor os alicerces militares da legalidade — a disciplina e a hierarquia — para depois, e só depois, perguntarmos se o Presidente da República tem ou não condições para "exercer o Comando Supremo das Fôrças Armadas".

SINAL DE PESAR

O Clube Naval manteve ontem a bandeira hasteada a meio-pau

Congresso em "rush" já amanhã

O Presidente da Câmara, Sr. Ranieri Mazzilli, disse que a partir de amanhã o Congresso, reunindo o maior número possível de deputados e senadores, dará uma demonstração de que "não está, como nunca estêve, alheio aos anseios do povo e aos interêsses supremos do País."

Frisou o Sr. Ranieri Mazzilli que a Câmara, "dentro de suas atribuições e sem invadir a esfera do Executivo, tudo fará para atender ràpidamente o que dela exige, numa escala de prioridades, a atual conjuntura nacional". Terão preferência o projeto de anistia aos militares e o aumento de vencimentos dos civis e militares.

O movimento de convocação urgente da bancada do PTB — ordenada pelo Presidente Goulart — e a de outras bancadas na Câmara Federal está sendo interpretado, pela Oposição, como indício seguro de que um nôvo pedido de estado de sítio poderá ser encaminhado esta semana ao Congresso.

O PSD está convocando sua bancada para uma reunião amanhã, em Brasília — e providência igual tomou o líder petebista na Câmara, Sr. Doutel de Andrade, a fim de formular as medidas sugeridas na Mensagem do Presidente da República. O Sr. Doutel de Andrade acha que a solução rápida da crise na Marinha criou um ambiente de euforia favorável às soluções preconizadas pelo Govêrno. (Noticiário na página 4)

Presidente pede ao povo que confie

O Presidente João Goulart fêz um pronunciamento pedindo calma e confiança no seu Govêrno se as cúpulas do Exército e da Aeronáutica decidirem, como os mais pessimistas esperam, quebrar a trégua na Marinha. (Página 3)

Goulart acha esquerda imprudente

O Presidente João Goulart considera que a direção do dispositivo sindical mais acêsa da esquerda (entre êles incluído o Almirante Cândido Aragão) revelou imprudência no encaminhamento da crise na Marinha. (Coluna do Castello, p. 4)

HOJE NO JB

NOTICIÁRIO

CADERNO

REVISTA DE DOMINGO

CADERNO ESPECIAL

ANÚNCIOS

ACHADOS E PERDIDOS

EMPREGOS

AUXILIARES DE ESCRITÓRIO

Imagem 10 – Jornal do Brasil n° 74, 30.03.1964

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Sexta-feira, 3 de abril de 1964 — Ano LXXIII — N.º 78

GOULART TOMA RUMO DESCONHECIDO E O BRASIL VOLTA À NORMALIDADE

A GRANDE MARCHA

A Avenida Rio Branco foi tomada, de ponta a ponta, por uma multidão jamais vista no Rio de Janeiro

Após "dispensar o sacrifício do povo gaúcho e do povo brasileiro", em Pôrto Alegre, o Sr. João Goulart — substituído às 3h45m de ontem, no Govêrno, pelo Sr. Ranieri Mazzilli — embarcou às 11h40m no Viscount presidencial, acompanhado de uma comitiva de 18 oficiais do Exército, tomando, desde então, destino ignorado: até nos primeiros minutos de hoje não havia desembarcado em Assunção ou em Montevidéu, onde estava sendo esperado, sendo provável que tenha cruzado a fronteira em automóvel.

Ignora-se se o General Ladário Pereira Teles acompanhou o ex-Presidente, mas é certo que o Sr. Leonel Brizola ainda se encontra em território nacional. A nota lida ontem, às 13 horas, pelo Prefeito de Pôrto Alegre, Sr. Sereno Chaise, pondo fim ao movimento de resistência, diz que o Sr. Goulart tomou essa decisão após ter examinado, "com autoridades militares, amigos e correligionários, as condições de resistir ao processo golpista".

Empossado o Sr. Ranieri Mazzilli, a vida do País volta à normalidade: o General Costa e Silva é o nôvo Ministro da Guerra, o Brigadeiro Correia de Melo chefia a Aeronáutica, e para a Pasta da Marinha há [illegible] nomes em vista: Almirantes Rademacker, Sílvio Heck e César Andrade. Os Generais Amauri Kruel e Justino Alves foram mantidos, respectivamente, nos comandos do II e IV Exércitos, e nomeados para o III e I Exércitos os Generais Pope de Figueiredo e Uruguai Magalhães.

O General Olímpio Mourão Filho declarou, ao assumir a Presidência da Petrobrás, que o seu trabalho inicial será "a completa limpeza da área, retirando todos os elementos comunistas ou suspeitos de seguir as idéias dos agentes de Moscou". Em visita ao Ministro da Guerra, o Governador Carlos Lacerda pediu-lhe o afastamento imediato de todos os comunistas dos postos-chave da administração federal. O Marechal Osvino Ferreira Alves está prêso.

Em mensagem enviada ontem ao Sr. Ranieri Mazzilli, o Presidente Lyndon Johnson dispôs-se a intensificar a cooperação entre o Brasil e os Estados Unidos, "no interêsse do progresso econômico, da justiça social para todos e da paz no hemisfério e no mundo". A maioria dos jornais ocidentais mostrou-se, ontem, em seus editoriais, simpática ao movimento revolucionário que resultou na deposição do Sr. João Goulart.

Em manifesto ontem ao povo brasileiro o Governador Magalhães Pinto afirmou que a vitória da legalidade "está em fase de consolidação", e convidou-o a se unir em tôrno de uma série de medidas necessárias à recuperação do País. "O movimento restaurador da legalidade foi feito pelas armas e pelo povo. Não pode e não deve ser dispersado em esforços de realização de objetivos pessoais ou de grupo" — afirmou.

As Associações Comerciais do Brasil, reunidas ontem na Associação Comercial do Rio de Janeiro, sob a Presidência do Sr. Rui Gomes de Almeida, prepararam manifesto ao Congresso, em que repudiam qualquer movimento que se [illegible] da revolução democrática com princípios de violência e ódio, e em que se afirmam favoráveis às reformas justas preconizadas pelo movimento vitorioso.

O Governador Badger Silveira, depois de 15 horas de prisão na Escola Naval, reassumiu o Govêrno do Estado do Rio. Na Assembléia, deputados oposicionistas articularam seu *impeachment*, mas o projeto foi rejeitado com a interferência da bancada do PSD, em obediência a determinações do Sr. Amaral Peixoto. Em Recife, os vereadores votaram o impedimento do Prefeito Pelópidas Silveira, que está recolhido à Vila Militar do Socorro, onde se encontra o Sr. Miguel Arrais. É de calma a situação em todo o Nordeste e no Rio Grande do Sul.

Os líderes dos partidos na Câmara já estão tratando da substituição do Presidente Ranieri Mazzilli, pois o seu mandato tem duração de 30 dias, ao fim dos quais deverá ser escolhido, pelo Congresso, o Presidente efetivo. Nesse sentido as lideranças partidárias vão pedir regime de urgência para o projeto do Deputado Osvaldo Zanelo, que regulamenta a eleição do Presidente e do Vice-Presidente da República, pelo Congresso, em caso de vacância na segunda metade do período presidencial.

Carlos Castelo Branco revela, em sua coluna, que foi um grupo de coronéis, com o consentimento do Comandante do Estado-Maior do Exército, que iniciou há quatro meses o processo de conspiração contra o Govêrno Goulart, sensibilizando os altos escalões das Fôrças Armadas e se infiltrando entre a oficialidade.

Deu motivo à conspiração a [illegible] do Governador Carlos Lacerda por soldados pára-quedistas, e apressou o plano a crise na Marinha, do Guerra, quando os marinheiros e fuzileiros navais se rebelaram. Diante da onda de boatos que circulavam esta madrugada tôdas as guardas militares da Guanabara foram reforçadas. A Polícia Militar, por determinação da Secretaria de Segurança, apreendeu a edição do jornal *Última Hora* (*Coluna do Castelo*, pág. 4, *Coisas da Política*, pág. 6, e noticiário nas páginas 3, 9 e 12).

Festa da vitória leva às ruas 1 milhão de pessoas

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade mobilizou, ontem, no Rio de Janeiro, uma multidão calculada em um milhão de pessoas, que desfilaram da Candelária à Praça Barão do Rio Branco, em regozijo pela vitória das fôrças democráticas. Ao passarem em frente ao JORNAL DO BRASIL, os manifestantes saudaram-no com vivas pela campanha que sustentou em defesa da democracia.

O Marechal Eurico Dutra passou o desfile, ao lado dos Generais Augusto Maynard e Mourão Filho. O General Mourão disse do palanque oficial que estava ali "para saudar o povo, que acabamos de libertar".

O Governador Carlos Lacerda, que não compareceu à concentração, falou a mais de cinco mil pessoas em frente ao Palácio Guanabara, dizendo que "nem durante as duas guerras mundiais as Fôrças Armadas foram chamadas à ação com tanta urgência, para salvar a integridade do Brasil". (Pág. 3).

Ao Congresso

O Congresso estava fechado. Não de direito mas de fato. O caudilho deposto havia atirado o Congresso no desvio das decisões políticas, ao instalar o regime de praça pública e assembléias, comandadas por agitadores comunistas.

O caudilho furtara os podêres do Congresso, usurpando-os todos, ao mesmo tempo que ativava contra êle campanha sistemática de desmoralização.

Êsses fatos são históricos.

Históricos também são os fatos seguintes: o Congresso foi reaberto e restaurado em seus podêres pela Revolução que tirou o caudilho e o comunismo das altas esferas. Foi reaberto para, dentro do espírito da Revolução vitoriosa, julgar imediatamente o Presidente e punir, em sentença já passada em julgado, o crime político daquele que tentou contra o Congresso e a Constituição. Mas não foi reaberto apenas para isso e depois continuar a agir como se nada houvesse acontecido.

O Congresso — repetimos — foi reaberto pela Revolução. Portanto não pode frustrar os seus objetivos e muito menos aliar-se aos inimigos dela para comprometer o movimento revolucionário de "golpismo", com o [illegible] dos votos de 1965 e nos votos mais próximos para a eleição do Presidente-tampão.

Os chefes civis e militares da Revolução não assumiram responsabilidades e riscos, que restauraram a Democracia, a Constituição e o Congresso, para depois se omitirem deixando que se reinstale no País um sistema de govêrno e de fôrças maliciosas e ominosas, em burla flagrante dos fins éticos e políticos da Revolução.

Por isso, com a responsabilidade que temos, na situação criada pela Revolução e inspirados no desejo de ver cumprida a Constituição da República, [illegible] grave e única advertência à classe política brasileira.

Não ignore ela os altos objetivos da Revolução. E também o fato de que houve no Brasil uma Revolução de objetivos precisos que não podem ser ignorados, por uma razão simples:

A Revolução não terminou e não se deixará emascular pelas soluções de astúcia, das raposas da classe política, com assento no Congresso e com o dever de eleger o Presidente que cumprirá o mandamento constitucional daqui a trinta dias.

A Revolução tem inspiração e grandeza que não tolerariam nenhuma solução de cambalacho identificadora do regime instaurado por ela, com o sistema que permitiu a anarquia visando a levar-nos ao totalitarismo comunista. A Revolução é ordenadora e saneadora. Ela é mesmo purificadora. Isso é válido inclusive para a composição ministerial da Presidência temporária do Sr. Ranieri Mazzilli.

Atente o Congresso, atente a classe política brasileira: não frustrem os altos objetivos da Revolução.

A Revolução não terminou e seus chefes, tudo que êles representam, não podem e não devem ser ignorados.

O EMBARQUE

O Sr. João Goulart deixou o Rio acompanhado de poucos auxiliares

Imagem 11 – Jornal do Brasil n° 78, 03.04.1964

TEMPO — bom, com nebulosidade, passando a instável no fim do período. TEMPERATURA — elevada a princípio, declinando após. VENTOS — de norte, fracos. MÁXIMA — 33.2. MÍNIMA — 20.6. (Mais detalhes na Agenda JB, p. 13)

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Têrça-feira, 14 de abril de 1964 — Ano LXXIV — N.º 87

O Presidente Ranieri Mazzilli decretou ponto facultativo amanhã nas repartições federais e autárquicas, em virtude da posse do General Castelo Branco na Presidência da República. O Governador Carlos Lacerda ainda não decidiu se decretará ponto facultativo na Guanabara.

Deficit vai a um trilhão e meio, diz Ranieri Mazzilli

Em discurso pronunciado ontem através de uma cadeia de rádio e televisão, o Presidente Ranieri Mazzilli expôs "o retrato sem retoque" do mal econômico-financeiro do País, de proporções nunca vistas, pois o deficit da caixa do Tesouro Nacional, previsto para êste ano, poderá ser igual a um Orçamento da República, na ordem de Cr$ 1 trilhão e 500 bilhões.

O Presidente da República apontou, a seguir, as despesas com o funcionalismo federal e os subsídios às importações de derivados de petróleo e de trigo como causas primordiais dêsse deficit. Sòmente com o pessoal do Govêrno Federal, o Tesouro Nacional despendeu em 1963 Cr$ 481 bilhões, cinco vêzes mais do que em 1961, quando gastou Cr$ 90 bilhões.

Segundo o Sr. Ranieri Mazzilli, o nôvo Govêrno chefiado pelo General Castelo Branco reúne as condições necessárias para enfrentar o problema de revisão "minuciosa e profunda da legislação do pessoal federal", a fim de aliviar o Tesouro e eliminar uma das causas da pressão inflacionária.

— Temos diante de nós oportunidade política única para encarar a questão da política salarial do setor público. Ela tem sido verdadeira rocha responsável pelo soçôbro dos melhores esforços e das mais lúcidas vontades antiinflacionárias. Êste não é, todavia, problema técnico. Êle o é inteiramente político, dependente da decisão viril do Poder Executivo — declarou o Presidente da República, após referir-se às pressões populares acionadas durante o último Govêrno.

Defendeu também, o Presidente Ranieri Mazzilli, a necessidade da reforma tributária, que deve ser realizada a longo prazo, sem prejuízo de medidas urgentes que proporcionem ao mesmo tempo o aumento da receita e o estímulo aos investimentos e capitalização.

Ao concluir seu discurso, que tinha o objetivo de apresentar suas sugestões para o saneamento moral e material do Brasil, o Presidente Ranieri Mazzilli disse que teve a honra de consagrar-se, "nestes dias de perigo, à tarefa dignificante de ser o elo entre a representação do povo brasileiro, institucionalizada no Poder Legislativo, e as gloriosas Fôrças Armadas". (Página 3)

S. A. JORNAL DO BRASIL — End. Tel. JORBRASIL — Av. Rio Branco, 110/112 — (GB) — Tel. Rêde Interna 22-1818. Sucursais: Rua Barão de Itapetininga, 151 — conj. 21/22 (SP) — Tel. 32-4702. Av. W-3, Quadra 16, c/02 (Brasília), Tel. 2-8846. Rua dos Tamoios, 280, 22.º and. — Tel. 2-5848 (B. Horizonte) — Correspondentes: P. Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Natal, Estado do Rio, Washington, Nova Iorque, Paris. PREÇOS — VENDA AVULSA: Est. da Guanabara, Est. do Rio, Est. de Minas Gerais, Est. de São Paulo e Distrito Federal: Dias úteis, Cr$ 50,00 — Domingos, Cr$ 100,00. Demais Estados da Federação: Dias úteis Cr$ 70,00 — Domingos, Cr$ 150,00. Entrega domiciliar: Ano — Cr$ 10 200,00; Semestre — Cr$ 5 200,00; Trimestre — Cr$ 2 650,00; Mês — Cr$ 900,00. Assinatura Postal: Ano — Cr$ 6 000,00, Sem. Cr$ 3 000,00

Assembléia quer eleger nôvo Vice

A eleição de Vice-Governador, em vista da cassação do mandato do Sr. Elói Dutra pelo Comando Revolucionário, já preocupa a Assembléia da Guanabara: o Sr. Nina Ribeiro encaminhou duas emendas constitucionais estabelecendo a eleição indireta, e são candidatos ao cargo, na área do Govêrno, os Srs. Raul Brunini e Rafael de Almeida Magalhães, e na área oposicionista, os Srs. Gonzaga da Gama Filho e João Duarte Filho.

O Presidente da Assembléia comunicou a perda do mandato do Deputado Hércules Correia, por fôrça da suspensão de seus direitos políticos, e convocou para preencher a vaga o Sr. Frederico Trota. A Mesa Diretora da Assembléia estaria no propósito de se antecipar ao Comando Revolucionário, cassando ela própria os mandatos de deputados declaradamente comunistas ou com êles comprometidos.

O Chefe do Gabinete Civil do Governador Carlos Lacerda, Sr. Marcelo Garcia, desmentiu que o Govêrno estadual esteja elaborando uma lista de funcionários públicos a serem demitidos por motivos ideológicos. O Sr. Carlos Lacerda, em carta ao jornal Última Hora, contestou esta informação, frisando que "a era da mentira acabou.". (Noticiário na página 5)

DESPEDIDA

O General Castelo Branco deixou o EME e despediu-se da farda.

Desmentida a morte de Kruschev

A notícia da morte do Primeiro-Ministro soviético Nikita Kruschev, motivada por cirrose aguda do fígado, foi desmentida como "tolice" pelo Diretor-Geral da agência soviética Tass, que afirmou ter visto Kruschev com o líder comunista polonês Wladislaw Gomulka, às 22 h locais (19 h em Brasília).

A agência noticiosa alemã DPA, que divulgou a notícia às 17h53m (hora de Brasília), pediu depois que a mesma fôsse retida para confirmação, e uma hora e meia mais tarde publicava um desmentido, alegando "falsa interpretação" do fato de haver sido suspensa pela Tass a irradiação do discurso de Kruschev no banquete à delegação comunista polonesa.

Heinz Wurzel, correspondente da DPA em Moscou, deu a seguinte explicação: o correspondente de uma agência jornalística japonêsa perguntou à Tass por que a transmissão por teletipo do discurso de Kruschev estava por completar. O redator da Tass respondeu algo que o jornalista japonês — não identificado — entendeu como "está morto".

Em Washington, o Secretário de Imprensa da Casa Branca, George Reedy, declarou que o Presidente Johnson manteve-se informado a respeito das vagas versões que circularam ontem por todo o mundo sôbre o falecimento de Kruschev.

Castelo Branco vai formar Ministério eclético

Câmara adaptará Regimento

A Mesa da Câmara dos Deputados designou uma comissão para elaborar a adaptação do Regimento Interno às normas do Ato Institucional, que obriga o Congresso a deliberar no prazo máximo de 30 dias sôbre mensagens governamentais e impede que o Congresso crie ou aumente despesas por iniciativa própria ou por emendas em proposições enviadas pelo Executivo.

De comum acôrdo, os líderes dos partidos estão providenciando o arquivamento de várias dezenas de projetos de lei que perderam seu conteúdo diante do Ato Institucional. (Coluna do Castello e noticiário na pág. 4)

O VICE EM CENA

O Governador Magalhães Pinto conferenciou com o Vice José Alkmim

O Ministro Extraordinário para Assuntos do Gabinete Civil da Presidência da República, Sr. Getúlio Moura, informou ontem que o Presidente Humberto Castelo Branco formará um Ministério eclético, "composto na maior parte de especialistas ou de homens de notório saber, e terá apenas uma leve tonalidade política".

Depois de informar que o Presidente Castelo Branco governará efetivamente de Brasília, pois costuma residir nos locais de seus comandos, o Ministro Getúlio Moura disse que o nôvo Chefe do Executivo já mandou reservar apartamentos no Distrito Federal para os integrantes de sua equipe.

O Presidente Castelo Branco conferenciou ontem com líderes políticos, informando-se depois dessas conversas que estariam cotados para o nôvo Ministério os seguintes nomes: Luís Viana, Casa Civil; General Orlando Geisel, Casa Militar; Milton Campos, Justiça; Juarez Távora, Viação; Sandra Cavalcânti ou Adonias Filho, Educação; Juraci Magalhães, Minas e Energia; Brigadeiro Clóvis Travassos, Aeronáutica. Os Srs. Otávio Bulhões e Arnaldo Sussekind serão mantidos na Fazenda e Trabalho.

Ao receber uma comissão de governadores do Nordeste que foi à sua residência para cumprimentá-lo por sua eleição para a Presidência da República, o General Castelo Branco afirmou que "governará com os pés fincados no Nordeste do Brasil, porque lá se encontra, sem dúvida, a área mais necessitada de amparo federal".

O General Castelo Branco conferenciou ontem longamente com o Presidente Ranieri Mazzilli, com quem tratou dos últimos detalhes para a sua posse amanhã, em Brasília, e da situação econômico-financeira do País. (Coluna da Política, pág. 6, e noticiário, pág. 4).

Americanos mandam 2 para a Lua

Os Estados Unidos anunciaram ontem a escolha do astronauta Virgil Grissom, de 38 anos, e do ex-pilôto de provas da Marinha John Young, de 33 anos, para integrarem a primeira tripulação da cápsula Gemini, que será lançada à Lua em fins dêste ano.

Grissom, veterano do espaço, foi o pilôto da Sigma 7, cápsula que afundou no Atlântico depois do vôo, obrigando o astronauta a nadar para salvar a vida. Young tem os recordes internacionais de ascensão de três mil a 25 mil metros.

O cosmonauta Alan Shepard era mencionado como principal candidato ao primeiro vôo Gemini, mas vem sofrendo, há meses, de distúrbios no ouvido médio, que afetaram seu senso de equilíbrio. (Pág. 2)

URSS reconhece dificuldades do comunismo

Suspensos de vez cortes de energia

Os cortes de energia elétrica na Guanabara foram suspensos ontem, em têrmos definitivos, mas permanecem em vigor as medidas restritivas ao consumo, e a fiscalização será intensificada, segundo anunciou o Coordenador do Racionamento, Almirante Miguel Magaldi.

A suspensão se deve, principalmente, ao refôrço de 100 mil kW da Usina de Furnas, através da Conversora de Aparecida, e à chegada dos geradores adquiridos pelo Govêrno do Estado, que, instalados, fornecerão, a partir de junho, 900 mil kW. (Pág. 8)

Cassação de Furtado não agrada EUA

No editorial publicado ontem, o *Post*, de Nova Iorque, condenou a cassação dos direitos políticos do Sr. Celso Furtado, afirmando que "era uma figura altamente respeitada em Washington, uma espécie de Kenneth Galbraith brasileiro."

Na mesma linha de condenação ao Comando Revolucionário manifestaram-se, em editoriais o *Gazette*, de Montreal, e o *Guardian*, de Londres, afirmando o primeiro que "não é impossível que os generais venham a formar um Govêrno, mas à luz da história sul-americana, isto parece muito duvidoso". (Pág. 3)

Revolução mantém tudo a operário

O Comando Supremo da Revolução distribuiu nota oficial, ontem, afirmando que as conquistas sociais legítimas contidas na legislação trabalhista em vigor são irreversíveis e que "os trabalhadores continuam em pleno gôzo do seu direito, agora mais do que antes, porque estão livres da influência da política partidária".

A nota comunica que a Justiça do Trabalho "permanece em pleno funcionamento", e afirma a sua certeza de que os trabalhadores saberão não dar ouvidos à campanha de boatos que "elementos ligados ao peleguismo vêm desenvolvendo para provocar a inquietação no meio operário". (Página 5)

Ilha do Viana pode ser prisão

A Ilha do Viana, onde estão os estaleiros da Cotelra, poderá ser requisitada para alojamento dos presos políticos ora espalhados pelas fortalezas, xadrezes do DOPS e da Polícia carioca e navios-prisão.

Agentes do Exército e da Aeronáutica continuam a caçar, em Magé, a um grupo de 30 comunistas que travou tiroteio com detetives do DOPS na Praia de Mauá.

Em novas diligências o DOPS da Guanabara apreendeu diversos bonés de procedência cubana e fotos de Fidel Castro. Nas oficinas de São Diogo, da Central do Brasil, foi prêso o ferroviário Martinho José de Oliveira, que instigava os companheiros à subversão. (Pág. 6)

O *Premier* soviético Kruschev disse ontem à noite que o movimento comunista mundial "está agora atravessando dificuldades" por causa das "atividades divisionistas" dos comunistas chineses.

— Não duvidamos de que a linha dos divisionistas chineses será rejeitada pelos partidos marxistas-leninistas, afirmou Kruschev no banquete oferecido ao líder comunista polonês Wladislaw Gomulka e ao *Premier* da Polônia, Cyrankiewicz, no Kremlin.

Apesar da presença de Gomulka em Moscou, parece que a idéia de uma conferência mundial de partidos comunistas sôbre o problema chinês foi discretamente afastada.

Em Jacarta o Vice-Primeiro-Ministro de Relações Exteriores da China, Chen Yi, opôs-se formalmente à inclusão da União Soviética na próxima Conferência Afro-Asiática, proposta pela Índia, dizendo que a URSS é uma nação européia, que os soviéticos não assistiram à conferência de Bandung, em 1955, e que não há qualquer motivo para a sua participação. (Página 2)

Comando apura ação de Goulart

O Comando Revolucionário vai instaurar nos próximos dias inquérito policial-militar para a apuração das responsabilidades do Govêrno João Goulart no processo de comunização do País, tendo-se adiantado, ontem, entre Generais que tratam do assunto, que a investigação terá âmbito nacional, envolvendo uma devassa política sem precedentes.

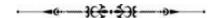
O IPM será presidido pelo Comandante da 1.ª R. M., General Estêvão Taurino, que deverá mobilizar dispositivo especial, já que as investigações compreenderão, profunda investigação da vida e atividades de figuras ligadas à ação comunista. (Pág. 5)

Imagem 12 – Jornal do Brasil n° 87, 14.04.1964

✷ Waimiri-Atroari, uma de Nossas Preocupações ✷

O 6° BEC prossegue em seu ritmo dinâmico, de trabalho ativo, corrido e acelerado. Há uma pressa generalizada em todas as atividades: o fim do ano está próximo, e os dias esplêndidos de verão redobrarão o nosso entusiasmo em produzir mais.

A 1ª Companhia de Engenharia de Construção, o Destacamento Sul, está atuando na região do Rio Alalau: divisa do Estado do Amazonas com o Território de Roraima, em plena área dos silvícolas Waimiri-Atroari, que tem sido até hoje um dos grandes obstáculos ao prosseguimento dos trabalhos.

Depois dos episódios dramáticos e cruéis, em que várias vidas foram sacrificadas pelos temíveis índios, agora, pelos fatos recentes ocorridos na linha de frente, indicam que os silvícolas, tomaram a iniciativa de manter contatos amistosos, talvez como prelúdio de uma convivência mais pacífica.

✷ Um Contato Breve e Amistoso ✷

No dia 08.10.1975, por volta das 13h00, no KM 240, na direção Manaus-Caracaraí, a turma de desmatamento foi surpreendida com o aparecimento

repentino de índios Atroari, que surgiram da selva desarmados carregando cestos com bananas, pupunhas e cana de açúcar; se se mostravam muito nervosos e apreensivos, num estado psicológico de muita intranquilidade e até certo ponto desconcertante.

Depois dos primeiros contatos com o pessoal da linha frente, retornaram à mata e, logo a seguir, apareceram mais 04 índios, todos desarmados, conduzindo às costas jamaxis cheios de frutas silvestres.

O Chefe do Grupo foi identificado como filho do Cacique Comprido. Eram dois adultos, 01 garoto de aproximadamente 10 anos e 02 de 14 anos. Os 02 primeiros foram reconhecidos, pelo pessoal da linha de frente, como sendo os mesmos que vieram no encontro do dia 14 de agosto passado. O garoto de dez anos apresentava um ferimento no pé direito, resultante da mordida de um porco selvagem, que foi prontamente atendido pelo enfermeiro do acampamento, que lhe fez o curativo devido.

O receio dos silvícolas foi desaparecendo na medida que se prolongava o contato com o pessoal do Acampamento. E, como estavam famintos, almoçaram com a equipe de limpeza. Queriam mais comida, sal, açúcar, redes [maquera]. Retornaram à selva prometendo voltar dois dias depois.

✴ Novo Contato com os Índios WA ✴

Os silvícolas, cumprindo a promessa que fizeram, regressaram ao trecho em construção da BR-174, na zona de ação da 1ª Cia E Cnst, no Destacamento Sul, às 15h00 do dia 12 de outubro.

O evento ocorreu na manhã de domingo e os Atroari que numa coincidência talvez, querendo homenagear

o “*Dia da Criança*”, trouxeram em sua equipe 03 crianças, para mostrar-lhes o mundo civilizado que desconheciam, portando frutas silvestres diversas, arcos e flechas. O filho do Capitão Comprido também fazia parte desse grupo e há quem diga que a equipe era liderada pelo Tuchaua Ponta de Lança que mostrava para os curumins [crianças] o “*caminzão*” [estrada]. Ponta de Lança era Capitão de outra maloca, que aproveitou a oportunidade e também nos visitou.

Esses indígenas residem à margem direita da estrada a aproximadamente 4.000 metros do eixo e foram atraídos pelo barulho das máquinas da equipe de limpeza, que segue logo após a equipe de desmatamento.

Era meio-dia de domingo e as turmas regressavam dos diferentes locais de trabalho, bueiros, caminhos de serviço, desmatamento das baixadas de igapós etc, para o almoço e aproveitar a tarde desse dia para folga merecida e alguns afazeres pessoais.

O Tenente de serviço, na linha de frente, tomou a iniciativa de transportar em caminhão esses silvícolas acompanhados de alguns elementos da FUNAI até o acampamento provisório do KM 297, onde foram efetuadas as trocas de brindes.

Naquele acampamento, 05 índios dos mais velhos e 03 crianças, apavorados com o número de trabalhadores que se acercou do local, se evadiram bruscamente em direção à selva.

Os demais silvícolas permaneceram no acampamento por cerca de uma hora, aproximadamente, na troca amistosa de presentes. Depois retornaram no mesmo caminhão para a linha de frente, de onde seguiram pela mesma trilha para suas malocas e prometeram retornar dentro de 03 dias.

O aborígene Atroari já olha a equipe bequiana como "*Baré*" [amiga, bacana, legal, boa] e é através da troca de presentes e abraços, fato que se renova a cada encontro que ele procura comprovar essa amizade que se estreita a cada dia que passa.

Ainda no desenrolar destes acontecimentos, registramos dois diálogos entre militares e os visitantes. Um dos silvícolas da segunda equipe perguntou ao Cabo Teles:

– Caminzão, pra onde?

Ao que o Cabo respondeu:

– Pra Boa Vista.

O índio voltou a falar, dizendo num português bem ruim:

– Boa Vista, marupá [ruim, não é amiga].

Na última visita, um dos militares presentes perguntou a cada um dos visitantes:

– Cadê Maria?

E cada um respondeu:

– Maria, não.

Foi, então a vez de um silvícola indagar do militar.

– E Maria?

E o militar respondeu:

– Maria longe, Manaus.

E o índio retrucou:

– Manaus, bom, muita Maria.

Desta forma, pelo desenrolar dos acontecimentos, acreditamos que dentro em breve, iremos vencer mais uma das grandes dificuldades que se antepuseram na dura e espinhosa caminhada de nossa vibrante jornada.

✷ Atroari ✷

Durante um dos trajetos do Alalau até a clareira, a equipe sobrevoou o Posto de Atração FUNAI, no KM 310, e por coincidência se deparou com grupo de seis índios Atroari trocando presentes com os elementos que ali se achavam no momento.

Aproveitando a oportunidades foi feito pouso para fotografar e filmar os silvícolas. Os mesmos não se assustaram com o barulho do helicóptero e ficaram muito contentes em "*posar*" para os tripulantes – houve uma verdadeira confraternização entre os índios, elementos da FUNAI e funcionários do Batalhão, provando assim, um relacionamento cada vez maior e diminuindo a rivalidade tão agressiva dos moradores da selva, que tantas marcas lamentavelmente tem deixado no desenvolvimento da nossa missão. [...]

✷ Notícias do Batalhão ✷
✷ Jauaperi Ultrapassado ✷

Primeiro foi a equipe de desmatamento mecânico, que, no dia 21.03.1975, ultrapassou sem muitas delongas para nos deixar cheios de ansiosa expectativa o "*Rio Jauaperi*". Depois foi a vez do "*Trairí*", atingido no dia 23.10.1975 que ficou rapidamente para traz, e consequentemente visado está o "*Rio Branquinho*", mito que deixará de existir logo mais... Parabéns à toda equipe, pois apesar da necessidade do bem-estar dos seus lares, fazem a força, unificada, transformar-se em grande serviço de derrubada das árvores de tamanhos descomunais, para acontecer o encontro alegre, que está previsto e esperado por todos do Destacamento Norte, 6° BEC e aos observadores, na "*reta de chegada já bem próxima*".

Na parte recuada, do desmatamento, segue a turma que vai disputando com barro, areia, pedra, piçarra, chapas metálicas, madeira e tudo enfim, pedindo lançamentos de bueiros e tudo mais que é necessário para irem mais rápido ainda. A turma de terraplenagem que também não só ultrapassou o "*Jauaperi*" no dia 03 de novembro próximo passado a 430.900 metros da Capital Amazonense, como conseguiu a melhor produção, do ano de 1975, com 460.060 metros cúbicos de material escavado e lançado no eixo da estrada. Com o famoso "*Jauaperi*" à retaguarda, seguem agora, a passos largos, em direção ao "*Trairí*", ansiosos, desde já pela chegada do Natal e com a acolhida sonhada em seus, nossos, de todos os lares na cidade. Entretanto, o "*Trairí*" fica próximo agora. Em frente companheiros, pois que estamos perto do objetivo – "*CONCLUSÃO da BR-174*", fator que impulsionará o progresso de Roraima.

✷ Homenagem a João Morais ✷
✷ Flecha Atroari Impede a Marcha de Morais ✷

O fatídico incidente ocorreu em plena selva Amazônica, já no Território de Roraima, no trecho considerado reserva indígena. Na época foi manchete em todos os jornais do país e agora, passado um ano, vamos reviver o fato para prestar ao João Morais a homenagem que ele bem merece.

A tragédia se deu a 17.11.1974, era cedo ainda quando Morais saia para caçar, uma vez que ele era uma das molas mestras da firma Clodan Nunes, responsável pelo desmatamento manual da BR-174.

Por volta das 10h00, ouviu-se o estampido de arma de fogo ecoar pela floresta sombria. Depois voltou o silêncio, a calma, a tranquilidade. Só a mata com seus pássaros buliçosos e alegres, mais o farfalhar das folhas e o balouçar das flores silvestres enchiam o ar com aquele aroma peculiar da selva. Quando do retorno ao acampamento, seus companheiros notaram a sua ausência.

Julgaram-no perdido, apesar do conhecimento profundo da região. Combinaram-se e partiram para o tronco de uma grande árvore [Sucuubeira] onde com machado dariam batidas diversas para que pelo eco, pudessem ajudar o amigo retornar ao acampamento.

Dos três trabalhadores, um só ficou e quando a dupla se aproximava da árvore em mira, foi atacada e trucidada pelos Atroari. Com a algazarra dos indígenas, o outro trabalhador saiu para ver o que se passava e, diante do horrendo espetáculo que assistiu, fugiu apavorado em direção ao acampamento do BEC, onde relatou a ocorrência.

O trágico acontecimento se deu no local onde hoje está plantada a estaca 1.125 [quilômetro 22,5 do trecho Alalau-Branquinho]. Ao tomar conhecimento do fato, a equipe de busca do Destacamento Sul, adentrou à selva no intuito de localizar algum sobrevivente ou os cadáveres. Os dois trabalhadores foram localizados, mas, o cadáver de João Morais não foi encontrado.

Hoje, a BR-174, como uma gigantesca sucuri serpenteia a selva Amazônica como a exibir o seu lombo vermelho da piçarra, às vésperas do encontro acalentado por séculos nos seios amazônidas, mormente, o roraimense.

Esse encontro deixará de ser um sonho para tornar-se a realidade da década. Mas, antes que isso acontecesse era necessário que muitas e preciosas, vidas fossem sacrificadas, muitas lágrimas fossem derramadas, muitas noites mal dormidas, muito suor e sangue fosse derramado.

Era necessário coragem, bravura e, sobretudo, amor à Pátria. Isso é natural dos grandes empreendimentos.

Foi na Independência do Brasil, na Batalha do Riachuelo, na Tomada de Monte Castelo, na construção da Belém-Brasília, Transamazônica e assim, na construção da Perimetral Norte e BR-174, que interligará Roraima ao resto do gigantesco Brasil.

Nessa hora de satisfação para nós, queremos lembrar o João Morais que sem dúvida nenhuma deu a sua parcela de colaboração, pagou com a vida a ousadia de ir bem na frente da estrada da integração Manaus-Boa Vista e, em sua homenagem, que a ponte construída cobre o Igarapé do km 253 receberá o nome João Morais.

✴ Marcamos um Encontro com o Impossível Para Vencê-lo ✴

Em 22 de dezembro de 1975, o 6° BEC concluiu o desmatamento da BR-174, com o encontro das duas frentes de serviço, aproximadamente sobre a linha do Equador, na altura do KM 362.

A conclusão desse trabalho possibilita, pela primeira vez, a ligação, por via terrestre entre Boa Vista, capital do Território de Roraima e Manaus, através de uma rodovia de classe pioneira, com 776 KM de extensão, dos quais 86 KM ora em caminho de serviço, construído ao longo da faixa desmatada de 70 m roubados à floresta.

Este significativo evento cresce de importância, e se constitui num verdadeiro feito heroico ao considerarmos que, no afã de concluir os trabalhos antes do Natal de 1975 antecipando-se aos prazos previstos as duas equipes de desmatamento mecânico, sob as chuvas dos últimos quilômetros, conseguiram o expressivo rendimento de 72 KM em apenas um mês de trabalho.

Fato interessante ocorreu nos últimos dias que precederam o histórico encontro. Simultaneamente com o avanço dos tratores derrubando a mata virgem,

procedia-se o estudo de uma variante no Rio Branquinho. A contagem regressiva indicava que no dia 18 de dezembro, faltavam apenas 07 KM para o fechamento; logo, verificou-se que houve engano da informação; a variante tinha alongado o traçado e na realidade faltavam 12 KM para se atingir o Rio Branquinho, meta da chegada das duas equipes de desmatamento mecânico. Era quase impossível proceder-se a junção das duas frentes de serviço antes do Natal.

No dia 20.12.1975, o Destacamento Sul atingiu o Rio Branquinho e iniciou imediatamente a construção de uma "*pinguela*" para transpô-lo com suas máquinas. Nesse dia o Ten Cardoso Ramos, do Destacamento Norte venceu à pé, os últimos quilômetros de pântano e fez ligação com o Ten Cláudio do Destacamento Sul. Juntos hastearam a Bandeira Nacional nas margens conquistadas do Rio Branquinho.

O tempo passou a ser ameaçador e pesadas chuvas fizeram subir aguas do Rio, dificultando ainda mais a construção da ponte pinguela. O Cap Seabra, Cmt do Destacamento Norte, fez ligação com o Cmt do Batalhão e marcaram a data de 22 de dezembro, para o encontro impossível.

Rapidamente o Cmt do Destacamento Norte transmitiu a ordem ao Chefe da Equipe de Desmatamento Mecânico, Sgt Garcia:

– Cumpra-se a previsão!

Enquanto o Destacamento Sul, embora tenha sido o 1° a chegar ao lendário Rio Branquinho, permanecia imobilizado nas jornadas de 20 e 21, detido pela fúria desse Rio ainda não domado, redobraram-se os esforços do Destacamento Norte, agora tendo à frente um imenso pântano de quase 05 km formado pelas últimas chuvas caídas.

No dia 21 dez, três tratores de lâmina do Destacamento Sul conseguiram transpor o Rio. Trabalhou-se dia e noite ininterruptamente quando na tarde de 22.12.1975, nas turmas dos Destacamentos Norte e Sul ouviu-se mais forte o ronco dos tratores. Diante de nós tombou a última das grandes árvores, cujo estrondo concretizou finalmente, o desfecho da grande epopeia, como Éolo ([13]) que sacudiu nossas mentes de intensificadas vibrações depois de estabelecer a inscrição do epônimo ([14]) de quantos se imolaram na íngreme e exaustiva caminhada. Por fim, às 16h00, deu-se o tão esperado "*encontro*". Companheiros que vibraram no afã de incontrolável contentamento da vitória e se defrontaram com chavascais quase pântanos onde geralmente ficavam enraizadas ao terreno duas e às vezes três máquinas, mas sempre ajudadas por uma quarta, que lhes servia como tábua de salvação naqueles instantes quase angustiosos para o insofismável encontro, que se daria dali a horas...

Prosseguiram, vendo já as colunas de fumaça que as máquinas do Destacamento Sul levantavam ao derrubar cortar e forcejar em direção Norte, e isso dava uma sensação de saber-se necessário, pois na posteridade seria lembrado com bravura, já que a guerra, luta contra a natureza adversa havia vencido e isso fazia a todos que estavam presentes, sentir a euforia de verem por terra os primeiros a virem de Manaus até o nosso Território em veículos, coisa jamais conseguida antes...

Encontraram-se; pararam e olharam-se; operadores, chefes de equipes e, como duvidassem do feito, correram e abraçaram-se cheios de alegria, concretizando-se em seus lábios:

---

[13] Éolo: deus dos ventos.

[14] Epônimo: palavra que significa dar ou emprestar seu nome próprio a um evento, regime, invento...

– UFA! Vencemos companheiros!

Passados os primeiros instantes onde a emoção tomou conta das palavras, mesmo cheios de lama em suas roupa, foi pedido o encontro das lâminas dos tratores do Norte com os do Sul, sempre irmanados pelo objetivo alcançado, e tiraram fotos debaixo da fina chuva que caía implacável desde há muitos dias.

O objetivo, inesperadamente conquistado, alenta-nos o propósito de prosseguir com a experiência conquistada, para a definitiva ligação de Manaus ao BV-8. A Hileia intransponível chega finalmente ao término de sua inviolável penetração.

O último desvão do Território Nacional que ainda restava, ligado agora ao resto do País, demonstrando a Nação e ao Mundo que nos olha que o temeroso desafio fora sobejamente conquistado para, gáudio de todos no brasileiros, que neste momento nos rejubilamos com a conquista do evento.

Nosso preito de gratidão, de reconhecimento e de saudade, àqueles que tombaram, no próprio campo trabalho e que a posteridade não irá esquecer.

Foram 23 companheiros, de Germano Miranda a Severino Xavier Filho, verdadeiros lídimos da Engenharia Militar de Construção que tudo deram de si, à sua pátria, até mesmo o sacrifício da própria vida. Aqui fica a nossa homenagem póstuma.

✷ Nosso Entrevistado ✷
✷ *“O Cearense de Cedro”* ✷

Estatura mediana, mãos calejadas e pele curtida pelo Sol do Equador, semblante alegre e conversa pausada, caracterizam o cearense de cedro, André Moreira Nunes, que apesar do seu corpo franzino, é como disse Euclides da Cunha, – “*o sertanejo é, antes de tudo, um forte*”.

Chamado de “*Pai André*” pelos arredios índios Atroari, o grande pioneiro e desbravador, iniciou seus trabalhos de desmatamento na Amazônia, no 5° BEC por ocasião da abertura da BR-364 e continuou no 6° BEC, a partir de 1973, sendo e encarregado de uma das turmas de desmatamento manual que atuou na frente Sul da BR-174.

Pioneiro da grande Rodovia, viveu os mais diversos episódios e imprevistos impostos pela natureza da região inóspita da selva, destacando-se a passagem pela reserva Indígena, como o problema mais extenso. Sempre sorrindo, relatou passagens difíceis da sua tarefa, demonstrando grande tranquilidade.

- **André:** iniciamos o trabalho de desmatamento manual no KM 86 até o Rio Jauaperi e foi justamente nesse trabalho, que tivemos o primeiro contato com os índios Waimiri-Atroari, na ocasião da chegada ao Rio Alalau.

- **Repórter:** qual a sua reação ao se deparar com uma tribo indígena, você teve receio de prosseguir na missão ou continuou com esta tua maneira tranquila?

- **André:** bem, eu já estava prevenido de que iria encontrá-los e como deveria proceder, porém passaram-se dois dias e não, apareceram, o que

indiretamente me forçou a realizar o primeiro encontro após o Massacre do Padre Calleri. Fui pela lógica do serviço, se tínhamos de enfrentá-los, tínhamos de achá-los. Não me causou nenhuma surpresa, apesar de ser um problema a mais, no desenvolvimento dos nossos trabalhos; considero-os um acontecimento secundário ante a grandeza e importância da nossa missão.

– **Repórter:** que atitude você tomou para criar uma situação amistosa entre os silvícolas e o seu pessoal?

– **André:** foi muito fácil, levamos brindes e fiz-lhes um convite a visitar o nosso acampamento. Daí sucederam-se as visitas em caráter inteiramente amistoso, o que possibilitou prosseguirmos tranquilamente até alcançarmos o Rio Jauaperi, ponto de conclusão desse trabalho.

– **Repórter:** André, quando aconteceu e como você procedeu com o primeiro alarme de um provável massacre?

– **André:** justamente quando os trabalhos já alcançavam os 30 KM, após o Alalau. Na ocasião, eu estava aqui na Sede e o Coronel Oliveira, Comandante do Batalhão na época, havia recebido um alarme de que os índios atacariam o pessoal da topografia e solicitavam autorização para suspender os trabalhos. Tranquilizei o Comandante e retornei imediatamente pedindo-lhe apenas que ficasse em contato permanente comigo pela estação rádio do Batalhão.

E tudo aconteceu como eu previra era apenas um alarme falso, um alvoroço sem nenhum significado. Apenas realizaram um dos seus costumeiros rituais. Dançavam entre batuques de tambores e gritos, em volta do pessoal da topografia. E conforme transcorria o festival, eu transmitia ao Comando e demais oficiais do 6° Batalhão, as ocorrências através do rádio.

– **Repórter:** quando realmente ocorreu o primeiro massacre e quais as causas que o provocaram?

– **André:** o Batalhão, por razões técnicas, modificou o traçado da rodovia, o que nos fez refazer todo o serviço de desmatamento manual a partir do Rio Abonari. E nesse trabalho, no dia 17 de novembro de 1974, aconteceu o primeiro massacre, onde lamentavelmente padeceram três funcionários da minha equipe de serviço. Como aconteceu no primeiro alarme, eu estava aqui na Sede e retornei imediatamente ao acampamento a fim do estudar um meio de encontrar e resgatar os corpos.

Os trabalhos foram paralisados, até segunda ordem, pelo General Fernando Belfort Bethlen, Comandante Militar da Amazônia, e somente após seis dias encontramos dois corpos completamente trucidados e em alto estado de putrefação. O terceiro corpo do trabalhador João Morais até hoje continua desaparecido. Quanto as causas não posso lhe dizer nada, pois não cheguei a nenhuma conclusão. Apenas o que pude constatar foi que alguém permaneceu guardando [vigiando] os corpos por dois ou três dias.

– **Repórter:** e o que o levou a concluir isso?

– **André:** os vestígios deixados. Alguém armou uma espécie de acampamento provisório, com palhas de buriti, para proteger-se do Sol ou da chuva.

– **Repórter:** como você reagiu após o massacre?

– **André:** com mesma tranquilidade de antes, eles não me assustam. A minha reação foi de curiosidade, de observação e não de medo. Sempre me relacionei bem com eles e não consegui entender até hoje o porquê do massacre.

– **Repórter:** durante o contato com esses índios você aprendeu a linguagem deles ou se entendiam apenas de forma mímica?

– **André:** a linguagem deles é uma repetição contínua, portanto, fácil de aprender. Eu mesmo forçava algum acontecimento, para provocar uma repetição, para ligar o que diziam com o que eu entendia. São dotados de uma grande inteligência e tem uma facilidade de memorizar e de reconhecer o valor das coisas o que muito me impressionou.

– **Repórter:** Você pode citar algum exemplo da rapidez de memória e reconhecimento do valor que eles demonstraram para convencê-lo?

– **André:** a facilidade de memorizar reconheci pelo seguinte teste; juntei um grupo dos nossos funcionários, chamei um índio e conforme apontava cada um deles, dizia-lhe o nome. Me afastei do grupo e chamei o mesmo índio e disse-lhe:

– Marcondes, cigarro mim [Marcondes, era um dos meus funcionários que foi vitimado num desastre de carro em setembro de 1975].

Ele foi até o Marcondes e disse-lhe:

– Pai André cigarro.

E, em seguida, entregou-me. Quanto ao reconhecimento do valor, foi muito fácil, logo entendê-lo. Uma vez queria conseguir uma rede indígena feita de palha de buriti e em troca ofereci um pequeno brinde que eles recusaram, voltei no dia seguinte e levei-lhes uma rede das nossas e imediatamente aceitaram.

– **Repórter:** essa passagem da Reserva Indígena que foi vencida tão heroicamente, você considera a sua grande realização nessa missão?

– **André:** não, não a considero como minha grande realização. Como já disse antes, o índio é um fator secundário na minha tarefa. As duas grandes realizações foram:

– 1ª Cruzamento dos dois tratores de lâminas no Rio Branquinho, ocorrido no dia 20.12.1975, que dependeu da construção de uma ponte tipo pinguela, onde

foi necessário o trabalho de quatro dias e quatro noites sem dormir, para atingirmos o outro lado do Rio.

– 2ª Construção da Ponte de 130 metros sobre o Rio Abonari, sem apoio de rodovia.

Um dos encargos mais difíceis a mim confiado foi a construção, no KM 238, de uma pista de pouso onde tivemos de lançar todo o material necessário, inclusive rancho, através de um avião Cesna.

Ainda na fase final de construção, tivemos que pousar naquela pista para retirar 02 operários doentes. Todavia, gosto de trabalhar na linha de frente e recomeçaria novamente, se necessário, fosse.

Além das grandes realizações citadas e das passagens difíceis que a selva lhe reservou, André teve as suas traquinagens e improvisações necessárias ao seu trabalho.

É o maior "*caroneiro*" do Destacamento Sul, não há viatura para Manaus ou avião para Boa Vista que ele não "*pirue*" uma vaga.

Seus meios de transporte são os mais diversificados. Para um bate-estaca, improvisou uma balsa, para uma serra, usou a cabeça dos peões e assim por diante.

E visando melhorar aqueles meios, comprou um jeep e para incentivar sua equipe, escreveu no para-choque dianteiro RUMO NORTE.

Mas, como não tem Serviço de Transporte Automóvel [STA] – oficina de equipamento, o seu jeep não resistiu às baixadas e, foi encontrado na região do encontro das duas frentes de serviço, sob uma castanheira, todo depenado, porém ostentando como símbolo, sua contribuição para a arrancada final que motivou a junção das duas equipes de desmatamento: RUMO NORTE.

✷ Piada do André – Peão – D-155 ✷

André retornava de Manaus, na carroceria alguns peões de volta ao trabalho, quando no KM 17 da BR-174, foi barrado pelo guarda da Patrulha Rodoviária, ocasião em que o seguinte diálogo foi mantido:

– **Guarda:** o Sr. não pode conduzir pessoal na carroceria.

– **André:** Sr. guarda nós somos trabalhadores da estrada e retornamos para o serviço.

– **Guarda:** é, mas não pode.

Nisso, um peão desce desconsolado e se dirige ao guarda.

– **Peão:** Seu guarda, nós somos mesmo azarados, iguais ao D-155.

O guarda não entendeu a comparação do peão, ficou atrapalhado e perguntou:

– **Guarda:** D-155... azarado? por que rapaz?

– **Peão:** Olha seu guarda, nós somos do desmatamento manual da BR-174, abrimos esta estrada, do km 50 ao 360.

Fomos mordidos por cobra, picados por abelha, atacados pelos índios e no fim de tudo, não podemos andar na estrada! Pois é, com o trator D-155 é a mesma coisa.

Ele derruba as árvores, constrói os aterros, abre os cortes e no fim de tudo, quando a, plataforma da estrada está pronta, só pode andar se for trepado na carreta.

É ou não muito azar seu guarda?

✷ 6° BEC e os Waimiri-Atroari ✷

Após o Massacre do Posto Abonari II em que pereceram o Sertanista Gilberto Pinto e mais 3 funcionários da FUNAI, os índios Waimiri-Atroari permaneceram nas suas malocas, não mantendo nenhum contato com os elementos da FUNAI ou do 6° BEC, durante o 1° semestre de 1975.

Quando o desmatamento mecânico atingia o KM 280,8 ao Norte do Rio Alalau, 10 índios Atroari assustados e medrosos, porém armados de arcos e flechas estabeleceram o 1° contato do ano com a turma de desmatamento do 6° BEC em 14.08.1975.

Seguiram-se no decorrer deste ano e até março de 1976, 16 contatos de índios Atroari com os trabalhadores e militares do 6° BEC e da FUNAI, e cuja sequência cronológica é a constante do documento anexo publicado no "*O Pium*" do mês de abril passado.

No entanto, até a presente data os índios Waimiri, que habitam as cabeceiras do Abonari, continuam desaparecidos. Eles deverão voltar. É imprevisível saber qual deverá ser sua intenção se amistosa como a dos Atroari, ou se repetirá o massacre traiçoeiro de 29.12.1974.

O ano de 1975 foi decisivo na atração dos arredios índios Atroari.

Ten Cel Eng QEMA
JOÃO TARCÍZIO CARTAXO ARRUDA
(5 ABR 1974 A 28 MAIO 1976)

O 6° BEC cruzou a sua Reserva Indígena de Sul a Norte, com a preocupação única de implantar a estrada, tendo seus elementos, civis e militares, não se adentrado 01 metro sequer além da faixa de domínio da BR-174. A iniciativa dos contatos, foi deixada, por acertada tática, combinada com a Funai, à iniciativa dos silvícolas. Os 16 contatos amistosos de agosto de 1974 a março de 1976 é uma prova irrefutável de que o tratamento dispensado pelo Batalhão e FUNAI foi correto, que foram respeitados usos e costumes dessas tribos, que houve brandura no trato, que a confiança dos silvícolas no pessoal que "*invadia*" suas terras foi criada, em razão deles sentirem quais as verdadeiras intenções desses novos pioneiros, construtores de estradas e não predadores de índios, ou destruidores da sua caça, pesca e das suas reservas alimentares, tais como: a pupunha, o patauá, a castanha, o cacau, etc.

O precioso legado deixado pelo Marechal Rondon aos nossos bravos sertanistas, traduzido na frase célebre: "*Morrer, se preciso for, matar, nunca*"; foi inteiramente seguida pelos soldados e civis do 6° BEC, que seguindo seus belos ensinamentos, prestaram relevantes serviços à causa indígena.

Deixamos à FUNAI a missão da proteção e progressiva aculturação das tribos Waimiri-Atroari, após a BR-174 ser entregue ao tráfego e que ocorrerá no decorrer do ano de 1976, certo de que o ciclo de massacres e atrocidades por parte desses silvícolas, no passado se tenha encerrado.

Ten Cel Arruda

Vento Xucro III
(Jayme Caetano Braun)

[…] Antes tempos, nas tropeadas
Vento de sina haragana ([15])
Tirei muita lechiguana ([16])
E te peleguiei ([17]) de frente,
Quando furioso, inclemente,
Zunindo mesmo que bala
Levantavas poncho e pala
Gelando os ossos da gente!

Mas hoje, longe do campo
Metido dentro do povo
Para te escutar de novo
Só nalgum canto de rua,
Mesmo assim, vento charrua,
Te juro que até este dia
Nunca escutei melodia
Mais crioula do que a tua!

E na última tropeada
Desta vida onde me abombo ([18])
Quero te sentir no lombo
Para afugentar as penas;
E mais um desejo, apenas,
Por último refrigério,
Sentir teu sopro gaudério
Me desmanchando as melenas!

---

[15] Haragano: diz-se do cavalo que dificilmente se deixa lidar. Mandrião, vadio, velhaco.
[16] Lechiguana: frio.
[17] Peleguiei: toureei com pelego.
[18] Abombo: extenuo.

ST Luiz Mário Severo Ávila

Termo de Depoimento do Sr. LUIZ M. S. ÁVILA

No dia 09 do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezenove (09.02.2019), às 09h50, no 6° Batalhão de Engenharia de Construção, compareceu LUIZ MÁRIO SEVERO ÁVILA, brasileiro, estado civil casado, Carteira de Identidade n° 34.846, órgão emissor Secretaria de Segurança Pública do Estado de Roraima, CPF n° 015.229.812 - 68, residente à Rua Pedro Teixeira, n° 676, Bairro Nossa Senhora de Aparecida, Boa Vista, RR; telefone: (095) 3224-3180, (095) 99971-1622, que respondeu às seguintes perguntas:

Pergunta: o sr. serviu (trabalhou ou prestou serviço) no 6° Batalhão de Engenharia de Construção (6° BEC) em que período?

Resposta: no período de:

- Janeiro de 1970 a maio de 1982;
- Outubro de 1987 a outubro de 1994.

Pergunta: o sr. participou da construção da BR-174, caso positivo qual sua função e em que período?

Resposta: sim. Era o responsável pela topografia e a execução do projeto de implantação do trecho Alalau x Caracaraí.

Pergunta: o sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalau II (no dia 01.10.1974), à turma de desmatamento – os maranhenses (no dia 18.11.1974), e ao Posto Alalau I (no dia 29.12.1974)?

Resposta: estava em Boa Vista, no massacre da equipe do André, desenvolvendo os projetos para a implantação da rodovia, mas acompanhamos todos o desenrolar das atividades no campo através da fonia entre o André e o comando do 6° BEC.

No terceiro massacre que aconteceu no dia 29.12.1974, estava em férias em Bagé/RS. Mas as notícias foram divulgadas em todas as mídias da época.

Pergunta: o sr. após estes massacres observou mais alguma atividade hostil por parte dos nativos?

Resposta: nossas equipes de topografia, obras de arte, terraplenagem e desmatamento, não tinham acesso aos nativos. A FUNAI, estava ali para evitar este tipo de contato.

Pergunta: o sr. pode apontar quais foram as alterações na rotina dos trabalhadores do 6° BEC após a chegada do 1° BIS?

Resposta: nossas equipes por um pequeno período eram protegidas por tropas do 1° BIS, mas as atividades continuaram normalmente.

Pergunta: o sr. em alguma oportunidade viu ou ouviu supostas rajadas de metralhadora ou a explosão de dinamite para afugentar os nativos? Caso positivo, presenciou ou apenas ouviu à distância ruídos que se assemelhavam à disparos e explosões, qual a frequência destes eventos, teve a oportunidade de identificar quem eram os autores e como se vestiam?

Resposta: desconheço estas atividades durante as minhas permanências no trecho.

Pergunta: o sr. em alguma oportunidade viu índios serem transportados por caminhões do Exército?

Resposta: não houve transporte da nativos por parte do exército, eram raras as ocasiões em que eles chegavam em alguma frente de serviço.

Pergunta: o sr. notou, neste período, o sobrevoo de alguma aeronave militar sobre a área, além do avião da FUNAI?

Resposta: os voos que fazíamos era para ter uma ideia da localização das aldeias, ver a sua posição em relação a rodovia, se houve alguma criação de uma nova maloca.

Pergunta: o sr. sabe informar se a FUNAI, a partir de 1975, acompanhava os trabalhos de abertura das picadas pela equipe de topografia?

Resposta: a topografia neste local era executada pelo Sgt Roberto, ele mencionou um temor com os acontecimentos mas que eu tenha conhecimento não teve o acompanhamento da FUNAI, a equipe foi reforçada com pessoal do desmatamento.

Pergunta: o sr. sabe informar se houve alguma iniciativa, por parte da FUNAI, para afastar os indígenas das frentes de trabalho?

Resposta: a FUNAI tinha esta missão, mas nem, sempre conseguia haja vista a visita, ao longo do tempo, de nativos no trecho em construção.

Pergunta: o sr. presenciou algum suposto ato hostil por parte dos trabalhadores em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: para nós militares e funcionários civis, as poucas vezes que mantínhamos contato com eles considerávamos como um privilégio, uma grata satisfação.

Pergunta: o sr. poderia relatar qual a orientação dos comandantes das frentes de trabalho em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: a orientação era não revidar nenhuma atividade hostil e tratá-los com respeito.

Pergunta: o sr. notou a presença de algum estrangeiro na área neste período?

Resposta: não.

Pergunta: o sr. gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Resposta: sim. Nas obras da BR-174, principalmente neste trecho da Reserva Indígena, [Alalau x Jundiá] a minha presença era constante, devido a necessidade de percorrer o serviços executados pela topografia, e tinha que estabelecer os parâmetros a serem utilizados na obra [lançamento do greide, das obras de arte etc], não tivemos nenhuma desavença com os nativos.

O nosso tratamento era respeitoso e humano, acredito que os massacres aconteceram pela atitude agressiva aos costumes de quem tinha o dever de zelar.

Depoente: Luiz Mário Severo Ávila

____

Cel Eng Ref Hiram Reis e Silva

Gen Div R1 Décio dos Santos Brasil

Os Romeiros da Morte
(Francisco Lobo da Costa)

[...] O entusiasmo domina a Velha Guarda!
– Brados... exclamações... ao General
Os cavalos escarvam e os freios mordem...
E a música postada na vanguarda
Bate trêmula o Hino Nacional. [...]

Recebi um e-mail do Exm° Sr. General de Divisão R/1 Décio dos Santos Brasil, do Sistema Defesa-Indústria-Academia de Inovação (SisDIA/RJ), que, devidamente autorizado, reproduzo a seguir:

Prezado Cel Eng Hiram, Primeiramente, saudações "*Azul Turquesa*".

Anonimamente, tenho acompanhado suas publicações e expedições, pois muito me atraem. Neste caso, sobre os Waimiri-Atroari, resolvi me manifestar, já que ele relembra uma fase importante e inesquecível de minha vida profissional.

Como Capitão, nos idos de 86/87/88, servi no 6° BEC, em Boa Vista. A maior parte do tempo estive à frente da 1ª Cia E Cnst, sediada em Santo Antônio do Abonari.

Aproveitando a experiência de companheiros que passaram por lá, creio que o Sr. também, estabeleci uma convivência com os silvícolas da área. Alguns fatos são inesquecíveis, pois estão ainda vivos até os dias de hoje.

Vou enumerá-los:

1. Na ocasião, nós, digo EB, tínhamos o controle do trânsito de veículos e de pessoas dentro da reserva, do Rio Abonari ao Rio Jundiá. A cancela era abaixada às 18h00 e liberada às 06h00 do dia seguinte. À frente da Cia tinha um posto da Petrobrás, cujo o dono tinha um apelido marcante, mas o tempo não me permite mais lembrar. Ali, as carretas destinadas ao Norte da BR-174, principalmente Boa Vista, estacionavam e pernoitavam, bem apoiados pelo posto e seu dono simpático e amigo. Todos respeitavam nossas ordens e orientações, os caminhoneiros, os moradores, a FUNAI e, principalmente, os índios;

2. Lembro que o "*cacique*" dos Waimiri, de nome Tomás, era muito cordial e estabelecemos um nível razoável de amizade. Quando ia a Manaus, nos raros "*arejamentos*", tinha que trazer o fardo para o Tomás, que era composto de alimentos básicos [hoje chamado de cesta básica] e produtos de higiene. Adorava sabonete Phebo. Quando, dentro da reserva, cruzávamos com o Tomás, já era costume ceder-lhe o lugar do Cmt, ao lado do motorista [Cb Cesário], na CP 97 e depois na CP 104. Tinha que parar senão ele reclamava. Mesmo que o percurso fosse curto [100 metros];

3. Pequenas coisas como as relatadas nos permitiam, EB, transitar dentro da reserva sem qualquer problema. Podíamos trabalhar, desmatar, caçar e pescar. Além disso, costumava levar comitivas que visitavam as obras do BR-174 às aldeias mais próximas, onde eram travados os contatos com toda a tribo. Naquela época os índios eram pouco aculturados e viviam nus, embora o Tomás já havia viajado para o Centro do País e até para o exterior;

4. O Batalhão firmou um convênio com a ELETRONORTE para o alteamento do greide da BR-174, principalmente no trecho dentro da reserva

dos Waimiri-Atroari. Além da terraplenagem, construímos 5 pontes de concreto, incluindo a sobre o rio Abonari e 3 dentro da reserva. Esse convênio deveu-se à construção da hidroelétrica de Balbina, cujo o lago, quando formado, atingiria diversos pontos da estrada. Fizemos um volume imenso de aterro, bueiros celulares e tubulares e as 5 pontes. Lembro da ponte sobre o igarapé Traíra e seus encabeçamentos, que foi um grande desafio, devido à região alagadiça [igapós]. Para tal, num trabalho de prospecção, encontramos uma grande jazida de material 1ª classe [cascalho] dentro da reserva. Comandei um grande desmatamento para poder explorar toda a jazida. Nunca fui questionado sobre esse enorme dano à natureza e agressão à reserva indígena. Essa jazida proporcionou realizar a base de todos os trechos alteados e os encabeçamentos das pontes. Foi um grande achado, pois acarretou economia considerável ao projeto;

5. Na ocasião, o pessoal da Divisão de Levantamento de Manaus [DL], por meio de seus engenheiros em Geodésia e seus topógrafos militares já estaqueavam o eixo do linhão que ligaria Manaus a Boa Vista com energia elétrica, inclusive dentro da reserva Waimiri-Atroari. Hoje muito questionado. Se o projeto do linhão tivesse andado naqueles tempos, Boa Vista não estaria sofrendo com a incapacidade da Venezuela transmitir a energia contratada de Guri. A escolha do traçado e a localização das torres já estavam definidos;

6. Certa ocasião, fomos surpreendidos por uma equipe de reportagem dinamarquesa, que tinha como destino Boa Vista. Eram 2 casais jovens e suas mulheres, loiras, eram extremamente bonitas e esbeltas. Identificados e estando devidamente autorizados pelos órgãos responsáveis, continuaram a viagem. Fui alertado de que eles não haviam saído da reserva. Passei então a procurá-los. Foram encontrados

numa aldeia dos Atroari, já próximo do Jundiá. Viana, o cacique dos Atroari, era um camarada totalmente aculturado e se vestia muito bem. Só era índio quando lhe convinha. Tive que negociar com calma e comer muita pupunha para agradar os índios e principalmente o Viana, que havia se apaixonado por uma das duas belíssimas loiras dinamarquesas; e

7. Próximo ao nosso acampamento, cerca de 100 km a dentro da reserva, havia a mina do Pitinga, da Paranapanema, que explorava a cassiterita na região. Era a Mineração Taboca. Mantínhamos excelente relacionamento com eles, inclusive com uma conta de livre acesso em seu almoxarifado, que supria muitas necessidades da Cia, principalmente em madeira, material de construção e peças dos Equipamento de Engenharia [Eqp Eng]. Em troca, mantínhamos a rodovia nas melhores condições de tráfego. Era uma troca muito vantajosa para nós. Nas emergências, mandava os auxiliares buscar peças e materiais na Taboca. Era um período de expansão da mineradora, com grandes áreas de desmatamento, para a construção de suas instalações e aeroporto e de substituição de diversos Eqp Eng. Os velhos D-8H não operavam mais, mas havia ainda um considerável estoque de peças que nos interessavam, além de oferta generosa de madeira já trabalhada. Aproveitei bem a fase. Mas a Taboca e a Eletronorte [Balbina] começaram a acostumar mau os índios. Construíram nova grande aldeia, servida de pontes e estradas, forneceram armamento de caça, alimentação processada e viaturas para deslocamento. Lembro que o Batalhão, na época do asfaltamento da BR-174, acho que no final dos anos 90 e início dos 2000, teve sérios problemas para atuar dentro da reserva, obrigando a interferência de altas autoridades, dos diversos níveis.

Coronel Hiram, por enquanto é só. Nossos trechos têm muita história e o Sr. tem proporcionado boas recordações.

Meu pai comandou o 7° BEC [72/73/74] quando eu ainda era jovem adolescente, interno no Colégio Militar de Manaus [CMM].

Mas aproveitava as férias para conhecer melhor a nossa Engenharia, dedicando rápidas passagens pelas residências de construção do Batalhão.

Na vida acadêmica me dediquei a cultuar o nobre amigo, inclusive, já na Engenharia, sagrar-me campeão da prova de hipismo nas Olimpíadas Acadêmicas de 1977.

Mas o sangue "*azul turquesa*" falou mais alto. Embora voluntário para comandar o 7° BEC, fui designado para o 2° BE Cmb, em minha terra natal.

Sobre o Padre Calleri, próximo ao início da reserva indígena, após transpor o rio Abonari, havia um monumento abandonado em homenagem àquela expedição.

Mantive o terreno limpo, mas os transeuntes depredavam o que podiam. Outro monumento abandonado, à época, era o da passagem da Linha do Equador, próximo ao acampamento da Arara Vermelha, já em território roraimense.

Estarei acompanhando suas postagens.

Forte abraço.

Gen Décio Brasil (SisDIA-RJ)

Os Romeiros da Morte

À Memória do Conde de Porto Alegre

(Francisco Lobo da Costa)

É noite. O vento bate no rochedo,
Cai a gota de orvalho na campina
E o mar cintila aos fogos do luar...
A sombra do guerreiro – ali se inclina,
– Pela rédea o corcel que escarva a medo –
Tétrica a vista – as crinas pelo ar! ...

Que esplêndida visão! e o firmamento
Como cúpula brônzea envolto em gazas (59)
De opaca luz lhe doura o busto então.

Depois, rápido foge... é o – pensamento...
– Dir-se-á que as patas do corcel tem asas, –
Dir-se-á que o levam asas de um tufão.

Ei-lo que chega ao negro acampamento...
– As tendas – são as frondes dos ciprestes,
O fosso escuro – o úmido arsenal...
Rufa estranho o tambor ao tom do vento!
Talvez, quem sabe, ó Deus! se os sons agrestes
Das palmeiras roçando no areal.

Erguem-se prestos esquadrões guerreiros
E as larvas saltam das fechadas fardas,
E o pó trescala dos ferais pendões...
– Nas mãos esguias – trêmulos lanceiros
Agitam os ferros das passadas guardas,
Ao som de funerais... e aclamações! ...

É parada de morte! e à frente dela
Qual moderno Cecrópidas – laureado,
– Ei-lo sopeando as rédeas do corcel...
Cinge na fronte marcial capela,
Com a mão agita seu chapéu armado –
E a espada cai-lhe presa do fiel.

A bandeira queimada em negras dobras –
E mortalha cosida em cruz sombria
De um cadáver nas mãos a tremular! ...
Dos capitães – escuta-se as manobras...
E a descarga solene de alegria
Rompe as brumas do céu e do luar!

Depois a confusão sucede à ordem...
O entusiasmo domina a velha guarda!
– Brados... exclamações... ao General
Os cavalos escarvam e os freios mordem...
E a música postada na vanguarda
Bate tremula o Hino Nacional.

Estoira na amplidão a brônzea peça
Salvando ao grande herói no fausto dia
Em que vestiu as galas funerais...

Silêncio! ... O abraço eterno ora começa...
Velhos soldados choram de alegria...
Veteranos da morte... seus iguais! ...

E acorda Bento Ribeiro,
Acordam Neto e Tristão...
E Andrade Neves desperta,
E nos braços o aperta
Na mais completa efusão!

Todos! todos, à porfia,
Trazem-lhe os loiros de além
E apontam-lhe o Sol que nasce,
Ferindo a pálida face
Da imortal Jerusalém.

E perguntam-lhe os valentes
Notícias desta nação;
Se inda o Brasil se socorre
Às lembranças do que morre,
Às saudades dos que vão!

..

E a noite voa... Desertam
Os famosos pelotões...
E nas quebradas do cerro
Inda se ouve o som do ferro
E o rumor dos esquadrões.

..

No campo azul do infinito
Pasta o rebanho celeste:
E os ventos que às ramas topam
São gaúchos que galopam,
Montados sobre o cipreste!

..

E quando o dia veio, e na montanha
O Sol buscou vestígios – no desvio,
Do que a Lua contou-lhe em seu volver,
Só encontrou da morte a paz tamanha,
Uma lousa de mais no chão sombrio
E nos espaços – mais um astro a arder.

Pelotas, 7 de novembro de 1875.

A Legendária Corrente

Menciona o General de Divisão R/1 Décio dos Santos Brasil, no capítulo anterior, que o Exército tinha "*o controle do trânsito de veículos e de pessoas dentro da reserva, do Rio Abonari ao Rio Jundiá. A cancela era abaixada às 18h00 e liberada às 06h00 do dia seguinte*". Logo depois de ser implantada e liberada ao trânsito, ainda em precárias condições, o 6° BEC distribuía aos usuários o seguinte folheto:

RECOMENDAÇÕES AOS MOTORISTAS QUE TRAFEGAM NA ESTRADA BR-174 – MANAUS — CARACARAÍ – BOA VISTA – BV/8

Inicialmente devemos alertá-lo de que você viaja por uma estrada de características pioneiras, que atravessa extensa área despovoada, coberta de floresta e submetida a intensas chuvas, provocando naturais restrições ao tráfego.

Por outro lado a BR-174 atravessa a Reserva Indígena dos WAIMIRI-ATROARI, habitada por índios ainda arredios, cuja presença pode eventualmente causar transtornos e constituir perigo. Obedeça às recomendações que se seguem, em seu benefício próprio, dos demais usuários e dos próprios indígenas:

> Não ultrapasse a velocidade de 60 Km/h, devido às características da estrada.
>
> As pontes existentes são de madeira [35 ton], permitem a passagem de um veículo de cada vez e existe um desvio antes de cada uma delas.
>
> As balsas existentes nos Rios ALALAU, JAUAPERÍ e BRANCO recebem veículos de 15 m de comprimento máximo e funcionam no horário de 06h00 às 18h30.

O trajeto compreendido entre a estrada PERIMETRAL NORTE e o Rio BRANCO tem pista estreita, dando passagem com segurança para um só veículo, em alguns trechos.

No trecho da BR-174, dentro da Reserva Indígena, não existem postos de abastecimento de combustível.

Só poderão trafegar veículos de dois eixos e carga máxima de 10 toneladas. Veículos não enquadrados nestas condições só trafegarão com autorização especial fornecida pelo 2° Gpt E Cnst, em MANAUS, e pelo 6° BEC, em BOA VISTA.

Não penetre na floresta, principalmente na Reserva Indígena.

Somente atravesse a Reserva Indígena, durante o dia e em comboio com outros veículos.

Não pare dentro da Reserva Indígena, mesmo que índios façam sinais amistosos.

Não utilize armas de fogo no interior da Reserva Indígena, a fim de não prejudicar os trabalhos FUNAI.

Fica expressamente proibido consumir ou distribuir bebida alcoólica nas proximidades e no interior da Reserva Indígena.

A violação do estabelecido nos itens acima implicará na retenção do veículo e no encaminhamento do transgressor às autoridades policiais.

Boa Viagem!

Ainda hoje, nos mesmos horários, a estrada é bloqueada, agora pelos silvícolas, apesar de não se tratar mais de uma estrada pioneira, causando enormes transtornos para o Estado de Roraima, refém desta obstrução sem sentido.

Quando participei, nos idos de 1978/79, da construção da BR- 364/163 (Cuiabá – Porto Velho, RO /Santarém, PA), nas cercanias de Cuiabá, MT, e mais tarde da BR-070 (Cuiabá – Cáceres), eventualmente o aterro, já com a base pronta para receber o asfalto, era liberado, em alguns trechos para o trânsito dos usuários.

Algumas vezes, porém, este tráfego era interrompido no eixo principal desviando-o para caminhos de serviço em decorrência da construção da OACs (Obras de Arte Correntes – bueiros e pontilhões), colocando cavaletes e sinalizando adequadamente os desvios. Infelizmente alguns motoristas mais afoitos removiam os obstáculos à noite tornando-se vítimas de sua irresponsabilidade precipitando-se nas cavas das Obras de Arte.

A BR-174, logo depois de ser liberada ao tráfego, nos idos de 1976, embora tenha sido inaugurada oficialmente em abril de 1977, enfrentou os mesmos problemas levando o Comandante do 6° BEC, Ten Cel Eng QEMA João Tarcízio Cartaxo Arruda, a determinar a colocação das correntes para impedir o trânsito de veículos das 18h30 às 06h00. Naquela oportunidade uma medida necessária e urgente para evitar acidentes e que mais tarde, mesmo depois da BR ser asfaltada, foi infelizmente mantida.

À Beira-Mar
Tristezas de um Poeta
(Francisco Lobo da Costa)

I

Venho sentar-me aqui, na branca areia,
Onde a vaga quebrando preguiçosa
Resplandece ao luar, – e vem sentida
Um soluço exalar como o proscrito
Que de além arrojado pela sorte,
Só acha a solidão por doce abrigo
E a saudade por último conforto.

O Mar! ó Mar! nas tuas profundezas
Tens abismos talvez de muito encanto,
Cintilam tuas pérolas mimosas
Ao fogo dessas noites namoradas.
E ao compasso das trêmulas orquestras
Dos ventos sibilantes nas espumas,
Teus [gnomos] gentis de tranças loiras
Dançam contentes festivais coreias
– Nos palácios azuis... enquanto eu choro.

De teus antros no seio misterioso
De granito ou coral, de sebe ou lodo,
Quem pudera estudar nos esqueletos
Que ali dormem do mundo ignorados
Os mistérios de um ente que arruinaram!
Perguntar às caveiras esverdeadas:
– Tu não sentes saudades de outra vida?
– Quem te arrojou ao mar, fronte abrasada?
– Quem te esmagou, cabeça de poeta?
– Quem te cobriu de lodo, urna dos sonhos?

Tens arcanos, ó Mar que ninguém sonda,
Vaus sombrios, de horror impenetrável,
Mas, de minh'alma o escancarado abismo
Tem mais trevas talvez... Tem mais encantos! [...]

Circo de Horrores – 27.02.2019

Pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros. E eles têm muitas coisas a dizer para você. Também nosso corpo é antes de tudo um centro de informações para nós mesmos. É uma linguagem que não mente [...]
(O Corpo Fala – Pierre Weil e Roland Tompakow)

Fui convidado, pelo Gabinete do Comandante do Exército, a integrar, como "*Assistente Técnico*", a equipe da Assessoria Jurídica do Comando Militar da Amazônia (CMA) em defesa da União contra uma ação movida pelo Ministério Público Federal que acusa as Forças Armadas de massacre do povo Waimiri-Atroari. Mais uma pantomima orquestrada pelos órfãos do muro de Berlim, que não se preocupam em onerar os cofres públicos desnecessariamente, uma denúncia carregada de um viés puramente ideológico, baseado no testemunho de indivíduos inidôneos sem que sejam apresentadas quaisquer tipos de provas contundentes.

Um aparato enorme deslocou-se para a área da Associação Comunidade Waimiri-Atroari (ACWA), à margem direita do Rio Alalau, já em Roraima, e antiga sede da Frente de Atração (FAWA), que na minha época (1982/83) era coordenada pelo Padre Giuseppe Cravero. Na mídia ali representada estava presente o jornalista Rubens Valente sua "*trupe*", do pasquim Folha de São Paulo, o recordista nacional em "*Fake News*" no Brasil e no exterior ([19]).

---

[19] A Folha de São Paulo noticiou, em 29.10.2018, citando uma "*fonte anônima*", que se Bolsonaro "*ajudar a derrubar Nicolás Maduro com uma intervenção militar, terá o apoio da Colômbia*". O governo colombiano imediatamente rebateu afirmando: "*O Ministério das Relações Exteriores, em nome do Governo da Colômbia, permite-se rechaçar e desmentir as versões que foram publicadas pelo jornal Folha de São Paulo no dia de hoje*".

Imagem 13 – Família Reis e Silva em Visita aos WA (08.1982)

1. Kátia, esposa do Viana;
2. Ângela, filha do Viana (recém-nascida);
3. Neiva Maria, minha esposa;
4. Vanessa, minha filha primogênita (2 anos);
5. Daniella, minha filha n° 2 (8 meses).

Rubens Valente é autor de "*Os Fuzis e as Flechas – História de Sangue e Resistência Indígena*" e jornalista da Folha de São Paulo, desde 2000, um representante da mídia totalmente "*isento*" para reportar os fatos. Antes do início dos trabalhos consegui fazer contato com o Viana, antigo Capitão da Aldeia Terraplenagem, para entregar-lhe algumas fotos dele, sua esposa Kátia e sua filhinha recém-nascida – Ângela, nos idos de 1982. O Viana, muito meu amigo, agradeceu emocionado e demonstrou um certo constrangimento por tudo que estava acontecendo.

Cronologia Reversa

Minha filha Danielle, nascida no dia 08.01.1982, era mais velha uns sete meses do que a Ângela, e aparece na imagem 69, ao lado da Kátia e da Ângela e perguntei ao Viana quando sua filhinha tinha nascido e ele afirmou categoricamente que tinha sido em julho de 1981. A dificuldade em estabelecer marcos temporais dentro de um contexto histórico sempre foi uma característica bastante marcante entre os WA.

Tradutores (???)

A maioria dos "*informantes*" solicitou o apoio dos intérpretes para que lhes traduzissem as perguntas feitas pelos advogados e sua repostas. É interessante verificar que o Elza, agora conhecido por "*Elzo*" (masculinizou-se o vocábulo, contrariando todos os registros anteriores em que outros líderes, bem mais antigos, ostentavam o mesmo nome), fizera uso dos tradutores. Há 37 anos, o Elza permaneceu durante uma semana na sede da 1ª Cia de E Cnst, no Abonarí, até o nascimento de sua filha Sônia, onde conversava animadamente com militares e funcionários.

Wanaby Raimundo Atroari que havia respondido, sistematicamente, às perguntas, antes mesmo que se fizesse a devida tradução, sentou-se atrás de mim, depois de sua oitiva, e me narrou com detalhes os problemas de saúde enfrentados pelo do Presidente da Associação Waimiri-Atroari – Mário Parwe, depois de um acidente automobilístico, levantei-me, imediatamente e chamei Mário convidando-o para conversar do lado de fora da maloca, e ele me confidenciou que sentia muita dor de cabeça e tinha o abdômen inchado mas que tinha receio de procurar os médicos com medo de que precisasse se submeter a alguma cirurgia.

Imagem 14 – Capitão Viana (27.02.2019)

Imagem 15 – Amigos Waimiri-Atroari (27.02.2019)

Imagem 16 – Explosão de Napalm na Indochina, 1953

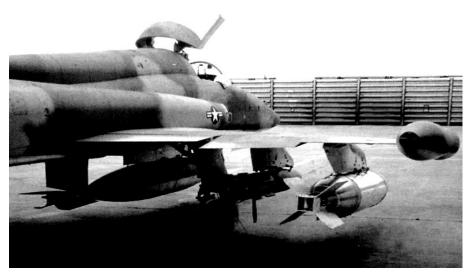



Imagem 17 – Aeronave Americana com bombas de Napalm

Contei-lhe de meu acidente, em 1985, no Rio de Janeiro e das onze cirurgias reparadoras a que tive de me submeter, abri a camisa e mostrei-lhe a enorme cicatriz da laparotomia a que tinha me submetido. Deixei meu telefone com ele, caso mudasse de ideia tenho certeza de que nossos médicos militares poderiam atendê-lo ([20]). O Mário, visivelmente emocionado, e dois jovens WA que o cercavam, quase às lágrimas, agradeceram-me. Tenho quase certeza de que os militantes esquerdistas farão de tudo para que ele não aceite minha oferta, mesmo que isso venha a comprometer seriamente a saúde do líder WA.

Conheci, nos idos de 1982/83, cinco dos seis "*informantes*" que já naquela época falavam fluentemente o português e que agora "*precisavam*" de "*tradutores*" para expor suas ideias. Só este fato deveria bastar, por si só, para rechaçar a idoneidade desses controversos testemunhos.

---

[20] O próprio comandante do CMA, mais tarde, cientificado do problema garantiu isso.

Lógica Absurda

O termo “*Kamña*” é utilizado pelos Waimiri-Atroari para designar os não índios e “*Kiña*” que significa “*a nossa gente*”, ou seja, o povo Waimiri-Atroari. Bornaldo, um dos “*informantes*”, relata que chegou a uma das Aldeias, à noite, onde todos os “*Kiña*” estavam mortos e que conseguiu esfaquear um dos “*Kamña*” quando um deles tentou entrar na maloca e, pasmem, todos os demais “*Kamña*” fugiram ao verificar que um dos seus tinha sido ferido.

Noutra declaração o Viana e o Bornaldo entraram em contradição. Bornaldo afirma que ao chegar em uma das Aldeias, atacadas pelos “*Kamña*”, e encontrando todos mortos foi amparado pelo tio, enquanto o Viana garante que ele chegou à mesma Aldeia onde o outro “*informante*” já se encontrava sozinho.

É interessante que alguns dos “*informantes*” garantem que helicópteros fizeram uso de agentes químicos contra duas malocas e que simultaneamente uma tropa a pé, sem qualquer proteção, invadiu as aldeias para eliminar os sobreviventes, sem levar em conta o efeito residual que o produto usado como arma química provocaria em seus organismos. No Vietnã, onde o agente laranja foi empregado, o efeito residual do produto usado como arma química só se extinguiu em 40 anos.

Os esporos do antraz, por exemplo, podem apresentar uma sobrevida de até 200 anos. Nenhum dos “*informantes*” afirmou, porém, que a tropa terrestre fazia uso de máscaras protetoras. De acordo com os relatos e a idade de cada um dos informantes pode-se deduzir que os supostos fatos teriam ocorrido logo após o massacre da Expedição Calleri.

O uniforme da "*suposta tropa*" também foi objeto de comentário de cada um deles que, sem exceção, afirmaram ser igual ao camuflado envergado pelos militares do Comando Militar da Amazônia, ali presentes. Mais uma contradição interessante já que naquela época o uniforme padrão trajado pelos militares do Exército Brasileiro era o "*verde-oliva*".

Mais uma vez, verificamos que os WA, tentando justificar as cruéis carnificinas que perpetraram ao longo de toda a sua história, contra homens, mulheres e crianças, desde meados do século XIX, buscam apresentar-se hoje, aos tolos, como pobres vítimas.

Engarupado na anca da história lembrei-me dos poemas de Gonçalves Dias e José de Alencar, odes que encantaram minha imaginação infantil, epopeias que falavam de um povo altivo e honrado e que agora, com os cabelos encanecidos, triste e acabrunhado, vejo que se tratavam tão somente de digressões poéticas.

Agentes QBRN

A doutrina militar das Forças Armadas nunca previu a fabricação ou uso ofensivo de Agentes Químicos, Bacteriológicos, Radiológicos ou Nucleares.

O Sistema de Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear (DQBRN) no âmbito das Forças Armadas é apenas defensivo e faz parte de uma política nacional de prevenção, contenção e medidas contra armas químicas e biológicas.

É necessário e urgente aumentarmos ainda mais a nossa capacidade de prevenção, contenção e medidas contra essas armas não só pelas Forças Armadas, mas também adestrar e equipar os agentes de saúde e de

segurança pública, nas indústrias químicas e farmacêuticas e em institutos de pesquisas nacionais criando assim uma ampla rede de vigilância epidemiológica.

Armas Químicas e Biológicas (Ministério das Relações exteriores)

O Brasil faz parte da Convenção sobre a Proibição de Armas Químicas [CPAQ], que proíbe o desenvolvimento, a produção, a aquisição, a estocagem, a retenção, a transferência e o uso desse tipo de armamento. A Convenção tem contribuído para livrar o mundo de armas químicas e é considerada um modelo a ser seguido na área de desarmamento e não proliferação, em particular na área nuclear. O órgão criado para velar pela implementação da CPAQ é a Organização para a Proibição de Armas Químicas [OPAQ].

Em sua atuação nesse órgão, o Brasil atribui prioridade à destruição completa dos arsenais químicos ainda existentes. Detentor da sétima maior indústria química mundial, o Brasil avalia que os controles na área de desarmamento químico não devem gerar obstáculos adicionais para o progresso técnico e científico dos países em desenvolvimento.

A Convenção sobre a Proibição de Armas Biológicas e Toxínicas (CPAB) foi o primeiro tratado multilateral a banir a produção e o uso de uma categoria completa de armamentos. Ratificada pelo Brasil em 1976, a CPAB proíbe o desenvolvimento, a produção, a estocagem, a transferência, a aquisição e o uso de armas biológicas e toxínicas, bem como determina a destruição de estoques existentes.

A CPAB não prevê medidas de verificação do seu cumprimento pelos Estados-partes. O Brasil defende a criação de um mecanismo de verificação do cumprimento da Convenção, mas ainda não foi possível atingir consenso internacional sobre esse assunto.

O poder letal desses agentes químicos deixaram um rastro de horrores e destruição, que jamais serão esquecidos, na história da humanidade, vamos relatar, a seguir, cinco deles que impactaram significativamente a consciência da humanidade:

1. 1ª Guerra Mundial (1914/19)

A Primeira Guerra Mundial foi a primeira a introduzir agentes químicos no combate. Em 1915, os alemães, em Ypres (Bélgica) usaram gás clorídrico contra as tropas aliadas e a partir de então o uso destas armas propagou-se no campo de batalha. Surgiram então, outros agentes como fosgênio, cianeto e gás mostarda. O mundo estarrecido com efeito destes produtos, assinou, em 1925, o Protocolo de Genebra (15 países signatários), proibindo o emprego de armas químicas e bacteriológicas.

2. Alemanha Nazista (1933/45)

Adolf Hitler exterminou seis milhões de judeus nas câmaras de gás empregando um pesticida a base de ácido cianídrico, cloro e nitrogênio (Zyklon B).

3. Massacre de Halabja (1988)

No final da Guerra Irã-Iraque, Saddam Hussein utilizou armas químicas em Halabja, no Curdistão Iraquiano para remover curdos de diversas aldeias no norte do Iraque, episódio que ficou conhecido como "*Sexta-feira Sangrenta*" (16.05.1988). Neste ataque foi utilizado gás mostarda e sarin. O massacre provocou a criação da Convenção das Armas Químicas das Nações Unidas, em 1997, um pacto internacional banindo a produção, estoque ou uso de armas químicas. Hussein ainda utilizou gás mostarda e sarin contra o Irã, matando mais de 20.000 pessoas, para obrigar o Irã, a negociar.

4. Crise dos Reféns em Dubrovka (2002)

Na noite do dia 23.10.2002, cerca de 800 pessoas assistiam um musical em um teatro em Dubrovka (Moscou), quando de repente, militantes chechenos fizeram todos os presentes reféns. Após 48 horas de negociação, os russos lançaram um gás tóxico no sistema de ventilação do teatro matando quase todos os militantes e mais de 100 reféns.

5. Ataque Químico de Ghouta (2013)

No dia 21.08.2013, um ataque do governo sírio, com sarin, durante a Guerra Civil resultou em mais de 1.500 mortes.

É interessante verificar que os organismos internacionais não citam, em nenhum de seus relatórios, o hipotético massacre com armas químicas dos 2.650 Waimiri-Atroari.

Inversão Cronológica

Até a audiência nas Terras do WA os militantes da famigerada "*Comissão da 'In'Verdade*" nos acusavam de ter promovido o extermínio do povo Waimiri-Atroari a partir de março de 1975, após os massacre promovidos pelos "*Kiña*" nos idos de 1968, 1973 e 1974, apresentando uma série de testemunhas inidôneas e fictícias. Agora numa esdrúxula metamorfose cronológica os "*Kiña*" afirmam terem promovidos os referidos massacres como uma ação de resistência às pseudos-atrocidades patrocinadas pelo Estado Brasileiro ao seu povo. Os "*informantes*" iniciaram suas locuções mentindo ao afirmar que não dominavam a língua portuguesa e continuaram cometendo perjúrio ao apresentar uma novela ficcional, mal engendrada, cheia de contradições e sem provas materiais que a sustentassem.

O Corpo Fala

O que também chama a atenção em cada um dos depoimentos é a falta total de manifestação emotiva por parte de todos os "*informantes*" quando estes relatavam a morte violenta de seus familiares.

Imediatamente lembrei-me de uma série americana chamada "*Lie To Me*" (*Engana-me se Puder*) que estreou na FOX, em 21.01.2009. Nela o Dr. Cal Lightman (Tim Roth), coadjuvado pela Dr. Gillian Foster (Kelli Williams), detectam mentiras, observando a linguagem corporal e as micro expressões faciais, usando esse talento para colaborar com a lei.

O personagem Dr. Cal Lightman é baseado no psicólogo americano Paul Ekman, pioneiro no estudo das emoções e expressões faciais, que foi considerado um dos 100 mais notáveis psicólogos do século XX.

Não é preciso, porém, ser um especialista na leitura da linguagem corporal e expressões faciais para verificar que as "*estórias*" de cada um dos informantes tinham sido previamente elaboradas, decoradas e contavam agora com o apoio e orientação oportuna dos ditos "*tradutores*".

Falsa Acusação de uso de Napalm

A Revista do "*Instituto Humanitas Unisinos*" (IHU On-Line) entrevistou, no dia 20.04.2012, o falacioso compulsivo Egydio Schwade que distorce os fatos a seu bel prazer de maneira a transformá-los em factoides que apoiem suas pérfidas teorias:

> **IHU On-Line –** Qual era o posicionamento da FUNAI nessa época? Havia dissidência no órgão?

Imagem 18 – Bomba de Napalm ***???***

Egydio Schwade – […] Na época, eu era secretário executivo do Conselho Indigenista Missionário Nacional – CIMI e nós pedimos, numa das primeiras assembleias na Amazônia, realizada em Belém, em 1975, que o governo suspendesse imediatamente a construção da BR-174 para que houvesse contato pacífico com os índios. […]

A notícia que se tem é de que muitos indígenas foram mortos, uns com napalm, outros eletrocutados, ainda outros com armas de fogo. E a FUNAI não só sabia da violência dos militares contra os índios, mas até participou de reunião com o 6° Batalhão de Engenharia de Construção – BEC onde foi decidido o uso de armas de fogo, dinamite, metralhadoras e de granadas.

Os primeiros lança-chamas foram empregados na 1ª Guerra Mundial, mas como eram pouco eficientes, foram sendo aperfeiçoados pelo "*US Chemical Warfare Service*", Centro de Guerra Química dos Estados Unidos da América – EUA.

Nos idos 1941, Louis Fieser, da Universidade de Harvard, liderou uma equipe de pesquisadores que desenvolveram o napalm, que, mais tarde, foi amplamente utilizado na Guerra do Vietnã (01.11.1955 a 30.04.1975).

No período de 1963 a 1973, foram lançadas 388.000 toneladas de napalm sobre o Vietnã, dez vezes a quantidade de napalm usado na Coréia e quase vinte vezes do que foi empregado no Pacífico.

Inicialmente foi empregada nos lança-chamas pelos aliados para neutralizar bunkers e trincheiras, consumindo o oxigênio e provocando a asfixia. Mais tarde, os bombardeiros lançavam bombas de napalm, que provaram ser muito mais destrutivas do que os lança-chamas.

Apenas uma bomba de napalm era capaz de incendiar uma área de 2.000 m^2, gerando temperaturas de 800° a 1.200° Celsius. Depois da Guerra do Vietnã, o Napalm foi empregado apenas no Saara Ocidental (1975/91, pelas forças marroquinas), no Irã (1980/88), no Iraque (1980/88 e em 1991), em Angola (1993), na Argentina (1982) e na Iugoslávia (1991/96).

Nunca, em tempo algum, este tipo de bomba foi utilizada pelas Forças Armadas Brasileiras. A foto (Imagem 74) que representaria um ataque deste tipo à uma Maloca dos WA, serviria de motivo de escárnio perante qualquer grupo de peritos em armamento.

Embora alguns extremistas afirmem que estas bombas já tinham sido usadas pelo Exército Brasileiro, durante na Guerrilha do Araguaia, não existe nenhuma prova física que comprove tal fato.

Napalm Lançado por Helicópteros UH-1H

Os versáteis helicópteros UH-1H Iroquois foram utilizados, pela primeira vez, no Vietnã, alterando definitivamente a doutrina de emprego destas aeronaves. Embora sua nomenclatura oficial seja de UH-1, de "*helicóptero utilitário*", as novas versões de ataque e transporte consagrariam seu codinome de "*Huey*".

Os UH-1H participaram, no Brasil, das mais diversas missões, tais como, infiltração e exfiltração de patrulhas, evacuação de feridos, transporte de material, mapeamento nos programas RADAM e DINCART, vacinação de indígenas na Amazônia, apoio em catástrofes naturais, demarcação de fronteiras, transporte de urnas eleitorais…

O UH-1H jamais foi empregado como lançador de bombas tipo napalm nem no Brasil, nem em qualquer outro lugar do mundo. A ligação dos helicópteros com o napalm se deve ao fato de que bombas incendiárias lançadas por aeronaves de asa fixa, na Guerra do Vietnã, tinham como objetivo a rápida abertura de clareiras para a aterrissagem de helicópteros.

Por sua versatilidade de emprego os Huey participaram dos principais confrontos contemporâneos. Além dos EUA, ainda é operado em países como Nova Zelândia, Colômbia, Bolívia, Canadá, Austrália, México, Espanha, Chile e também no Brasil.

A autonomia do UH-1H é de apenas 507 km e a distância de Manaus-Rio Alalau-Manaus 560 km, forçando a Força Aérea Brasileira a montar uma base de operações em Moura, margem direita do Rio Negro para o resgate dos corpos dos membros da Expedição Calleri.

Imagem 19 – Entrevista ao SBT, 27.02.2019

Encerramento dos Trabalhos

Art. 339. Dar causa à instauração de investigação policial, de processo judicial, instauração de investigação administrativa, inquérito civil ou ação de improbidade administrativa contra alguém, imputando-lhe crime de que o sabe inocente. (Código Penal alterado pela Lei nº 10.028, de 2000)

Graças a Deus, como estava previsto, toda aquela ridícula pantomina foi encerrada na hora aprazada – 16h00, apesar dos protestos dos advogados do Ministério Público Federal que se comportaram, durante todo o evento, mais como ativistas políticos do que defensores da justiça.

Ao sair da maloca, fui abordado por um jornalista, que citando meu posto e nome completo, indagou se eu estaria disposto a conceder-lhe uma entrevista. Acho que ele tinha percebido que eu conhecia os líderes Waimiri-Atroari e desfrutava de sua amizade.

Sem vacilar respondi que sim, e perante a câmera me identifiquei, e disse o quanto me magoava estar assistindo aquele "*Teatro de Horrores*" engendrado pela "*Comissão da 'In'Verdade*" e seus acólitos com o fim precípuo de acusar o Exército Brasileiro de ser um dos patrocinadores do processo de extermínio do "*Kiña*".

Sabia que, mais uma vez, a imprensa não levaria minha opinião às telas na sua totalidade tendo em vista que minhas declarações não estavam em sintonia com a do repórter que me entrevistava. A reportagem durou 02 minutos e 10 segundos em que o Exército e a União foram covardemente atacados e a minha entrevista, em defesa da instituição, depois dos devidos cortes, durou apenas 07 segundos, mostrando cabalmente a pretensa "*isenção*" da facciosa e famigerada mídia nacional.

Link SBT*: https://youtu.be/2WbhmpFCHS0*

Lembrei-me de um fato semelhante, no final de agosto de 2018, quando um repórter da Rede Amazônica, por ocasião dos preparativos de minha descida do Rio Tacutu, de Bonfim (RR) a Boa Vista (RR), antes de encerrar a entrevista resolveu, totalmente fora do contexto, me perguntar em quem iria votar e eu lhe respondi, sem excitar que ia votar nos meus amigos, referindo-me ao meu colega de turma do Colégio Militar de Porto Alegre e Academia Militar das Agulhas Negras – General Mourão e no Presidente Bolsonaro.

O repórter, desconcertado, disse que não era essa a resposta que ele esperava, ao que eu lhe respondi que:

– Essa era minha resposta.

Logicamente a entrevista foi censurada pelos "*democratas de plantão*" e não foi ao ar no dia seguinte.

FOX NEWS .com

U.S. World Opinion Politics Entertainment Business Lifestyle TV Fox Nation Radio More

Hot Topics Ethiopian Airlines crash Ocasio-Cortez at SXSW Trump's wall showdown

At hearing, Amazon tribe accuses Brazil army of atrocities

Associated Press, 09.03.2019

Em audiência, tribo acusa Exército de cometer atrocidades para abrir estrada na Amazônia

Procuradores Federais Dizem que Centenas de Integrantes da Tribo Waimiri-Atroari Morreram Durante a Construção da BR-174, entre 1968 e 1977.

(Maurício Savarese)

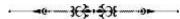
[...] Ao explicar sua própria violência na época ([21]), os Waimiri-Atroari repetem que estavam defendendo seu território. [...] Enquanto membros da tribo concordavam com Bornaldo durante seu depoimento, seis militares de uniforme ouviam em silêncio.

---

[21] Os massacres a que se referem os Waimiri-Atroari, como já mostramos anteriormente, ocorreram em 1968/73/74. Contrariando a orientação recebida da tal "*Comissão da Verdade*" que tentou forjar testemunhas que denunciaram, que as supostas atrocidades promovidas pelos militares teriam sido desencadeadas a partir de março de 1975, com a entrada do 1° Batalhão de Infantaria de selva (1° BIS), na área da reserva, após o 5° massacre promovido pelos Tuchauas Maruaga e Comprido contra o sertanista Gilberto Pinto Figueredo Costa, da FUNAI, a quem chamavam carinhosamente de "*Papai*".

O Coronel reformado Hiram Reis e Silva, *vestindo uma camiseta branca* ([22]) *e jeans*" ([23]), balançava a cabeça negativamente enquanto os indígenas falavam. Reis e Silva, que disse ter trabalhado perto da reserva ([24]) depois de 1982 ([25]), afirmou que estava na audiência como representante do Comando Militar da Amazônia. "*Minha versão da história é muito diferente*", disse. "*Existem alguns exageros. ([26]) Esperamos que a verdade seja reestabelecida*". "*Eu tenho várias testemunhas que são pioneiras da estrada e vão contraditar ([27]) tudo que os membros da tribo dizem*", afirmou Reis e Silva, embora não tenha fornecido contatos dessas pessoas quando pedido. ([28]) [...]

Folha de São Paulo, n° 3.285
São Paulo, SP – Domingo, 17.03.2019

Governo Bolsonaro Renova Temor de Conflito em Tribo da Amazônia

Obra Federal Preocupa Índios Waimiri-Atroari, Massacrados na Ditadura Militar (Rubens Valente)

[22] Camiseta Branca: Camisa de manga comprida bege como se pode comprovar na própria reportagem exibida pelo SBT (Imagem 74).

[23] Calça sarja bege, o repórter tenta mostrar que eu não estava devidamente vestido para o evento. Os advogado MPF é que estavam de camiseta!

[24] Perto da Reserva: na reserva, minha área de atuação, na BR-174, se estendia desde Manaus (AM) até o Rio Jauaperí (RR).

[25] Depois de 1982: de 1982 a 1983.

[26] Na verdade afirmei: "*Eu acho que existem alguns exageros e fantasias a respeito. O Exército Brasileiro tem uma tradição desde Rondon que não é esta que está sendo apontada*" [...]

[27] Contraditar: rebater.

[28] O repórter não me fez uma única pergunta, mentindo ao afirmar que me neguei a fornecer o nome das testemunhas.

[RESUMO] Projeto de uma linha de transmissão que pode cortar o território Waimiri-Atroari gera embate entre o governo federal e a etnia indígena, alvo de massacre durante a construção da rodovia BR-174 pela ditadura militar. [...]

"*O pessoal que estava lá na aldeia, já não tinha mais. Isso eu vi pessoalmente, pessoal morto, muita gente, muita gente. A aldeia era inteira. [...] Muita gente morta, criança, menina, tudo, tudo*", narrou à juíza o indígena Wamé Viana Atroari. "*Mas estavam sangrando, como é que eles estavam, você lembra?", quis saber o procurador Araújo. "Fomos correr voltar para nossa aldeia, pegar nossas armas também, verificar o que aconteceu. [...] Aí vimos assim, pessoal morto, outro estava deitado, outro estava cortado no pescoço, outro furado no pescoço dele lá*."

A aldeia citada por Wamé se chama Somodu. Um de seus habitantes era Baré Bornaldo, que também esteve na audiência. "*Foi um ataque de veneno do homem branco. [...]*

Era dia de festa. Era dia de marubá. Marubá é uma festa de iniciação do menino guerreiro. O povo estava reunido. Vieram pessoas de outras aldeias para a festa. [O ataque] foi terrestre e por cima, de helicóptero. Era veneno, jogado em cima assim da maloca. Perdi meu pai, minha mãe, minha irmã e meu irmão. Sou o único sobrevivente da família", disse Bornaldo. Segundo ele, os agressores usavam uniformes do Exército. [...]

Ao lado dos advogados, havia um Coronel da reserva do Exército – enviado, segundo ele e outros militares, pelo Comando Militar da Amazônia. [...] Acusa os Waimiri-Atroari de terem recebido dos "*civilizados*" suas "*piores qualidades, tentando a todo custo auferir lucro mesmo que tenham de vender suas almas ao PRÓPRIO DIABO*". (FOLHA DE SÃO PAULO, N° 3.285)

EXÉRCITO PRESTA HOMENAGEM AOS QUE MORRERAM NA ESTRADA

Na reserva indígena Atroari-Waimiri foi inaugurada ontem, na rodovia BR – 174, que liga Manaus a Boa Vista, uma placa em homenagem aos militares e civis mortos pelos índios, quando trabalhavam na construção da estrada, que também liga o nosso país à República da Venezuela. O ato começou com o hasteamento da Bandeira Nacional e o toque do Hino Nacional, cantado por todos os presentes.

Essa placa, do tamanho 49 por 78 centímetros, possui os seguintes dizeres: "Homenagem àqueles que deram sua vida pela realização dessa obra".

Logo abaixo, aparecem a relação dos 32 mortos, compreendendo um primeiro tenente, um sargento, dois soldados e vinte e oito civis. Logo em seguida aparecem os dizeres: "Não morreram em vão".

Após o hasteamento da bandeira houve o descerramento da placa, acompanhado por diversos jornalistas que se deslocaram ao local, em plena reserva indígena, para documentar o fato histórico. A placa foi descerrada pelo General Ismarth de Araujo, Presidente d[illegible]ndação Nacional do Índio, sob a [illegible]cução de músicas militares, num[illegible] [illegible]enagem àqueles que deram suas vida pela construção da estrada e pacificação dos índios Atroaris-Waimiris, o que até o momento não foi conseguido, uma vez que os silvícolas dessas tribos são demasiadamente arredios e estão sempre fugindo ao contato com os homens brancos.

A banda do Primeiro Batalhão de Infantaria de Selva esteve presente à solenidade. O Diretor da Diretoria de Obras e Cooperação do Exército, General Ênio, foi quem hasteou a Bandeira Nacional. O general falou em seguida aos presentes, referindo-se ao trabalho do Marechal Rondon, na conquista da área, sobre os mortos para a consecução da rodovia.

"O Exército deseja agradecer à Funai a colaboração inestimável que prestou ao 6º BEC na construção desta obra e, ao mesmo tempo, homenagear aqueles que deram a sua vida, na pacificação desses índios Waimiris-Atroaris", disse o militar, referindo-se também ao Marechal Rondon, membro da Engenharia, o criador do Serviço de Proteção aos Índios, origem da Funai.

O General Ismarth de Araujo, presidente da Fundação Nacional do Índio, que também acompanha a comitiva, falou na ocasião sobre o trabalho do órgão na assistência ao silvícola e sobre a importância da estrada. "A Funai não poderia deixar de estar presente a esta cerimônia simples, onde nosso exército presta homenagem aos seus servidores que aqui tombaram no cumprimento do dever. É um grupo de idealistas e que deu a sua vida em benefício de uma causa que é a do índio brasileiro. O lema de Rondon sempre esteve presente. Deram a vida mas deixaram indelevelmente marcados nessa região os traços de sua passagem", disse Ismarth Araújo.

De lá, a comitiva oficial seguiu para o quilômetro 356, da rodovia, próximo à linha do Equador, onde ocorrerá hoje a inauguração oficial da obra.

A NOTÍCIA — Manaus, 6 de abril de 1977

Imagem 20 – Jornal a Crítica, 06.04.1977 (ST Ávila)

Jornal a Crítica
Manaus, AM – Quarta-feira, 06.04.1977

Exército Presta Homenagem
Aos que Morreram na Estrada

Na Reserva Indígena Atroari-Waimiri, foi inaugurada ontem, na rodovia BR-174, que liga Manaus a Boa Vista, uma placa em homenagem aos militares e civis mortos pelos índios quando trabalhavam na construção da estrada, que também liga o nosso, país à República da Venezuela. O ato começou com o hasteamento da Bandeira Nacional e o toque do Hino Nacional, cantado por todos os presentes. Essa placa, do tamanho 49 por 78 centímetros possui os seguintes dizeres: "*Homenagem àqueles que deram sua vida pela realização dessa obra*". Logo abaixo aparecem a relação dos 32 mortos, compreendendo um Primeiro Tenente, um sargento, dois soldados, e vinte e oito civis. Logo em seguida aparecem os dizeres: "*Não morreram em vão*".

Imagem 21 – Não morreram em Vão (ST Ávila)

Após o hasteamento da bandeira houve o descerramento da placa, acompanhado por diversos jornalistas que se deslocaram ao local em plena reserva Indígena para documentar o fato histórico.

A placa foi descerrada pelo General Ismarth de Araújo, Presidente da Fundação Nacional do Índio, sob a execução de músicas militares, fez-se homenagem àqueles que deram suas vidas pela construção da estrada e pacificação dos índios Atroaris Waimiris, o que até o momento não foi conseguido, uma vez que os silvícolas dessas tribos são demasiadamente arredios e estão sempre fugindo ao contato com os homens brancos. A banda do Primeiro Batalhão de Infantaria de Selva esteve presente à solenidade.

O Diretor da Diretoria de Obras e cooperação do Exército, General Ênio, foi quem hasteou a Bandeira Nacional. O General falou em seguida aos presentes, referindo-se ao trabalho do Marechal Rondon, na conquista da área, sobre os mortos para a consecução da Rodovia.

Imagem 22 – Não morreram em Vão (ST Ávila)

> O Exército deseja agradecer à FUNAI, à colaboração inestimável que prestou ao 6° BEC na construção desta obra e ao mesmo tempo homenagear àqueles que deram a sua vida, na pacificação dos índios Waimiri-Atroari".

Disse o militar, referindo-se também ao Marechal Rondon, membro da Engenharia e criador do Serviço de Proteção aos Índios [SPI], origem da FUNAI. O Gen Ismarth de Araújo, Presidente da fundação falou na ocasião sobre o trabalho do órgão na assistência ao silvícola e sobre a importância da estrada:

> A FUNAI não poderia deixar de estar presente a esta cerimônia simples, onde nosso Exército presta homenagem aos seus servidores que aqui tombaram no cumprimento do dever. É um grupo de idealistas e que deu a sua vida em benefício de uma causa que é a do índio brasileiro. O lema de Rondon sempre esteve presente. Deram a vida mas deixaram indelevelmente marcados nessa região os traços de sua passagem.

Disse Ismarth de ARAÚJO. [...] (JORNAL A CRÍTICA, 06.04.1977)

Conclusão

Onde estão os restos mortais destes supostos massacres? Que helicópteros são esses capazes de tal autonomia e de lançar bombas napalm? Que tropa biônica foi essa capaz de entrar em uma aldeia contaminada por armas químicas sem usar equipamento de proteção e ser confrontada por um meninote?

Se Tudo o que há é Mentira
(Fernando Pessoa)

Se tudo o que há é mentira
É mentira tudo o que há.
De nada nada se tira,
A nada nada se dá.

Se tanto faz que eu suponha
Uma coisa ou não com fé,
Suponho-a se ela é risonha,
Se não é, suponho que é.

Que o grande jeito da vida
É pôr a vida com jeito.
Fana a rosa não colhida
Como a rosa posta ao peito.

Mais vale é o mais valer,
Que o resto urtigas o cobrem
E só se cumpra o dever
Para que as palavras sobrem.

Caracaraí

O Município tem uma área de 47.380 km² e uma população de mais de 21.926 habitantes (terceiro mais populoso do Estado de Roraima – 0,46 hab/km^2). Situa-se a uma altitude 52 m, nas seguintes coordenadas geográficas 01°48'57" N e 61°07'40" O.

Gentílico: caracaraiense.

História

Surgiu de um local de descanso de condutores de gado, do antigo Município de Moura, cujas terras deram origem ao Território de Roraima. O nome é uma alusão a um pequeno gavião que habita a região.

Formação Administrativa

Distrito criado com a denominação de Caracaraí, pelo Decreto-lei Estadual n° 176, de 01.12.1938, subordinado ao Município de Boa Vista.

Pelo Decreto-lei Federal n° 5.812, de 13.09.1943, ou 5.839, de 21.09.1943, passou a fazer parte do Território Federal do Rio Branco [atual Roraima].

No quadro fixado para avigorar no período de 1939 a 1943, o Distrito de Caracaraí, figura no Município de Boa Vista. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 01.07.1950.

Elevado à categoria de Município com a denominação de Caracaraí, pela Lei Federal n° 2.495, de 27.05.1955, desmembrado do Município de Boa Vista. Sede no antigo Distrito de Caracaraí. Constituído de 3 Distritos: Caracaraí, Boiaçu [ex-Catrimani] e São José de Anauá. Instalado em 21.01.1956.

Em divisão territorial datada de 01.07.1960, o Município é constituído de 3 Distritos: Caracaraí, Boiaçu e São José de Anauá. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 01.01.1979.

Pela Lei Federal n° 7.009, de 01.07.1982, foram extintos os Distritos de Boiaçu e São José de Anauá, sendo seus territórios anexados ao distrito sede do Município de Caracaraí. Em divisão territorial datada de 1988, o município é constituído do Distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009. (www.cnm.org.br)

Renascimento I
(Jayme Caetano Braun)

Venho de volta – e caminho,
Sedento de luz e paz,
Como um pássaro que traz
Calor – do primeiro ninho,
Tentando ver – se adivinho,
O rumo inicial perdido,
No canto recém-nascido
Que alarga o meu infinito,
Tropeando as notas de um grito
De há muito tempo esquecido! [...]

Boa Vista, 01 a 11.08.2019 – VI

Quero ser o teu amigo.
Nem demais e nem de menos.
Nem tão longe e nem tão perto.
Na medida mais precisa que eu puder.
Mas amar-te sem medida e ficar na tua vida.
Da maneira mais discreta que eu souber.
(Fernando Pessoa)

Depois de ter passado mais de trinta anos sem pisar nestas longínquas plagas, retorno, em menos de um ano, pela terceira vez a este extremo Setentrião do país. Se no linguajar gauchesco o Rio Grande do Sul é o "*garrão*" do Brasil, por ser o mais Meridional de seus Estados, por certo o Roraima do Monte Caburaí é a "*testa*" desta Nação.

Mais uma vez o acolhimento por parte do Comando e demais camaradas do 6° BEC, da ativa e da reserva, foram o ponto alto desta jornada. Nos eventos relativos ao aniversário do 6° BEC, tive a rara oportunidade de conviver, ainda que por breves momentos, com os ex-Comandantes do 6° BEC – Coronel José de Almeida Oliveira (2° comandante do 6° BEC), General de Divisão Carlos Alberto Maciel Teixeira (que foi meu Cadete nos idos de 1980/81), Coronel André Luiz Stangl Risse e Coronel José Mateus Teixeira Ribeiro.

No dia 07 de agosto, foi realizada uma emocionante formatura realizada no "*Marco Zero*" – Linha do Equador, e, no dia 08, uma formatura geral incluindo desfile dos veteranos "*bequianos*" comandados pelo carismático Cel Oliveira. Foi com muita emoção que participei destes gloriosos eventos onde tive a oportunidade de rever antigos irmãos de arma e conhecer novos.

Imagem 23 – Formatura no Marco Zero (07.08.2019)

Imagem 24 – Gen Melo, Cmt 2° GEC (07.08.2019)

Imagem 25 – Gen Teixeira – Marco Zero (07.08.2019)

Imagem 26 – Aniversário do Batalhão (08.08.2019)

Imagem 27 – Aniversário do Batalhão (08.08.2019)

Boa Vista – AC 01 (12.08.2019)

Que minha solidão me sirva de companhia.
Que eu tenha a coragem de me enfrentar.
Que eu saiba ficar com o nada
E mesmo assim me sentir
Como se estivesse pleno de tudo.
(Clarice Lispector)

Adiei a partida, para causar menos transtorno aos meus apoiadores, e, em vez de partir no final de semana, resolvi iniciar a jornada na segunda-feira. Enviei esta mensagem para os amigos e familiares no dia 11 de agosto:

> Parto segunda-feira (12 de agosto) para Manaus.
> Ligarei o rastreador às 05h30 (06h30 de Brasília).
> Que o Grande Arquiteto do Universo vos abençoe, ilumine e guarde são os votos deste humilde Canoeiro eternamente em busca da Terceira Margem.

12.08.2019 (Ponte dos Macuxis / Ilha S. Vicente)

O caminhão e os militares de apoio chegaram, pontualmente, às 05h00, na Casa de Apoio do 6° BEC. Embarcamos o caiaque e a tralha toda e partimos, às 05h07, para a Cerâmica Kotinscki, à jusante da Ponte dos Macuxis.

Parti, antes do alvorecer, às 05h40, quase uma hora antes do Sol nascer, mas como faltavam apenas três dias para a Lua Cheia, eu podia, portanto, contar com quase 90% da luminosidade plena dela. Era mais que o suficiente para eu poder me guiar pela corrente do Rio Branco sem perder de vista as margens que mantém uma média até Caracaraí de 2 km ampliando-se nas cachoeiras do Bem Querer para 3 km.

Considerando que as margens dilatam-se em sua plenitude apenas quando a torrente esbarra aqui e ali em algumas ilhas, multiplicando seu curso, a distância das margens, volta e meia, cai para poucas dezenas ou centenas de metros.

Esta é a terceira vez que tenho, na Amazônia, como parceiros de jornada tão somente o Grande Arquiteto e meu valoroso "*Argo I*". São jornadas mágicas em que minha alma imerge literalmente no seio da mãe natureza e extasiada se deixa embalar pelo sinfonia do amanhecer produzida por inúmeras gargantas.

Mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Pelo contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a Vida Eterna. (João 4:14)

Navegava embalado por este mágico concerto e benzido por um chuvisqueiro constante que, embora prejudicasse a tomada de imagens, arrefecia meu corpo que procurava manter aquecido picando a voga intermitentemente.

Por volta das 07h50, passei pela bela Serra Grande, na margem esquerda à montante da Ilha Santarenzinho, avistando a cachoeira do Véu de Noiva. A Serra possui uma vegetação arbórea densa e diversificada, orquídeas, bromélias e uma fauna variada. Neste período, das chuvas, a região se transfigura gerando inúmeras cachoeiras e piscinas naturais.

Das 09h05 às 09h20, golpeou-nos uma chuva e vento forte na passagem pela margem Oriental da Ilha Santarenzinho. Busquei abrigo do vento acostando na margem esquerda da ilha. Foi uma borrasca forte e rápida e a única dificuldade gerada por ela foi a visibilidade que caiu para uns 200 metros.

A navegação continuava muito tranquila e, às 11h00, passei pela Foz do Rio Mucajaí debaixo de um refrescante e constante chuvisqueiro. Aportei para me alimentar no sítio Beijo do Sol, depois de remar 60 km, ao meio-dia, os encarregados chegaram, logo depois, e foram bastante gentis. Conversando com os mesmos indaguei à respeito da cachoeira do Véu da Noiva e ambos afirmaram desconhecer sua existência. Na minha primeira descida, em 2018, pelo Rio Solimões, verifiquei que os ribeirinhos só se afastavam de sua sede uns dez quilômetros à montante e à jusante e só se atreviam a alongar suas jornadas em casos emergenciais.

Depois do meio dia, comecei a focar minha atenção no entorno com o objetivo de achar um local ideal para acampamento. A distância entre Boa vista e Caracaraí girava em torno dos 140 km e eu precisava encontrar um acampamento a meio caminho.

Rumei, então para a Ilha S. Vicente, exatamente a meio caminho de Caracaraí. As diversas instalações de pescadores e turistas estavam vazias e não achei conveniente pernoitar, sem a devida autorização, na varanda de alguma delas. Continuava colado na margem esquerda sondando os pesqueiros quando, já ultrapassando a ponta norte da Ilha S. Vicente, decidi voltar a proa para o extremo de Montante dela onde tinha avistado, de longe, algo que parecia ser um telheiro. Tive de picar a voga pois estava na mesma Latitude da construção. Novamente não encontrando ninguém, resolvi acantonar assim mesmo. O céu estava carregado e eu precisava de um abrigo seco e protegido para montar a barraca.

Concluí a operação às 14h30 e depois de um "*simulacro*" de banho, hidratação e alimentação deitei um pouco para descansar.

Sapal
(Fátima Vivas)

Eu sou margem.
Eu sou rio.
Eu sou espuma de oceano.
Não me cavalga o navio.
Não me doma, nem o Estio.
Não conheço qualquer amo.
Sou selvagem.
Sou salgado.
Sou quem sou, por meu direito.
Neste meu chão que é sagrado,
Há ninhos por todo o lado
E a nenhum deles enjeito.
Lanço meus braços ao vento
E as marés dançam comigo.
Sou santuário e sustento.
Sou paisagem.
Sou abrigo.

Por volta das 16h00, caiu forte pé d'água acompanhado de uma vendaval que durou até às 16h30. Depois disso, a chuva amainou e continuou noite afora. O telheiro foi providencial, graças a ele, apesar da chuva e da dificuldade em achar locais secos para acampar neste inverno amazônico (período das chuvas no Hemisfério Norte), lembrei-me da poetisa lusa Fátima Vivas.

Dieta Espartana

O Coronel Ivan Carlos Gindri Angonese indagou-me à respeito da dieta e respondi-lhe:

> Na alvorada como 5 bananas e durante o percurso castanhas do Pará. Tenho estoque de castanhas de caju, avelãs, frutas cristalizadas e uma mistura especial, que estou guardando para quando precisar de mais energia – proteínas, vitaminas, granola especial, frutas cristalizadas, leite em pó e cacau 60%.

Total 1° Dia – Ponte dos Macuxis / AC 01 = 69,0 km

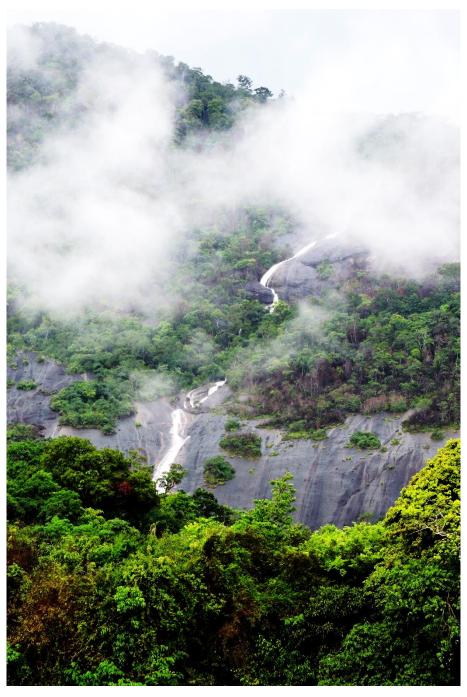



Imagem 28 – Cachoeira do Véu de Noiva (12.08.2019)

Imagem 29 – Rio Branco (12.08.2019)

Imagem 30 – Acampamento 1 (12.08.2019)

Mapa 01 – Boa Vista / Caracaraí (12 a 13.08.2019)

Imagem 31 – Rio Branco (13.08.2019)

Imagem 32 – Agência Fluvial da Caracaraí (Cabo Nathan)

AC 01 – Caracaraí (13.08.2019)

13.08.2019 (Ilha S. Vicente / Caracaraí)

Acordei às 4h30, acondicionei a tralha no caiaque, comi cinco bananas, hidratei-me e parti às 05h50.

Nada de chuva, sem nuvens, o Sol castigava a dupla de navegadores (eu e o Argo I). A comparação com o terreno era facilitada pela mata secundária que na fotografia aérea se apresentava como campo, um varadouro aqui, outro acolá, as curvas... Minha preocupação se concentrava apenas nas Corredeiras do Bem Querer.

Felizmente a cheia submergira a maioria dos penedos e o tempo limpo permitiria que eu escolhesse a melhor rota. Ontem a chuva torrencial e o forte vendaval limitaram a visibilidade a menos de 100 metros o que em águas turbulentas seria um ingrediente extremamente perigoso.

Fui ultrapassando, lance a lance cada um dos obstáculos sem maiores problemas. Já no final das corredeiras, relaxado e descontraído retirei a saia do caiaque e colado na margem direita passei por uma Pousada chamada do Bem Querer, homônima das corredeiras, e estava admirando a construção e seu entorno quando o marulhar das corredeiras interrompeu meu devaneios.

Junto à margem algumas rochas bloqueavam a passagem ruidosamente, logo à esquerda delas outro grupo de penedos complementavam o magnífico obstáculo. Graças ao meu descuido não havia tempo para desviar pela esquerda, a solução ao enfrentar águas turbulentas é o ataque frontal e a velocidade.

Já na água erguendo vão, com grande pressa,
Com as argênteas caudas branca escuma;
Cloto com o peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma;
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da água crespa em força suma;
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.
(Luís de Camões – Os Lusíadas)

Lembrei-me do então Major Hiram que enfrentara as águas desafiadoras dos Rios Aquidauana e Formoso no Mato Grosso sem titubear jamais. A diferença é que lá fazíamos previamente um estudo de situação, analisávamos as diversas opções, lançando objetos flutuantes para analisar o comportamento dos mesmos. Agora não tinha tempo para isso e a energia de 40 anos atrás já há muito se dissipara. Piquei a voga e parti resoluto, um grupo de pescadores exclamou:

– Tá doido!!!

A força da correnteza era muito grande, o caiaque enterrou por três vezes a proa nas águas revoltas, compensei atirando o corpo para trás, mas mesmo assim as águas varreram o convés e entraram no cockpit (eu estava sem a saia), continuei picando a voga e gingando corpo para compensar a ação das águas.

O Argo I corcoveava mais do que potro xucro mas o amazônico parceiro com mais de 12.000 km na Amazônia e seu piloto com mais de 60.000 km, pilotando os Argos I e II, saíram-se airosamente deixando para trás os boquiabertos pescadores. Aportei, às 12h50 (9,7 km/h), nas imediações da Agência Fluvial de Caracaraí. O Capitão-Tenente Jerry Kenned Sabino, Cmt da Agência Fluvial de Caracaraí, e sua equipe me resgataram e fui instalado no impecável camarote do Comandante.

Mesmo tendo navegado sete horas sem parar, percorrendo 68 km, tratei primeiro do meu Amigo Argo I, limpei-o, sequei-o e depois de organizar, secar e limpar toda a tralha, botar para lavar a roupa suja é que fui tomar meu banho. Costume dos tempos de pontoneiro quando só se liberava a tropa depois de manutenir todo o material de pontes, viaturas e armamento.

Partirei somente no dia 15 de agosto (quinta-feira), pretendo descansar um dia em Caracaraí. A velha carcaça reclama. A próxima parada e possível comunicação é em Santa Maria do Boiaçu, daqui a 287 km, onde pretendo chegar daqui a uma semana, chegando lá, no máximo, no domingo que vem, dia 18, comunicação, então, deverá ser apenas pelo rastreador, mas se houver alguma mudança comunicarei aos familiares e pessoal do apoio imediatamente.

Total 2° Dia – AC 01 / Caracaraí = 68,0 km

Total Geral – P. Macuxis / Caracaraí = 137,0 km

14.08.2019 (Agência Fluvial de Caracaraí)

Ontem à noite saímos para jantar com o CT Kenned Sabino e alguns membros da Agência. Neste curto espaço de tempo pude observar o ritmo frenético de trabalho dos nossos valorosos marinheiros.

As Agências Fluviais tem uma dotação de apenas 12 homens e o que se verifica é que nos primeiros anos de sua instalação estes militares precisam dar vazão à uma demanda reprimida enorme, gerando excesso de trabalho e desgaste desnecessário da equipe, é pois necessário que nos quatro primeiros anos este efetivo seja ampliado dando preferência a militares solteiros para evitar problemas de moradia.

Considerando que as Corredeiras do Bem Querer represam um pouco a torrente do rio Branco e que as águas ao ultrapassá-las chegam a atingir 8 nós (14,5 km) meu deslocamento até Santa Maria do Boiaçu deve ser um pouco mais célere. O único inconveniente é a dificuldade de achar locais para acampar.

A cheia imprimia uma velocidade adicional ao deslocamento do caiaque, cuja velocidade média desde Boa Vista foi de 10,5 km por hora. Vou alterar, então, minha rotina diária e a partir do meio-dia, depois de remar uns 70 km, começo a procurar um local seco para pernoitar ou uma embarcação de pescadores.

Em Santa Maria do Boiaçu, vou ter apoio da Polícia Militar do Estado de Roraima (PMRR). Dali pretendo picar a voga para chegar em Moura onde terei apoio da Força Aérea Brasileira.

Renascimento II

(Jayme Caetano Braun)

[...] O Deus que eu tinha – o meu Deus,
Pra o que chegou – não servia,
Às crenças da geografia
Fizeram que eu desse adeus;
Aos descampados – só meus
Tive de olhar mais de longe,
Rezar frente à cruz do monge,
Noutros rituais – noutras naves
E – em vez do canto das aves,
O som dos sinos de bronze! [...]

Caracaraí – S. M. Boiaçu (15 a 18.08.2019)

Eu não acredito em caridade. Eu acredito em solidariedade. Caridade é tão vertical: vai de cima para baixo. Solidariedade é horizontal: respeita a outra pessoa e aprende com o outro. A maioria de nós tem muito o que aprender com as outras pessoas.
(Eduardo Hughes Galeano)

15.08.2019 (Caracaraí / AC 02)

Choveu a noite toda. São Pedro fechou as comportas do céu exatamente na hora em que começamos a transportar o caiaque, com auxílio das rodinhas, para o portão dos fundos da Agência Fluvial que, como não poderia deixar de ser, tem acesso direto à margem do Rio. Parti da Agência Fluvial de Caracaraí, às 06h00, com o apoio de nossos valorosos marinheiros.

O tempo estava nublado mas sem nenhum prenúncio de chuva. O Deslocamento foi tranquilo graças aos formidáveis guarda-sóis naturais disponibilizados por São Pedro. Fui observando as margens e as ilhas que, na sua quase totalidade tinham-se transformado em extensos igapós. Para minha surpresa, a uns 15 km de Caracaraí uma pequena ilha exibia um pequeno barranco a um metro da água, aproximei-me curioso e me deparei com um jacaré-açu de uns 4 metros, de boca aberta, curtindo a canícula que ao notar minha presença atirou-se lá de cima e partiu em desabalada carreira.

Embora a cheia altere significativamente o panorama, já que as fotografias aéreas do Google, que eu dispunha eram da estiagem consegui fazer um leitura tranquila sem ter de lançar mão do GPS.

Por volta das 13 horas, depois de percorrer 75 km (12,5 km/h), comecei a prestar a atenção nos locais de acampamento. Avistei um barranquinho numa das ilhas que devia ter um palmo acima da linha d'água e cujo terreno parecia adequado à montagem do acampamento, entusiasmado apontei minha proa para lá.

A ilha que na sua maior parte era, agora, um igapó, tinha grandes árvores, a maioria parcialmente submersas. Já me imaginava descansando naquele aprazível local, mas descartei-o, logo em seguida, em virtude das enormes pegadas de jacarés-açus.

Estava muito cansado, tinha empreendido inúmeras e desafortunadas tentativas de achar um local para acampar quando avistei um barco de pescadores com um gentil casal à bordo. Imediatamente o Sr. Claudicei e a Srª Rita Lúcia me convidaram para subir à bordo e comer um peixe assado com farinha. Insistiram para que pernoitasse no barco, mas como eu não tinha rede para dormir à bordo eles me informaram, então, que logo à frente, à margem direita, tinha um igarapé onde os pescadores acampavam. Agradeci a fidalguia do hospitaleiro casal a parti para o local indicado.

O igarapé era um verdadeiro labirinto, mas achei terra firme para montar o acampamento (01°09'50,64"N / 61°20'21.30"O). Bandos de macacos pregos pulavam com extrema habilidade de uma árvore para outra provocando uma verdadeira chuva de galhos e folhas que aproveitei na pequena fogueira. Montado o acampamento, depois de um simulacro de banho redigi este diário me preparando para descansar.

Deixei a lona da barraca à prova d'água aberta para arejar a pequena barraca até começar uma garoa fina, lá pelas 21h00, e que continuou até o alvorecer.

O acampamento, os sons da mata me faziam engarupar na memória do tempo e relembrar o estagiário 01 do Curso de Operações na Selva, lá para as bandas do Puraquequara, pernoitando, pela primeira vez na vida, sozinho em uma rede de selva armada nos ermos dos sem fim impressionado com a curiosa sinfonia entoada por gargantas de espécies tão variadas.

Hoje não era diferente, outras plagas, diversa sinfonia, diferentes animais, mas um mantras igualmente encantador. De madrugada, uns passinhos curtos e leves sobre as folhas secas me despertaram. Sem acender a luz abri com cuidado a lona impermeável e avistei duas pequenas cotias que por ali perambulavam, um sinal de que não havia grandes predadores na área.

Total 3° Dia – Caracaraí / AC 02 = 77,0 km

Total Geral – Ponte dos Macuxis / AC 02 = 214,0 km

16.08.2019 (AC 02 / AC 03)

Parece que S. Pedro estava mais atento e desta feita e fechou as comportas do céu pouco antes que eu iniciasse o aprestamento externo – desmontagem da barraca e carregamento do caiaque.

Sai, às 06h10, do igarapé que mais parecia um tortuoso labirinto grego. As copas dos arbustos e das palmeiras estavam à flor d’água obrigando-me a manobrar o Argo I constantemente. Logo que iniciei a jornada, uns 500 metros à jusante, passei pelo Igarapé que o Sr. Claudeci e a Sr.ª Rita Lúcia tinha mencionado, nas coordenadas: 01°09’33,4” N e 61°20’17,0” O. A área era mais ampla permitindo embarcações de maior porte adentrar na mesma sem dificuldades e o local para o acampamento espaçoso e limpo.

A brisa que se iniciou fraca e agradável no início da manhã intensificou-se prejudicando a navegação e travando a correnteza.

As possibilidades de acampar em solo seco simplesmente sumiram depois do meio-dia e uma única alternativa tinha sido aventada, em Caracaraí, pelo Sgt Felipe da Marinha de Guerra – na Boca do Igarapé Água Boa e para alcançá-lo eu precisava superar a marca do dia anterior navegando mais de 90 km.

O deslocamento lento em virtude do vento não facilitava em nada minha meta, mas aportei, às 16h20 nas ruínas de uma antiga base AMAPU, na foz do Água Boa. Montei a barraca sob as ruínas de um barraco abandonado, tomei um bom banho lavei a roupa, e, às 18h30, estava pronto para descansar.

Noite extremamente tranquila. Sem chuva e a sinfonia animal ao longe embalava meu sonho. Eu estava exausto tinha remado 92 km, o ombro direito incomodava um pouco, acho que mais em virtude da falta de preparo físico do que da cirurgia.

Não coloquei o relógio para despertar, deitei cedo, às 18h30 e certamente acordaria cedo

Total 4° Dia – AC 02 / AC 03 = 92,0 km

Total Geral – Ponte dos Macuxis / AC 03 = 306,0 km

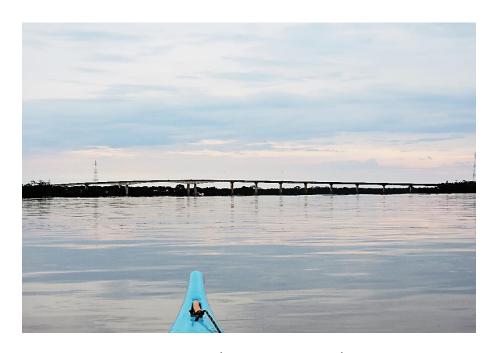



Imagem 33 – Ponte José Guerra – Caracaraí (15.08.2019)

Imagem 34 – Srª Rita Lúcia e Sr. Claudicei (15.08.2019)

Imagem 35 – Acampamento 02 – AC 02 (15.08.2019)

Imagem 36 – "Labirinto" (15.08.2019)

Imagem 37 – Acampamento 04 – AC 04 (17.08.2019)

Imagem 38 – Rio Branco (18.08.2019)

Imagem 39 – Destacamento da PMRR (18.08.2019)

Imagem 40 – "I COPAM 2019" (19.08.2019)

Mapa 02 – Caracaraí / Base AMAPU (15 a 16.08.2019)

Mapa 03 – Base AMAPU / S. M. Boiaçu (17 a 18.08.2019)

17.08.2019 (AC 03 / AC 04)

Parti às 05h00, tendo absoluta certeza de que não conseguiria vencer os mais de 110 km em apenas um dia. A lenta recuperação da cirurgia não me permitira atingir a plena forma física. Até 75 km, remando durante 9 horas era uma meta confortável, a partir daí só com muito sacrifício. Coloquei, portanto, como objetivo hoje buscar um local de acampamento a meia distância entre a Foz do Água Boa e Santa Maria do Boiaçu.

A progressão era tranquila, passei pela foz do tortuoso Rio Catrimani, diversas ilhas-igapó e, antes do meio-dia, estava distraído comparando a carta com o terreno quando avistei o que parecia se tratar de um pesqueiro localizado na margem esquerda do Rio Branco nas coordenadas 00°01’01,3” N / 61°47’08,7” O.

Lá chegando, contatei o Bito que me mostrou um telheiro com piso elevado onde eu poderia montar minha barraca. Às 12h30, estava tudo pronto. Amanhã aportaremos em Santa Maria do Boiaçu.

A primeira baixa no tal pesqueiro foi meu sabonete que tinha esquecido no convés do Argo I. A quantidade de porcos, criados a campo, é impressionante, ainda bem que o piso é elevado.

Aproveitei para esticar as pernas, pela enorme plantação de açaís solteiros (Euterpe precatoria Mart) que possui uma qualidade muito superior ao juçara (E. edulis Mart.) e açaí de touceira (E. oleraceae Mart.).

Estudo recente, realizado pela Universidade do Arkansas (USA) revelou que os frutos do açaí solteiro possuem uma capacidade antioxidante e efeito anti-inflamatório bem superior aos do juçara e o de touceira.

Deitei, por volta pelas 18h00, a chuva chegou logo em seguida e se estendeu até por volta das 04h00.

Total 5° Dia – AC 03 / AC 04 = 55,0 km

Total Geral – P. Macuxis / AC 04 = 361,0 km

18.08.2019 (AC 04 / Santa Maria do Boiaçu)

Levantei, às 04h40, e depois de arrumar as tralhas fiz a primeira viagem deixando o material na escadaria da casa, perto do caiaque e longe dos porcos, cujo chiqueiro fica sob a casa principal.

No Rio Juruá, no dia 05.01.2012, na Comunidade "*Extremo da Boa Fé*", acantonamos numa escolinha, sob palafitas, onde os porcos faziam morada e os grunhidos constantes incomodavam por demais. No pesqueiro, segundo o Bito e o Areias os macuchos os protegiam das onças que já tinham devorado três suínos.

Estava realizando pela segunda vez o transporte do material quando o Areias apareceu e começou gentilmente a me ajudar a carregar as tralhas. Parti às 05h05 e às 05h17 adentrava no Hemisfério Sul, transpondo a linha do Equador.

O céu estava limpo e estrelado, e o nosso satélite natural engalanado por um belo halo lunar destacava-se sobranceiro no firmamento. As nuvens do tipo cirros (10.000 m de altitude), na troposfera, apresentam microscópicos cristais de gelo e quando os raios lunares passam por essa delicada camada de nuvens, a luz se refrata formando uma espetacular auréola que no Rio Grande do Sul seria interpretado como sinal de bom tempo, mas que na Amazônia seria, talvez, considerado apenas um adereço lunar.

Os primeiros sinais do Astro Rei se delineavam no Oriente a partir das 05h30 e às 06h17 surgia ele no seu esplendor e logo em seguida o calor de seus raios gerava uma névoa fechada que se estendia como um véu encobrindo todo o horizonte. Só consegui tirar algumas fotos depois das 08h00.

Há uns 14 km da localização de Boiaçu que constava do GPS me pareceu equivocada, a alagação prejudicava minha orientação. O SGT Felipe da Marinha do Brasil tinha fornecido a localização correta mas eu não tinha marcado a mesma no GPS. Desconsiderei a indicação do GPS e segui os mapas e minha intuição.

Em Boiaçu, cheguei perto de um residência para perguntar onde ficava o destacamento da PM e só me deixaram partir depois de comer um peixe assado com farinha. A PM, que já tinha sido alertada pelo CT Kenned, me recebeu de braços abertos como sempre. O SGT Sérgio ajudou-me a carregar o caiaque e o SGT Marcelo preparou um excelente Strogonoff de frango. As acomodações tinham ar condicionado e pude tomar meu primeiro banho com água limpa em 4 dias. Enviei uma mensagem para os familiares e apoiadores:

> Tudo tranquilo. Vou organizar meu quarto, tomar um banho e depois mando mais notícias. Beijo no coração de meus anjos da guarda.
>
> Total 6° Dia – AC 04 / S. M. do Boiaçu = 63,0 km
>
> Total Geral – Ponte dos Macuxis / AC 04 = 424,0 km

19.08.2019 (Santa Maria do Boiaçu)

Às 05h30, excursionei por S. Maria do Boiaçu, um reconhecimento rápido na pequena vila de apenas uns 200 habitantes.

A quebra da rotina aconteceu com a chegada de um barco regional comandado pelo Tenente Capa Verde lotado de instrutores e estagiários do "*I COPAM 2019*" (I CURSO DE OPERAÇÕES POLICIAIS AMBIENTAIS). Eu tinha cruzado, em Caracaraí, com o pessoal da ambiental que estava às voltas com o fretamento de um embarcação totalmente irregular e marinhagem com documentos falsificados. A cidade teve sua rotina profundamente alterada com a chegada do "*I COPAM 2019*". A movimentação intensa gerou muita curiosidade, palestras foram realizadas para as crianças e à noite uma salutar confraternização entre instrutores, estagiários e convidados. Solicitei ao Tenente Capaverde para me enviar um breve sumário de seu currículo:

Ubirajara Dutra Capaverde Junior

Bom dia!

Atendendo à solicitação do dileto Irmão segue a minha apresentação e das funções que exerço na PMRR:

Chamo-me Ubirajara Dutra Capaverde Junior, tenho 42 anos, sou natural de Porto Alegre-RS, mas moro em Boa Vista –RR a mais de 20 anos.

Academicamente sou Biólogo com Mestrado em Ecologia pelo Instituto de Pesquisas da Amazônia.

Na PMRR já atuei na Cavalaria, Grupo de Ações Táticas Especiais, Segurança de Dignitários e na Unidade Ambiental. Acredito no poder do conhecimento como transformador das nossas realidades por isso sempre busquei o aperfeiçoamento profissional realizando vários cursos de especialização profissional. Encaminharei meu currículo lattes caso seja do interesse citar algo.

Atualmente desempenho minhas atividades no setor de Planejamento e Instruções da Companhia Independente de Policiamento Ambiental Monte Roraima. Na ocasião que em me conheceu eu tinha sido nomeado para coordenar o Primeiro Curso de Operações Ambientais da PMRR, foi um grande desafio que, após vencido, me trouxe um enorme sentimento de dever cumprido.

O I COPAM revolucionou a atuação da PMRR frente as fiscalizações ambientais e tem contribuído em muito com o crescimento da Unidade Ambiental da PMRR reforçando nosso lema: “A Sabedoria é a Guardiã da Natureza”.

Caro Irmão, foi uma grande satisfação encontra-lo nesta incrível jornada, espero ter atendido suas expectativas e me mantenho as ordens para quaisquer esclarecimentos!

TFA

Deitei cedo, mas não consegui dormir. A festa de estendeu até às 10h30 e só então consegui tirar algumas sonecas interrompidas pelo latido de cachorros.

Amanhã parto cedo para tentar chegar na Foz do Branco onde existem diversos flutuantes ou o mais perto dela possível. Não existem praias, os barrancos para montar acampamento são raríssimos – as margens e ilhas transformaram-se em extensos igapós. Meus familiares e pessoal de apoio demonstraram preocupação com um possível naufrágio e eu lhes respondi:

> Não se preocupem, o "*Argo I*" nunca emborcou nestes mais de 12.000 km de amazônicas jornadas e me garantiu que não vai ser agora que isso vai acontecer. Fiquem tranquilos, o rastreamento funciona e se tiver alguma dificuldade aciono imediatamente o alarme.

Relatos Pretéritos de Santa Maria do Boiaçu

Antonio Teixeira Guerra, 1957

> No baixo Rio Branco propriamente, o único centro populacional de relativa importância é Santa Maria do Boiaçu, situado na margem esquerda de um "*paraná*" do Rio Branco. Aliás esta circunstância de não estar localizado diretamente na margem do Rio Branco e sim na margem de um paraná tem prejudicado um pouco o seu desenvolvimento. Este é um dos poucos lugares de "*terra firme*" no baixo Rio Branco e que se encontra a pouca distância da estrada natural, constituída pelo Rio.
>
> O barranco de 7 a 8 metros sobre o qual estava outrora instalada pujante floresta que foi sendo posta abaixo para dar lugar ao povoado que atualmente aí existe, está sendo esbarrancado com violência graças à erosão das águas de escoamento superficial difuso e também pelo solapamento ocasionado pela erosão fluvial.
>
> Santa Maria do Boiaçu possui atualmente [fevereiro 1954] 20 casas abrigando cerca de 80 pessoas. Foi a

partir de junho de 1949, quando a administração territorial fez algumas construções na região, que começou a se desenvolver o adensamento populacional que aí existe. A pesca é a principal atividade da população. Esta é, porém, praticada apenas no "*verão*", enquanto na época do inverno os que possuem algumas "*pontas de castanhas*" ([29]) vão se dedicar a esta já que a pesca não pode ser praticada com bons resultados.

A quase totalidade das transações comerciais dessa população de Santa Maria do Boiaçu e de todo o baixo Rio Branco é feita com os regatões. Para se sentir a maneira como estes comerciantes sacrificam de modo bárbaro os habitantes que lhes estão sujeitos, vamos transcrever um trecho de um relatório de uma expedição enviada pelo Dr. Valério Caldas de Magalhães ao baixo Rio Branco, em 1952, que caracterizou com muita propriedade este tipo de comerciante dizendo:

> O regatão extorque-lhes os minguados recursos, comprando os produtos que têm, por ínfimo preço vendendo-lhes em troca mercadorias caríssimas. Para corroborar essa afirmativa, há o preço da farinha do Pará, cujo encapado ([30]) é vendido pelos regatões em Caracaraí ao preço de Cr$ 150,00. Dois dias abaixo de Caracaraí, no lugar denominado Aças tuba a 122 milhas abaixo da vila mencionada, vimos sobre o soalho da choupana de um pescador que estava doente de uma ferida na perna, 4 encapados da referida farinha, perguntamos o preço pelo qual tinha adquirido o encapado, este respondeu que tinha comprado por Cr$ 200,00 o encapado. Por curiosidade perguntamos de quem havia comprado tão caro? Respondeu-nos que tinha comprado do Renato, regatão que estava vendendo em Caracaraí farinha pelo preço que acima já foi dito. Ainda perguntamos o que tinha vendido em troca da farinha?

[29] Pontas de castanhas: pequenos castanhais.
[30] Encapado: mercadoria embalada em sacos de juta.

> Respondeu-nos nessas palavras textuais:
>
> Comprei-a a troco de dinheiro limpinho.
>
> Ora Açaituba, como já foi dito, fica abaixo de Caracaraí 122 milhas e o preço da mercadoria devia ter relação com a distância. Porque em Caracaraí é mais barata quando essa vila está muito acima de Açaituba? Extorsão aos guardiães de nossas finanças. Mas o homem, sem apoio, tudo aceita. É o caso dos homens do baixo Rio, se não for o regatão onde vão eles suprir as suas necessidades, se não existem outros comerciantes?
>
> Somente o regatão lhes ameniza as torturas da vida, priva-os de perecer de inanição, mas de um modo quase desumano, fora do que é regulado por um comércio legal. No Rio Xeurini, foi perguntado a um castanheiro como os regatões pagavam a castanha, e, fomos informados que o preço da mesma atualmente é de Cr$ 80,00, por barrica.
>
> Como se sabe, a castanha tem a sua medida legal que é o hectolitro, que está sendo liquidado em Manaus à razão de Cr$ 280,00 cada medida daquelas amêndoas. A barrica, além de ter um preço ínfimo, tem o aumento de 20% da medida citada.

Pode-se afirmar que em todo o baixo Rio Branco, com exceção das poucas transformações feitas em Santa Maria, o restante da área continua com o mesmo aspecto do tempo em que o município fazia parte do Estado do Amazonas. Realmente a paisagem natural no baixo Rio Branco muito poucas transformações sofreu por parte do grupo humano que aí vive disperso.

Aliás esta situação é fácil de ser compreendida uma vez que é ínfima a que habita esta região. Resumindo podemos dizer que Boa Vista é a única cidade do território e o seu maior desenvolvimento ocorreu depois de 1943, quando passou à categoria de capital. (GUERRA, 1957)

Anais da Câmara dos Deputados, 1958

A situação geográfica do Território Federal do Rio Branco apenas possibilita duas espécies de tráfego aéreo e fluvial. A população rio-branquense, ainda rarefeita, em parte adotando quase que o nomadismo [população de garimpos], tem dificultado tornar-se o Território autossuficiente, estando, em consequência sujeito ao regime de importação de mercadorias essenciais à sua vida.

Sabemos que o transporte aéreo, bastante caro, contribui para que no Território tenha o padrão de vida possivelmente mais caro do Brasil. Preciso se torna, sem maiores demoras, a solução do transporte fluvial, mais barato e que não apresenta, como o aéreo, o problema de espaço.

Com a visão tida na cachoeira do "*Bem Querer*" foi que providenciamos junto ao Plano de Valorização Econômica da Amazônia a inclusão de uma verba para o procedimento dos estudos necessários ao aproveitamento do Canal do Cujubim, contornando a cachoeira em apreço, o que virá melhorar consideravelmente o transporte fluvial, possibilitando navegação franca de Manaus a Boa Vista durante o período da estiagem.

Sentimos igualmente ao visitarmos Santa Maria do Boiaçu, núcleo mais populoso do Baixo Rio Branco, ser a sua localização inadequada ao desenvolvimento regional. Situada à margem esquerda do Rio Branco, em todas as épocas sofre os feitos da erosão que já ameaça, pela forma contínua, atingir os próprios territórios ali existentes. A densidade da mata, puramente amazônica, é um entrave ao desenvolvimento de Santa Maria do Boiaçu, visto que nem mesmo a criação de gado será possibilitada, o que significa, jamais poder tornar-se aquela população capacitada para a sua própria alimentação. [...]

Em decorrência da exuberância da mata, e a baixa vertiginosa das águas, está Santa Maria do Boiaçu fadada, permanecendo no local onde se acha, a ficar privada por longos e longos anos da comunicação aérea em face da soma vultosa que seria necessária para a abertura de uma pista e não dar o Rio, pela razão acima exposta pouso a aviões tipo Catalina.

Detendo-nos no exame do assunto procurando solucioná-lo, resolvemos mudar o Posto Administrativo para outra região mais apropriada, seis quilômetros a jusante onde outras são as condições do Rio e terreno.

Ali, a mata é menos exuberante, já se apresentando numa grande faixa condições de campo, não sujeito às alagações, Rio com calado suficiente em todas as épocas para o pouso de Catalinas. Imediatamente, com o pessoal da administração, iniciamos o trabalho de limpeza de uma área de 6 quilômetros, determinando fosse feita uma observação do regime dos ventos, para podermos atacar a construção de uma pista que possibilite pelo menos pouso de pequenas aeronaves. De posse do estudo, foi procedida a locação da pista, cujos trabalhos já se acham em andamento. Apesar de não ser Santa Maria do Boiaçu, como era voz corrente, lugar sumamente insalubre, sofre a sua população, constantemente, os efeitos do pium. O novo local, por ser mais aberto, oferece a vantagens de não ser sujeito à praga. (ACD, 1958)

Roraima em Foco,
Boa vista, RR – Sexta-feira, 30.08.2019

Roraima Forma Primeira Turma do Curso de Policiamento Ambiental

A Segurança Pública de Roraima está sendo fortalecida e uma das ações para concretizar esse objetivo foi a formação da primeira turma de Policiamento Ambiental do Estado, que ocorreu nesta quinta-feira, 29, no Palácio Senador Hélio Campos.

Ao todo, 32 militares foram formados, sendo que desses, 22 são Policiais Militares de Roraima, três do Corpo de Bombeiros de Roraima, um Guarda Municipal de Boa Vista e um de Mucajaí, além de um Policial Militar de São Paulo, dois Policiais Militares do Mato Grosso, um Policial Militar do Maranhão e um do Acre. O curso iniciou em maio e terminou nesta quinta-feira, 29. "*Esta é uma ação muito importante para promover a segurança dos roraimenses e a proteção do Meio Ambiente*", frisou o governador de Roraima, Antonio Denarium, que foi o primeiro governador da Amazônia Legal a assinar uma GLO [Garantia da Lei e da Ordem], que pede o apoio da União caso haja algum foco de incêndio em florestas no Estado.

O comandante da PMRR [Polícia Militar de Roraima], Coronel Elias Santana, explicou que já existe desde 2010 uma Companhia Independente de Policiamento Ambiental, a CIPA, mas que os policiais não tinham conhecimento técnico, apenas o que era adquirido ao longo das experiências de missões. "*Agora são 22 Policiais Militares totalmente habilitados para atuar em operações nas regiões ribeirinhas e de matas, além de ter conhecimento da legislação referente a fauna e a flora, bem como na aplicação de notificações contra crimes ambientais e para atuar em qualquer situação que ofereça dano ou risco ao meio ambiente*", disse. [...] (RORAIMA EM FOCO, 30.08.2019)

Navegante
(Lis Nogueira)

Curvo-me diante da vida
E das tempestades em mim.
Aceito que os estrondos gotejem
Sob a forma de lágrima sofrida.

Sigo sem rumo,
Esperando a bonança, ainda que breve,
Pois no meu caso, não há.
Há apenas o equilíbrio em um barco
Que insiste em naufragar.

Mesmo sendo a bonança
Uma lâmina de águas calmas,
Onde as almas não evoluem e não aprendem nada,
Eu me contento com a minha carga quase à deriva.

Sou capitão, marujo e bússola.
Caio, levanto, sofro, decido, aprendo;
Busco no céu a clemência,
Mas a tempestade é soberana e me toma o céu também.

A vida me obriga a remar,
Mesmo quando há vento contra,
Mesmo quando eu não acredito
Que existe sol para brilhar.

Eu bem que sou pura tormenta.
Entre falésias e angústias,
Procuro o farol ou o porto,
Para descarregar os meus gritos.

Coloquei todos no barco;
Cabeça, coração e tempo.
Mas a minha essência marinha
Não vê acordo entre eles.

E nesse barco que emborca,
Tumultos e ondas são o meu lar.
Só peço a Deus para ter sorte,
E meu braço um pouco mais forte,
Pois preciso navegar. [...]

S. M. do Boiaçu – Moura (20 a 21.08.2019)

Há cerca de 30 anos, a psicologia passou a empregar o termo "Resiliência Humana" para descrever indivíduos que têm a capacidade de enfrentar problemas, aprender com as derrotas e crescer emocionalmente. Assim, entendemos que a resiliência é uma habilidade e pode ser treinada e desenvolvida em qualquer fase da vida. Então, mesmo que não se considere resiliente, é possível, a partir de agora, começar a fortalecer esta capacidade. (Érika Stancolovich)

20.08.2019 (Santa Maria do Boiaçu / AC 05)

Levantei às 03h40, carreguei as poucas tralhas para o caiaque que deixara na véspera estacionado junto à embarcação do "*I COPAM 2019*", aprontei o "*Argo I*" e auxiliado pelo sentinela nos deslocamos até a rampa de concreto à margem do Rio Branco. Parti às 04h18, a Lua minguante iluminava meu destino apenas o suficiente para que eu pudesse compará-lo com as cartas. A saída de madrugada tinha 2 motivações:

1ª Como não choveu no dia anterior consequentemente a névoa que normalmente se formava ao alvorecer não ia acontecer;

2ª A noite clara prenunciava uma canícula terrível.

Precisava aproveitar, ao máximo, esta temperatura, ainda razoavelmente agradável, antes que o Astro Rei surgisse no horizonte. Tinha decidido alcançar o Rio Negro num tiro de uns 110 km e lá, orientado pelo pessoal da Polícia Ambiental, deveria procurar o flutuante do Toninho que me daria total apoio. As margens tomadas pelas águas e a necessidade de ultrapassar meus limites ([31]) embalavam minha determinação.

Quanto mais me aproximava do Rio Negro menor a velocidade das água do Rio Branco. Numa das paradas, sem sair do caiaque, controlei a velocidade de arrasto do caiaque e o GPS marcou apenas 1,0 km/h. A aproximação da foz do Rio Negro dava um novo alento a este velho marujo, o Sol abrasador tentava minar minha resiliência, as costas doíam e a musculatura do braço direito se ressentia do esforço prolongado.

Não achei o flutuante do Toninho, e não estava em condições de navegar mais 30 km para aportar na praia do Destacamento de Apoio da COMARA. Fui acostando na margem direita Rio Negro procurando um local para pousar e ao avistar uma prainha, depois de remar 12 horas sem descer do caiaque resolvi estacionar, às 16h20. Mantive minha rotina costumeira me hidratado, montando a barraca, lavando as roupas e comendo mais uma castanha, apenas cinco no dia de hoje.

---

[31] Meu recorde, até então, tinha sido alcançado em 03.03.2013, por ocasião de minha descida, de quase 4.000 km, pelos Rios Juruá e Solimões. Parti de Coari, AM, às 04h45, e aportei em Codajás, às 15h05, depois de percorrer 141 km. As duas paradas, sem descer do caiaque foram de dez minutos cada uma, uma para reabastecer os cantis no meio do Rio e outra, na margem esquerda do Solimões para deixar uma tormenta passar. A média horária, graças à correnteza foi de 14,1 km/h sem considerar as duas breves paradas. Mais de seis anos se passaram, na Descida do Juruá eu estava no auge da forma física e agora a correnteza do Rio Branco era muito fraca, o ombro direito ainda se ressentia da recente cirurgia...

A primeira vez que ouvi o termo "*resiliência*" foi através de meu caro amigo e mentor de longa data Cristian Mairesse Cavalheiro. O Mairesse foi meu Tenente, na derradeira década do século XX, no então Centro de Informática N° 3, em Porto Alegre, RS. Além de excepcional profissional é uma figura humana modelar e pedi-lhe, então, para falar um pouco sobre o tema:

RESILIÊNCIA

Por Cristian Mairesse Cavalheiro

O que faz alguém salvar mais de 70 companheiros arriscando sua vida no campo de batalha, retratado no filme "*Até o último homem*", sem pegar numa única arma, usando apenas de sua fé moral e bradando "*Just one more*"? O que faz alguém estudar a vida toda para ter a possível e remota chance de ir ao espaço um dia e talvez jamais voltar?

O que faz um médico enfrentar 48h de turnos em Hospitais abarrotados de doentes, chegar em casa para o sono dos justos e receber uma ligação de um caso urgente que seu colega não está conseguindo solucionar e ter que voltar para ajudar?

O que faz alguém suportar 4 anos de holocausto, a poucos passos entre os campos de concentração e as salas de tortura ou extermínio e ainda encontrar esperança de viver?

O que faz alguém atravessar o oceano em um bote sem água potável ou mantimentos para provar sua teoria que é possível sobreviver tomando água salgada em doses pequenas sem ter nefrite? Dizem que quando se está à deriva no oceano, a metade do tempo se passa temendo a morte. A outra metade, a desejando-a.

O que faz alguém estudar durante 10 anos para concursos públicos extremamente difíceis e concorridos, com disputas na segunda casa decimal, rodar em uma dezena deles e ainda ter a determinação de tentar novamente até passar?

O que faz alguém cruzar a nado o Canal da mancha ou a subir o Everest até o topo do mundo?

O que faz um empreendedor enfrentar a árdua missão de crescer sua empresa, atravessando por gerações de adversidades internas e externas, empregando milhares de pessoas, sendo justo e ao mesmo tempo ousado?

O que faz uma pessoa de origem humilde, morando em uma favela acordar as 5h todo o dia, 3h de deslocamento para ir e mais 3h para voltar de seu trabalho, ganhando uma remuneração digna, mas insuficiente para o sustento de sua família e ainda assim não sucumbir ao crime?

O que faz uma mãe perder seus dois filhos e marido em um acidente e ter que seguir sua vida?

O que faz alguém navegar em uma canoa por 15 mil km neste Brasil, passando por toda forma de perigo a sua vida, longe de sua família e, mesmo assim, todo ano enfrentar um novo desafio pessoal que hora estamos tendo a oportunidade de conhecer pelos seus livros?

Qual a bússola interna que ele possui que diariamente o faz querer mais e melhor de si mesmo?

São heróis? Possuem necessidade de aventuras, adrenalina ou de querer se sentir vivos? Talvez, mas todas carregam em sua essência uma característica, são pessoas altamente resilientes, preocupadas que o "*End*" é tão importante quanto o "*Start*".

Vemos muitos sempre começarem alguma coisa, mas poucos vão além do que inicialmente planejaram, a despeito das dificuldades que se apresentam. Uma vez um líder me disse: Cristian, somos pagos para resolver problemas, o dia que não tivermos um, somos dispensáveis. Então, vamos enfrentá-los.

Aprende-se muito com os acertos, mas muito mais ainda com os erros. Existem escolas que ensinam o planejamento ao extremo, nos mínimos detalhes. Mas o inusitado te apresenta situações que somente sairá delas se estudar o que já deu errado em outras vezes com os outros.

A certeza da punição que o erro provoca é altamente educativa. Dias atrás, participando de um grupo de WhatsApp que buscava a meditação por mantras e reflexões, fui convidado a escolher 50 pessoas que de alguma forma influenciaram em minha formação e vida e, ao lado de cada nome informar o porquê.

Foi fácil, pois havia feito uma lista de convidados para os meus 50 anos recentemente, sobrando nomes. Obviamente o Cel Hiram estava nesta lista, é um dos meus mentores e uma grande referência não só de resiliência, mas de liderança. Contudo, resolvi ao final, retirar 5 nomes dos que havia influenciado por bons motivos, por outros 5 nomes que foram meus maiores desafetos em termos de relacionamento pessoal ou profissional e dois que me assaltaram em momentos de distração.

E foram estes enfim os que mais provocaram minha resiliência. Resiliência significa que você enfrenta estressores e desafios da vida e ao cometer erros na sua evolução, terá se recuperado e voltado ainda mais confiante para o próximo desafio. Lidar com relacionamentos tóxicos, ambientes de trabalho, familiar ou de estudo oprimentes pode prejudicar inclusive sua saúde física, além da mental.

O estresse está associado a diminuição do sistema imunológico, a problemas de raciocínio e até cardiológicos. Agora, tentar suprimir o stress que atrapalha sua convicção de seguir em frente é uma tarefa inglória.

Imagine agora que ao ler esse texto eu digo que vocês não devem pensar no Covid19, mas como não pensar, está inserido na vida, e na morte também, de cada indivíduo dos 4 cantos do mundo neste momento. E imagine que precisamos resolver isso primeiro para seguir em frente.

Todos nós conhecemos algumas pessoas que são mais propensas a enfrentar experiências adversas e, por normalmente serem pessoas mais preparadas para lidar com a ansiedade e a incerteza, possuem taxas superiores de sucesso.

Por quê? Pelo simples fato que elas estão dispostas a mudar seu comportamento, a sair da zona de conforto e a entender que a grande vitória é uma sucessão de pequenas vitórias. Não se vira um maratonista de um dia para o outro, são meses e anos de treino dedicado para qualquer simples mortal.

Não se vira um médico com um ou dois livros ou poucas provas bem-sucedidas, são centenas, milhares. É preciso ter compaixão consigo, te dar o direito de errar, se recuperar dos fracassos e aprender.

Mas mais do que isso, qual é o real significado para o que está se propondo. A alegria de viver o caminho e se divertir com a jornada é o que motiva a seguir em frente.

Meu amigo Mr. Walker, parceiro do Caminho de Compostela e amigo há 30 anos, me falava que os 800 km que nos separava do destino, entre os Pirineus na França e a famosa igreja de Santiago na Espanha, seria um passeio.

Ver a leveza e a forma que ele encarava este desafio, para mim quase sobre-humano, me deu a energia que precisava para superar minhas dores e cumprir nosso propósito. Ao fim não foi propriamente um passeio, mas foi a maior prova de resiliência de nossas vidas, senão física, mental ou espiritual.

Não conheço nenhuma destas pessoas fictícias ou reais acima citados que tenham realizado seus feitos de forma fortuita. Todas acordam muito cedo, enfrentam uma jornada de muito sacrifício pessoal, se cuidam de forma especial, derramam muitas lágrimas, sangue e suor em busca do seu sonho.

Normalmente são pessoas que na busca incansável de seu objetivo, arriscam mais que os outros, pois possuem uma psique admiravelmente elevada para superar os obstáculos.

A convivência com o que dá errado faz dar certo quando realmente se precisa, através da constante visão do contexto se empenhando ao máximo possível para aproveitar o êxito das situações que se apresentam, negociando com o medo e com os meios disponíveis.

Essas pessoas se concentram, no que conseguem mudar e aceitam o que não é possível. Sabem diferenciar bem os pontos negativos dos positivos, mas de certa forma olham para os negativos não conhecidos ainda como neutros. Ser mais cooperativo, avaliar quais as outras dificuldades que teve na vida e foram superadas, procurar apoio e intensificar seus pontos fortes ao invés dos fracos são outras

Na solidão do seu caminho, não há como não encarar seus demônios internos. Coragem, determinação, sacrifícios, visão obstinada? O fracasso não é uma opção, você ir até o extremo, ao limite do impensado, com a força de Deus até seu último suspiro, isso é resiliência.

A pergunta que fica aqui para reflexão é: É possível replicar esta qualidade para outros seres humanos? É hereditária? (MAIRESSE)

Vida

(Augusto Branco)

Já perdoei erros quase imperdoáveis,
tentei substituir pessoas insubstituíveis
e esquecer pessoas inesquecíveis.

Já fiz coisas por impulso, já me decepcionei com pessoas que eu nunca pensei que iriam me decepcionar, mas também já decepcionei alguém.

Já abracei pra proteger, já dei risada quando não podia, fiz amigos eternos, e amigos que eu nunca mais vi.

Amei e fui amado, mas também já fui rejeitado, fui amado e não amei.

Já gritei e pulei de tanta felicidade, já vivi de amor e fiz juras eternas, e quebrei a cara muitas vezes!

Já chorei ouvindo música e vendo fotos, já liguei só para escutar uma voz, me apaixonei por um sorriso, já pensei que fosse morrer de tanta saudade e tive medo de perder alguém especial [e acabei perdendo].

Mas vivi! E ainda vivo! Não passo pela vida.
E você também não deveria passar!

Viva!!

Bom mesmo é ir à luta com determinação, abraçar a vida com paixão, perder com classe e vencer com ousadia, porque o mundo pertence a quem se atreve e a vida é muito para ser insignificante.

Imagem 41 – S. Maria do Boiaçu (19.08.2019)

Imagem 42 – Acampamento 05 – AC 05 (20.08.2019)

Imagem 43 – Sr. Felício – AC 05 (20.08.2019)

Imagem 44 – Pedreira da COMARA, Moura, AM (22.08.2019)

Imagem 45 –Britador da COMARA, Moura, AM (22.08.2019)

Imagem 46 – Sala de Musculação da COMARA (22.08.2019)

Mapa 04 – Santa Maria do Boiaçu / Moura (20 a 21.08.2019)

No afã de atingir o objetivo esqueci-me por completo da alimentação. Dei, pela primeira vez, nos acampamentos, uma atenção especial ao banho, imergi nas águas relaxantes do Rio Negro e, sem pressa dediquei-me à minha higiene pessoal.

Por volta das 19h00, deitei-me e, como não havia sinal de chuva, deixei a barraca sem a lona externa para ventilar, poder admirar o firmamento e por questão de segurança também. Acordei apenas três vezes com o ruído das ondas quebrando na praia – provocadas pelas embarcações que passavam ao largo. Madrugada silente, nenhum solo de pássaro barítono, celebração festiva dos guaribas ou sarau soturno dos cururus, uma noite sem maiores manifestações sonoras enfim.

Total 7° Dia – S. M. do Boiaçu / AC 05 = 118,0 km

Total Geral – P. Macuxis / AC 05 = 542,0 km

21.08.2019 (AC 05 / Destacamento de Moura)

Tinha colocado o despertador para às 05h00, mas, por força do hábito, iniciei a arrumação das tralhas bem antes disso. De repente ouvi uns passos dentro d’água, apaguei a luz e observei uma lanterna a uns 50 m de distância. Cumprimentei o estranho que se aproximava e a resposta veio de imediato. Era o Sr. Felício, dono do sítio onde eu acampara.

Continuei a arrumação enquanto conversávamos e por estas amazônicas coincidências o Sr. Felício também conhecia o Sr. Nakayama do Airão Velho, que tão gentilmente nos acolhera nos dias 13 e 14.01.2010. O Felício era um velho pescador cuja família morava em Moura e para tornar possível que os filhos frequentassem a escola só aos fins de semana é que a família visitava o sítio.

Parti, por volta das 06h00, num ritmo tranquilo, o acesso ao Destacamento de Apoio da COMARA ficava a apenas 19 km, não havia pressa, o Rio Negro escorria lenta e preguiçosamente invadindo as várzeas circundantes. Aportei na praia do Destacamento, às 08h20, a velocidade média de deslocamento foi de 8,1 km/h.

Retirei o carrinho do convés e, dentro d'água, fixei-o no casco do caiaque transportando-o, lentamente, pela estrada de 700 m até o Hotel de Trânsito (HT). A caminho enviei uma mensagem ao 1° Sargento Vaz, Chefe do Destacamento, informando minha chegada.

Chegamos juntos ao HT, o 1° Sgt Vaz estava acompanhado do 1° Sgt Especialista em Enfermagem Huascar ([32]) Henrique Nunes do Nascimento, do Hospital

---

[32] Huáscar [nome pelo qual foi conhecido na História do Peru] ou Tupac Cusi Huallpa [O Sol traz felicidade] foi o 12° Sapa Inca do Tahuantinsuyo. Foi um dos filhos de Huayna Capac com sua meia-irmã Rahua Ocllo. Alguns autores como Lewis Spence acreditam que era a vontade de Huayna Capac que o reino fosse dividido entre seus dois filhos Huáscar e Atahualpa após sua morte, já que seu primeiro filho Ninan Cuyochi morrera de varíola. Já Outros como María Rostworowski avaliavam que a ausência de uma lei sobre a herança do poder, agravado pelo fato de que vários membros de um grupo de parentes do Inca falecido podiam aspirar ao poder e gozavam de direitos e prerrogativas iguais levavam as frequentes lutas fratricidas. (pt.wikipedia.org/)

da Aeronáutica de Belém que, imediatamente, aferiu a minha pressão arterial, temperatura, pulso e frequência respiratória e constatou que todos os sinais vitais estavam normais.

A suíte, com ar condicionado, era ampla e confortável, arrumei as tralhas, limpei o Argo I, coloquei o material de acampamento no varal para arejar e as roupas para lavar na máquina de lavar.

Mais tarde, no rancho, onde foi servido um almoço da mais alta qualidade, fui apresentado ao 1° Sgt Ivaldo e Sd Casemiro, ambos da COMARA 7, Belém, PA, ao 2° Sgt Halan da Ala 9, Belém, PA, e ao SGT Abegg e Paula, do 3° Batalhão de Infantaria de Selva (3° BIS), de Barcelos em inspeção de rotina, a Seção a que eles pertencem está subordinada ao Serviço de Fiscalização de Produtos Controlados ([33]) da 12ª RM (SFPC/12).

Total 8° Dia – AC 05 / Dst de Moura = 19,0 km

Total Geral – P. Macuxis / Dst de Moura = 561,0 km

Ocorrência Policial

À tarde fui com o Sgt Abegg até o Porto de Moura onde militares do 3° BIS tinham aportado para se deslocar até o Rio Unini prestar apoio logístico à uma Operação da Polícia Federal, Civil e Militar que prenderam em flagrante, na tarde de 20.08.2019, por volta das 17h, o venezulano Francisco Gonzalez Moreno após este ter realizado um pouso forçado de um hidroavião que ele pilotava, sem habilitação, no Rio Unini há pouco mais de 30 km ao Sul de Moura.

---

[33] Armas, munições, explosivos, produtos químicos agressivos e matérias primas correlatas

Com ele, foram apreendidas armas de fogo e munições além de um rádio comunicador. O meliante tinha partido de Manaus com destino a Barcelos, para buscar uma carga de drogas.

Depois do jantar me retirei para o HT, a noite foi tranquila e confortável em Moura, AM.

22.08.2019 (Destacamento de Moura)

Acordei, às 05h00, e depois do banho fiquei indo e voltando da Casa de Apoio até a Sala de Jogos em que está instalado o Wi-fi, aonde deixei baixando os livros "*Descendo o Solimões*" e "*Descendo o Negro*" para o WhatsApp do Sargento Abegg. Ele tinha comentado que, há algum tempo, se apresentaram três indivíduos no 3° BIS, em Barcelos, se identificando como Tatunca Nara e resolvi, então, encaminhar-lhe, em especial, o capítulo "*Uma Fraude Chamada Tatunca Nara*" do volume II do Rio Negro. Neste capítulo apresentei uma foto do Tatunca onde aparece a tatuagem de uma tartaruga no seu peito esquerdo e reporto, também, a sua real data de nascimento, em 05.10.1941, em Coburg – Alemanha.

Caminhei até às 07h00, antes de ir para o rancho para tomar café. Almocei em Moura com os Sargentos Abegg e a Paula na casa de um familiar dos militares do Destacamento. O SGT Vaz e companhia articularam uma ceia de despedida. Deixei o caiaque pronto para a partida, e desfrutei da companhia destes novos amigos. O carinho e o respeito de todos os profissionais da COMARA ficarão eternamente gravados na minha memória. Obrigado, mais uma vez, que o Grande Arquiteto do universo vos abençoe, ilumine e guarde.

Moura / Base Carabinani (23 a 24.08.2019)

23.08.2019 (Dst de Moura / Base Carabinani)

Acordei às 04h30, aprontei o Argo I e dirigi-me para o Porto do Destacamento. Neste ínterim, apareceu o Sargento Abegg e logo em seguida a Sgt Paula, mais dois queridos amigos com quem tivemos o privilégio de conhecer nestas infindas jornadas amazônicas. O 2° Sgt Inf Maicon Abegg da Silva fotografou a ceia de despedida e minha partida e enviou-me as fotos que reproduzo nas Imagens 102 e 103.

Até às 10h00, jornada tranquila, uma diáfana camadas de nuvens e uma brisa suave e fresca amenizavam a temperatura. Fui costeando a margem direita, A cheia mudara radicalmente a geografia deste enorme Dédalo ([34]) fluvial dificultando extremamente a orientação visual pelos mapas que só foi amenizada graças à cuidadosa locação, que eu havia feito neles, de pontos de controle e que agora conferia cuidadosamente através do GPS. Comentara, em 13.01.2010, quando descera pela primeira vez o Rio Negro desde São Gabriel da Cachoeira até Manaus:

> Partimos às 06h28. Continuei seguindo a rota da Companhia de Embarcações do Comando Militar da Amazônia (CECMA). A opção pela margem esquerda, além da velocidade, evitava o intrincado labirinto formado pelas diversas ilhas frontais à Foz do Jau que dificultaria, em muito, a orientação, tendo em vista que a fotografia aérea disponível era do período de secas.

[34] Dédalo: arquiteto e inventor, personagem da mitologia grega, cuja obra mais conhecida foi o labirinto que construiu para o Rei Minos.

Durante a viagem um ou outro curioso boto vermelho acompanhava-nos, por breves momentos. Nos últimos quilômetros, porém, eram mais de cinco escoltando o caiaque de perto e se esmerando nas evoluções até nos aproximarmos da Base Carabinani. Era a segunda vez que aportava na Base Carabinani graças ao apoio incondicional do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), a primeira foi no período de 03 a 07.11.2016, quando vim documentar os petróglifos do Jau.

Encontrei o velho amigo Jakson Magalhães Valente, que liberou gentilmente um dos quartos do conjunto principal para me instalar. Os paulistas Amanda Ribeiro e Fábio Ramos (de São Paulo) e Ana Paula Leme e Matheus Oliveira Santos (de Ribeirão preto) estavam na Base e ofereci meu caiaque para quem quisesse navegar, mas nenhum aceitou a oferta. Infelizmente eles tinham escolhido um período ruim para incursionar no Jau, os petróglifos estavam submerso e a beleza natural das demais formações e rochosas e praias também. Fui brindado com um saboroso jantar e fui deitar cedo.

Total 9° Dia – Moura / Base Carabinani = 61,0 km

Total Geral – P. Macuxis / Dst de Moura = 622,0 km

24.08.2019 (Base Carabinani)

Acordei às 05h00, para observar e fotografar o magnífico alvorecer na Boca do Jau até o Astro Rei surgir no horizonte. Parti, às 08h00, com o Sr. Geraldo Lima para um giro pelas comunidades de N. Airão. O interessante tour permitiu-me tomar contato com o crítico estado em que se encontram nossos povos ribeirinhos principalmente no que se refere à falta de investimentos nas áreas da educação e saúde.

Contatamos líderes comunitários, professores e a sofrida e desassistida população local. Assistimos, em uma das comunidades jogos de futebol em que a participação feminina foi fundamental.

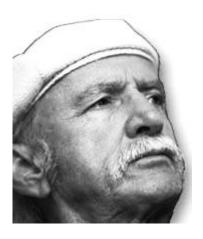
Um fato, em particular, me incomodou nesta jornada e é objeto de crítica de todos ribeirinhos, a Marinha do Brasil possui uma extensa área na margem do Rio desde Airão Velho, justamente nas terras firmes que poderiam abrigar todas as comunidades da área que não ficariam mais sujeitas às constantes inundações.

Lembro-me de quando se projetou a transamazônica e se previu a construção de agrovilas com uma infraestrutura mínima para dar suporte à população ali instalada – escolinha, posto de saúde, serraria e comércio.

Acho que os Governo Federal e Estadual deveriam analisar os melhores locais de assentamento de maneira que cada nova Comarca instalada nessas áreas atendesse às comunidades mais próximas.

O projeto deveria prever porto flutuante, escola com alojamento para professores, posto de saúde, com alojamento para toda a equipe, técnico agrícola para orientar os novos moradores a tirar o melhor proveito de suas glebas, wi-fi livre na escolinha e arredores, tratamento de efluentes...

Amanhã partiremos cedo com destino a Manaus. Vou tentar cumprir a meta em quatro dias. O apoio dos amigos Geraldo Lima e Jakson Magalhães Valente da Base Carabinani foi fundamental para que pudéssemos recuperar as forças e conhecer a triste realidade deste povo dos "*ermos dos sem fim*".

Renascimento III
(Jayme Caetano Braun)

[...] Mas não mataram a crença,
Nos meus ancestrais vaqueanos,
Após quatrocentos anos
Venho apelar da sentença;
Trago sinais de nascença
Dos quais meu sangue destampa
E – neste holocausto pampa,
Bem mais gaúcho renasço,
Para alargar meu espaço
Num grito de terra e guampa!

Sonhos que sempre sonhei,
Revivem quando murmuro,
Na bendição do futuro,
Do chão que não reneguei;
Cantos que sempre cantei
Vão afinando a garganta
E eu sinto que se levanta,
Um taquaral na paisagem,
Multiplicando a mensagem
De cada livre que canta!

Imagem 47 – Dst de Apoio da COMARA (22.08.2019)

Imagem 48 – Porto do Destacamento (23.08.2019)

Imagem 49 – Cercanias da Base Carabinani (23.08.2019)

Imagem 50 – Base Carabinani (23.08.2019)

Imagem 51 – Acampamento 06 – Madadá (24.08.2019)

Imagem 52 – Rio Negro (24.08.2019)

Imagem 53 – Pousada Bela vista – Novo Airão (24.08.2019)

Mapa 05 – Moura / Base Carabinani (23.08.2019)

Mapa 06 – Base Carabinani / Novo Airão (25 a 26.08.2019)

Base Carabinani / Novo Airão (25 a 26.08.2019)

25.08.2019 (Base Carabinani / AC 06)

Hino a Caxias
(D. Aquino Correia [35])

[...] Salve, Duque Glorioso e sagrado
Ó Caxias invicto e gentil!
Salve, flor de estadista e soldado!
Salve, herói militar do Brasil.
Do teu gládio sem par, forte e brando,
O arco de ouro da paz se forjou,
Que as províncias do Império estreitando
À unidade da Pátria salvou. [...]

Um dia muito especial, 25 de agosto (eternamente "*Dia do Soldado*"), Salve, Salve Caxias!!! Em tua homenagem parto hoje.

Acordei às 04h20, todo o pessoal da Base Carabinani, Geraldo, Jakson e Ibrahim estavam de "*Pé e à Ordem*" prontos para as formais despedidas. Mais uma vez me emocionei com aquele gesto tão espontâneo desses homens simples mas altivos e comprometidos com sua nobre missão de preservação da biodiversidade amazônica. Parti às 05h10, levando, mais uma vez, na bagagem ternas lembranças de velhos e novos amigos e triste por ter constatado a falta de ação dos governos, de todos os níveis, na área de educação e da cultura.

Por volta das 10h00, armou-se uma tempestade, que em vão tentei contornar, os relâmpagos me fizeram abandonar o talvegue do Rio e procurar abrigo nos igapós.

---

[35] Dom Aquino Correia: poeta e orador sacro, Arcebispo de Cuiabá.

Segurei um dos galhos mais baixos, de um arbusto, cuja copa deveria estar menos sujeita à servir de para-raios, alinhei a popa de modo a receber os banzeiros de frente e aguardei passar a borrasca.

Continuei remando até que, por volta das 11h30, surgiu outro Cumulus Nimbus gordo, baixo, escuro e barulhento à bombordo. Piquei a voga e consegui me safar desta nova tormenta além de poder surfar nas marolas que se formavam e permitiam que o "*Argo I*" deslizasse suavemente pelas ondas.

Estava curtindo estes momentos quando o Toco, o artilheiro dos jogos de futebol de ontem apareceu pilotando um barco com alguns membros da Comunidade D. Cristovão. Conversamos um pouco e logo depois ele seguiu para Novo Airão e comecei a procurar um local para acantonar.

Aportei, antes das 14h00, bastante cansado, depois de remar 61 km, em um barracão, nas proximidades da Pedra do Sanduíche, região de Madadá. O acesso é feito através de uma pequena Baía, estacionei o caiaque, por segurança, fora da linha de visada de quem passava pelo Rio numa prainha protegida por um igapó logo à jusante.Visitei a Pedra do Sanduíche e as Grutas do Madadá, nos idos de 01.11.2016, as duas Grutas localizadas no Parque de Anavilhanas, são formadas por grupos de rochas de arenito com mais de 700 milhões de anos.

Na minha primeira descida, em dezembro de 2009 a janeiro de 2010, na vazante, eu fizera algumas observações quanto às dificuldades de navegação no Negro e à linha d'água ideal – as águas límpidas do Negro fazem com que o caiaque submerja mais fato que não se alterou em relação ao atual período das cheias.

Achei que a velocidade das águas seria alterada facilitando minha descida, ledo engano, como os demais Rios da calha da Bacia Amazônica a cheia de estende aos lagos vizinhos, transforma margens e ilhas em igapós os afluentes recebem as águas do formidável manancial dissipando, com isso, uma grande quantidade de energia e perdendo a torrente considerável força.

Remei hoje sofríveis 61 km em quase 9 horas de navegação. A mesma média que consigo manter nos Mares de Dentro onde não há corrente alguma. Tentarei, amanhã, melhorar o rendimento para chegar dentro do prazo em Manaus. A missão "*Descendo o Rio Branco*" já foi concluída na Foz do Rio Branco.

A noite foi tranquila, mas mesmo assim, por segurança avivei o fogo duas vezes na madrugada. O telheiro permitiu que eu deixasse de lado o toldo da barraca. Os pássaros noturnos pararam de cantar após as dez horas. Tirei sonecas interrompidas aqui e ali por sutis ruídos noturnos.

Total 10° Dia – Base Carabinani / AC 06 = 61,0 km

Total Geral – P. Macuxis / AC 06 = 683,0 km

26.08.2019 (AC 06 / Novo Airão)

Acordei antes da hora marcada, 04h30, e às 05h30 partia usando minha lanterna de cabeça para poder me guiar pelo labiríntico igapó.

A densa camada de nuvens e neblina limitava a visibilidade a menos de 500 m. As fotografias aéreas do Google, apesar da cheia me permitiram seguir a rota sem qualquer dificuldade.

Imagem 54 – Mirante do Gavião

Por volta das 08h00, a neblina dissipou-se totalmente e a canícula veio com tudo. Avistei Novo Airão, por volta do meio-dia, depois de navegar durante quase 06h30 por 52 km (8 km/h). Eu estava cansado e precisava recarregar as energias dormindo bem por dois dias.

A ideia é pernoitar em Novo Airão e continuar a viagem depois de amanhã. Contatei o pessoal do Hotel Mirante do Gavião, o primeiro que avistei desde Rio – belíssimo, requintado, mas o quarto mais simples 890 reais. Decidi optar pela Pousada Bela Vista – 150 a diária.

Parto 28, quarta-feira, para Manaus, onde pretendo aportar dia 30, se tudo correr bem.

Total 11° Dia – AC 06 / Novo Airão = 52,0 km

Total Geral – P. Macuxis / Novo Airão = 735,0 km

Imagem 55 – Iguana iguana

27.08.2019 (Pousada Bela Vista, Novo Airão)

Dia tranquilo na Pousada Bela Vista em Novo Airão. Bem alimentado e medicado, as costas se ressentiam da postura rígida no caiaque. Os Iguana iguana fizeram-me companhia constante no restaurante da Pousada, perambulado pelo chão do restaurante ou comendo frutinhas e folhas nos galhos das árvores da vizinhança.

Vou procurar melhorar meu rendimento quando desci este trecho do Rio em janeiro de 2010. Naquela jornada fiz uma parada na Comunidade Terra Preta, no Hotel Ariau (cortesia do Dr. Rita) e depois na praia do 2° Gpt E.

Desta feita o objetivo é me aproximar o máximo das ruínas do Ariau e depois direto em Manaus. Vamos torcer para que S. Pedro colabore e minha esgualepada carcaça aguente. Na Rota!!!

Uns Versos Quaisquer
(*Fernando Pessoa*)

Vive um momento com saudade dele
Já ao vivê-lo...
Barcas vazias, sempre nos impele
Como a um solto cabelo
Um vento para longe, e não sabemos,
Ao viver, que sentimos ou queremos...

Demo-nos pois a consciência disto
Como de um lago
Posto em paisagens de torpor mortiço
Sob um céu ermo e vago,
E que nossa consciência de nós seja
Uma cousa que nada já deseja...

Assim idênticos à hora toda
Em seu pleno sabor,
Nossa vida será nossa anteboda:
Não nós, mas uma cor,
Um perfume, um meneio de arvoredo,
E a morte não virá nem tarde ou cedo...

Porque o que importa é que já nada importe...
Nada nos vale
Que se debruce sobre nós a Sorte,
Ou, tênue e longe, cale
Seus gestos...
Tudo é o mesmo...
Eis o momento...
Sejamo-lo...
Pra quê o pensamento?

Novo Airão / Manaus (28 a 29.08.2019)

28.08.2019 (Novo Airão / AC 07)

O Sonho dos Sonhos
(Múcio Teixeira)

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais sinto ter passado distraído
Por tanto bem – tão mal compreendido,
Por tanto mal – tão bem recompensado!

Em vão relanço o meu olhar cansado
Pelo sombrio espaço percorrido:
Andei tanto – em tão pouco... e já perdido
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado!

E assim prossigo sempre para diante,
Vendo, o que mais procuro, mais distante,
Sem ter nada – de tudo o que já tive...

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais julgo a vida – o sonho mal sonhado
De quem nem sonha que a sonhar se vive!

Acordei às 04h15, tomei um bom banho, arrumei as poucas tralhas com calma fiz duas viagens pela enorme escadaria levando o material para perto do caiaque. Com o Argo I pronto partimos, às 05h10, usando a lanterna de cabeça, a escuridão era total. Alguns navegantes curiosos não satisfeitos em identificar que se tratava de uma pequena embarcação focavam seus holofotes diretamente nos meus olhos provocando uma cegueira temporária.

A jornada transcorreu agradável e tranquila, as nuvens bloqueavam o Sol amenizando a canícula e uma leve brisa embalava o Argo I pelas negras águas.

Às 10h00, quando parei para avaliar o trajeto e meu desempenho, medi a velocidade do caiaque descendo de Bubuia e o GPS marcou 0,8 km/h. O Sol tomou conta do firmamento, os ventos de proa de 10 km/h, provocavam vagas que chegavam a quase um metro de altura e a velocidade baixou para 6 km/h. Foram mais de duas horas sofridas em que senti que seria impossível atingir meu objetivo - a região do antigo Hotel Ariau.

À tarde verifiquei que o caule da vegetação submersa não denunciava nenhuma correnteza. Certamente o Solimões barrava a impetuosidade do Negro. Foi por isso que minha velocidade se igualou àquela que desenvolvo no Rio Guaíba e nos Mares de Dentro (7,2 km/h ou 4 nós) onde a velocidade da torrente é nula.

Do meio-dia em diante os ventos arrefeceram um pouco assim como as ondas, mas o esforço fora demasiado e resolvi aportar por volta das 15h00. Os trovões à Boreste não me agradavam, tinha uma baía entre a ponta da prainha e o istmo do Ariau e eu não estava em condições de enfrentar mau tempo tão afastado da margem.

Há uns30 metros da água tinha um arbusto, a sombra ia cair bem, um bando de talha-mares, aquerenciado no local, seriam meus cães de guarda, coloquei o carrinho no Argo I e me instalei.

Espero aportar no porto do Centro de Embarcações do Comando Militar da Amazônia (CECMA) antes das 15h00 de amanhã.

Total 12° Dia – N. Airão / AC 07 = 80,0 km

Total Geral – P. Macuxis / AC 07 = 815,0 km

Imagem 56 – Acampamento 07 – AC 07 (28.08.2019)

Imagem 57 – Porto do CECMA (29.08.2019)

Mapa 07 – Novo Airão / CECMA (28 a 29.08.2019)

29.08.2019 (Cercanias do Ariau / CECMA)

Malaca Conquistada
(Francisco de Sá de Menezes)
Livro I – LXX

Considera melhor primeiro quanto
Aventuras, e o fim desta jornada;
Na qual o conhecido risco é tanto,
E o que ganhar se pode é pouco, ou nada [...]

Noite tranquila, as talha-mares não sinalizaram nenhum movimento anômalo na prainha, a barraca sem toldo permitia uma aragem fresca e uma visão ímpar da abóbada celeste. O ombro está cem por cento curado, em compensação minhas costas precisam de analgésicos para que eu possa dormir.

Acordei, às 04h00, e parti às 05h00 na direção Leste procurando me aproximar o mais possível da margem esquerda. Pelas 09h00 ultrapassava o ponto mais estreito de todo o Rio Negro. O rendimento de hoje era bem superior ao de ontem, o vento do quadrante Este deu uma trégua e uma suave correnteza permitia que o Argo I deslizasse mais suavemente.

Pelas 11h00, ao passar pela Ponta Negra, recebi a resposta do Major Magalhães de que era melhor aportar no CECMA. Aproei para lá onde aportei às 11h30 e de onde fui resgatado às 12h45.

A movimentação era grande no Grupamento em apoio à diversas atividades, Operação Acolhida aos venezuelanos e Operação Verde Brasil atuando no combate às queimadas da região da Amazônia, por isso mesmo, fiquei em um alojamento coletivo. Combinei então com o Cel Angonese que adiantasse minha passagem para Vilhena o quanto antes.

Esta descida de 13 dias desde Boa Vista, RR, até Manaus, AM, concretizou 13.366 km de descidas em diversos Rios da Bacia Amazônica. Um número extremamente fatídico, e esta dupla coincidência do número de dias da jornada atual e do somatório de todas as jornadas já previsto pelo Grande Arquiteto do Universo fez com que ele me desse um sutil alerta através de meu manguito rotador direito, ainda bem que não foi o esquerdo.

Obrigado a cada um de vocês que torceram, apoiaram e incentivaram nossa humilde jornada. Sem vossos préstimos certamente não teríamos atingido com tanta tranquilidade nosso objetivo final.

Total 13° Dia – Cercanias Ariau / CECMA = 45,0 km

Total Geral – P. Macuxis / CECMA = 860,0 km

Bibliografia

A BATALHA, N° 4.334. ***A Fronteira Brasileira com a Venezuela - Prosseguem Ativamente os Trabalhos da Comissão Demarcadora*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Batalha, N° 4.334, 25.09.1940.*

A BATALHA, N° 4.346. ***O Presidente Vargas na Amazônia - Em Contato com os Membros da Comissão de Limites*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Batalha, N° 4.346, 09.10.1940.*

A BATALHA, N° 4.425. ***Atacados e Cercados Pelos Índios os Membros da Comissão de Limites*** *-* ***Surpreendidos e Cercados Quando Dormiam Foram Todos Feridos por Flechas Envenenadas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Batalha, N° 4.425, 14.01.1941.*

A FOLHA NOVA N° 423. ***O Alto Amazonas – Notas d'um Viajante*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Folha Nova n° 423, 21.01.1884.*

A FOLHA NOVA N° 534. ***Os Índios Waimirys*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Folha Nova n° 534, 11.05.1884.*

A FOLHA NOVA N° 540. ***À Propósito dos Índios Waimirys*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Folha Nova n° 540, 17.05.1884.*

A NOITE, N° 11.599. ***Encerrando uma Divergência Secular - O Acordo Final de Limites Entre o Peru e o Equador*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite, N° 11.599, 29.05.1944.*

A NOITE, N° 11.876. ***A Questão de Limites Entre o Peru e o Equador*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite, N° 11.876, 07.03.1945.*

ACD, 1958. ***Anais da Câmara dos Deputados*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Volume 5, 1958.*

ADRIÃO, Paulo Cezar de Aguiar. ***Almirante Braz Dias de Aguiar – Gigante da Nacionalidade!*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Marítima Brasileira, Volume 130, n° 07/09 – jul./set. 2010.*

AZEVEDO, Aroldo de. ***Brasil, a Terra e o Homem*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1964.*

AZEVEDO, Reinaldo. ***Tarso Genro o Trotskista Surtado*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista VEJA, Edição 2075, 27.08.2008*

BAINES, Stephen Grant. ***O Território dos Waimiri-Atroari e o Indigenismo Empresarial*** *– Brasil – Brasília, DF – UNB, 1993.*

CARVALHO, José Cândido de Melo. ***Notas de Viagem ao Rio Negro*** *– Brasil – São Paulo, SP – Edições GRD, 1983.*

CORREIO BRAZILIENSE N°18.566. ***Maduro Anuncia Prisão de Generais Golpistas*** *– Brasil –Brasília, DF – Correio Braziliense n°18.566, 26.03.2014.*

CORREIO BRAZILIENSE, N° 18.185. ***Posse sob Contestação*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense n°18.185, 09.03.2013.*

CORREIO BRAZILIENSE, N° 18.222. ***Nicolás Maduro Enfrenta o Desafio de Suceder Chávez*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense n°18.222, 15.04.2013.*

CORREIO BRAZILIENSE, N° 18.223. ***Chavismo em Causa*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense n°18.223, 16.04.2013.*

CORREIO BRAZILIENSE, N° 18.531. ***Entrevista Fernando Henrique Cardoso*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense n°18.531, 19.02.2014.*

CORTESÃO, Jaime. ***Introdução à História das Bandeiras – Morre um Bandeirante*** *– Brasil – Rio Branco, AC – O Acre, 18.01.1948.*

COUTINHO & PAULIN & MEDEIROS, Leonardo Coutinho & Igor Paulin & Júlia de Medeiros. ***A Farra da Antropologia Oportunista*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista Veja – Edição 2.163, 05.05.2010.*

DECRETO N° 88.985. ***Regulamenta os Artigos 44 e 45 da Lei n° 6.001, de 19.12.1973, e dá outras providências.*** *– Brasil – Brasília, DF – www2.camara.leg.br, 10.11.1983.*

DEFESANET, 08.06.2015. ***Militares Brasileiros e Pesquisadores Americanos Refazem Expedição Histórica*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Defesanet, 08.06.2015.*

DIÁRIO DA NOITE, N° 262. ***Às Zonas mais Desconhecidas da América do Sul*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário da Noite, N° 262, 11.08.1930.*

DIÁRIO DE CÁCERES, 24.08.2017. ***Grupo que Refaz a Rota da Expedição Roosevelt-Rondon Passa por Cáceres*** *– Brasil – Mato Grosso, MT – Diário de Cáceres, 24.08.2017.*

DIÁRIO DE NOTÍCIAS N° 271. ***Waimirys*** *– Brasil – Belém, PA – Diário de Notícias n° 271, 28.11.1886.*

DIÁRIO DE NOTÍCIAS N° 96. ***Waimirys*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário de Notícias n° 96, 10.09.1885.*

DUCKE, Adolpho. ***Aguiara*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Annaes da Academia Brasileira de Ciências, Edição 1, 1938.*

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. ***Viagem Filosófica pelas Capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Conselho Federal de Cultura, 1971.*

FOLHA DE SÃO PAULO, 23.08.2017. ***Procuradoria quer Indenização e Desculpas a Índios por Violações na Ditadura*** *– Brasil – São Paulo, SP – Folha de S. Paulo, 23.08.2017.*

FOLHA DE SÃO PAULO, N° 3.285. ***Governo Bolsonaro Renova Temor de Conflito em Tribo da Amazônia*** *– Brasil – São Paulo, SP – Folha de S. Paulo, n° 3.285, 17.03.2019.*

FON FON, N° 09. ***Fon Fon! Na Fronteira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante, Edição n° 09, 1914.*

FREGAPANI, Gélio. ***No Lado de Dentro da Selva II*** *– Brasil – Brasília, DF – Thesaurus Editora, 2009.*

GARZON, Luiz Fernando Novoa. ***O Destino Manifesto e a Tragédia Anunciada*** *– Brasil – São Paulo, SP – www.correiocidadania.com.br.*

GAZETA DE NOTÍCIAS, N° 291. ***Heróis da Selva*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Gazeta de Notícias, n° 291, 13.12.1942.*

GENTE DE OPINIÃO, 22.10.2017. ***Epopeia Acreana – Parte I*** *– Brasil – Rondônia, RO – Gente de Opinião, 22.10.2017.*

GOYCOCHÊA, Castilhos. ***Fronteiras e Fronteiros*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1943.*

GUERRA, Antonio Teixeira. ***Estudo Geográfico do território do Rio Branco*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Conselho Nacional de Geografia (CNG), IBGE, 1957.*

JB, N° 148. ***Gripe Mata Chefe Waimiri-Atroari que era Contra Brancos e mais 14 Companheiros seus Brasil*** *– Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 148, 03.09.1973.*

JB, N° 266. ***"Tem Branco no Meio", diz Sertanista sobre o Ataque dos Waimiri*** *– Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 266, 31.12.1974.*

JB, N° 282. ***Máquinas Chegam ao Território dos Waimiri-Atroari*** *– Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 282, 17.01.1974.*

*JB, N° 287. F****unai Culpa Viajante Pelo Massacre de 3 Funcionários*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 287, 03.02.1973.*

JB, N° 55. ***Roraima a mãe das Águas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil - n° 55, 08.03.1963.*

JB, N° 63. ***Os Nossos Limites com a Venezuela - O "Jornal do Brasil" ouve o Comandante Braz de Aguiar, Chefe da Missão Brasileira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, N° 63, 14.03.1930.*

JC, N° 21.340. ***Atroari que Mataram Calleri, Agora Expulsam médicos de sua Aldeia*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Comércio, n° 21.340, 29.07.1973.*

JC, N° 63. ***Gazetilha – Território de Roraima*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Comércio, n° 63, 18.12.1962.*

JORNAL O GLOBO, 04.04.1977. ***De Manaus a Boa Vista, pelo Território dos Índios*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal o Globo, 04.04.1977.*

JRH, 29.09.2017. ***Exposição do Artista Augusto Cardoso Marca Reabertura da Galeria Luiz Canará no Parque Anauá*** *– Brasil – Boa Vista, RR – Jornal Roraima Hoje, 29.09.2017.*

LOCZY, Louis de. ***Considerações Concernentes à Constituição Tectônica do Escudo das Guianas com Especial Referência à Formação Roraima*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Academia Brasileira de Ciências, Vol. 44, n° 1, 1972.*

MARTINS, Ives Gandra da Silva. ***Você é Branco? Cuide-se!*** *– Brasil – www.correiocidadania.com.br, 2011.*

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. ***Quando o Amazonas Corria para o Pacífico*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ed. Vozes, 2007.*

NARLOCH, Leandro. ***Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*** *– Portugal – Amadora – Ed. Leya, 2009.*

O ECONOMISTA N° 844. ***Brasil*** *– Portugal – Lisboa – O Economista n° 844, 18.06.1884.*

OEMG, n° 6.639. ***Roraima não tem Rota Fácil Para Escalada*** *– Brasil – Mato Grosso, MT – O Estado de Mato Grosso, n° 6.639, 26.09.1973.*

OPINIÃO, N° 114. ***Segundo a Funai, o Sertanista Gilberto Pinto era Amado pelos Waimiri-Atroari. Na semana passada eles o mataram. Por quê?*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Opinião, n° 114, 10.01.1974.*

QUARTIN, Adriano de Souza. ***Sessão Solene a 08.10.1948, no Salão de Conferências do Palácio Itamaraty*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Naval – Revista Marítima Brasileira Edição 153, N° 7, 8 e 9 – jan, fev, mar, 1949.*

REALIDADE, n° 97. ***Mundo Perdido – Hamish Mao Innes*** *– Brasil – São Paulo, SP – Realidade, n° 97, abril de 1974.*

RECLUS, Élisée. ***Estados Unidos do Brasil, Geografia, Etnografia, Estatística*** *– Brasil – Rio de Janeiro – H. Garnier, 1900.*

REVISTA VEJA, N° 331. ***ÍNDIOS – Outro Massacre*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista Veja, n° 331, 29.12.1974.*

RORAIMA EM FOCO, 30.08.2019. ***Roraima Forma Primeira Turma do Curso de Policiamento Ambiental*** *– Brasil – Boa Vista, RR – Roraima em Foco, 30.08.2019.*

SABATINI, Silvano. ***Massacre*** *– Brasil – São Paulo, SP – CIMI – Edições Loyola, 1998.*

SARNEY, José de Araújo Costa. ***Opinião: Fronteiras Sangrentas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Folha de São Paulo, 18.04.2008.*

SOUSA, Márcia. ***Moradores da Região de Palmas Vivem Clima de Tensão e Incertezas, Incra diz que está Realizando Levantamento, e não Vistorias*** *– Brasil – Bagé, RS – Jornal Minuano 06.04.2010.*

STADEN, Hans. ***Duas Viagens ao Brasil*** *– Brasil – Belo Horizonte, MG – Editora Itatiaia, 1974.*

THE ECONOMIST. ***Brazil's Indians: The Amazon's Indian Wars*** *– Inglaterra – Londres, 15.01.2004.*